



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

JULIANA ALMEIDA CHAGAS

***PIXAÇÃO E AS LINGUAGENS VISUAIS NO BAIRRO BENFICA: UMA ANÁLISE
DOS MODOS DE OCUPAÇÃO DE *PIXOS* E *GRAFFITI* E DE SUAS RELAÇÕES
ENTRE SI.***

FORTALEZA

2015

JULIANA ALMEIDA CHAGAS

PIXAÇÃO E AS LINGUAGENS VISUAIS NO BAIRRO BENFICA: UMA ANÁLISE DOS
MODOS DE OCUPAÇÃO DE *PIXOS* E *GRAFFITI* E DE SUAS RELAÇÕES ENTRE SI.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Glória Maria dos Santos Diógenes

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

C424p Chagas, Juliana Almeida.

Pixação e as linguagens visuais no bairro Benfica : uma análise dos modos de ocupação de pixos e graffiti e de suas relações entre si / Juliana Almeida Chagas. – 2015.
164 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Cidade, movimentos sociais e práticas culturais.
Orientação: Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes.

1.Arte de rua – Benfica(Fortaleza,CE). 2.Grafitos – Benfica(Fortaleza,CE). 3.Grafiteiros – Benfica (Fortaleza,CE) – Atitudes. 4.Vida urbana – Benfica(Fortaleza,CE). 5.Espaços públicos – Benfica (Fortaleza,CE). I. Título.

CDD 751.730922098131

JULIANA ALMEIDA CHAGAS

PIXAÇÃO E AS LINGUAGENS VISUAIS NO BAIRRO BENFICA: UMA ANÁLISE DOS MODOS DE OCUPAÇÃO DE PIXOS E GRAFFITI E DE SUAS RELAÇÕES ENTRE SI.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Glória Maria dos Santos Diógenes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a todos que participaram e colaboraram com essa pesquisa é imensa, tão quanto minha felicidade de poder iniciá-la e concluí-la.

Meus agradecimentos maiores são para Deus sem o qual ou os quais tudo seria mais difícil, através das preces eu busquei força e iluminação para desenvolver as ideias.

Meu carinhoso agradecimento ao meu esposo Hermes por compartilhar essa jornada, por seu apoio e amor. De tão cúmplice passou a sentir a minha ansiedade em concluir esse projeto de vida.

Agradeço enormemente à minha família, meu pai, mãe e irmãos que sempre me apoiaram em minhas escolhas, com eles eu pude exercer minha liberdade na segurança de tê-los por perto.

Agradeço já sentindo saudades de minha professora e orientadora Prof^a. Dr^a. Glória Diógenes, tenho por ela muito carinho, respeito e admiração. Ela foi parceira nesse projeto, sem suas palavras e orientações essa pesquisa não seria possível. Obrigada Glória pela confiança depositada em minha pessoa, ajuda, carinho e dedicação.

Agradeço aos professores participantes da Banca de Qualificação Alexandre Fleming e Deisimer Gorczewski pelas valiosas contribuições que engrandeceram este trabalho. E ao professor Alexandre Barbalho e também Alexandre Fleming por suas excelentes contribuições na Defesa.

Agradeço ao companheiro de trabalho Sgt Ramos do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará que se compadeceu da minha falta de tempo e permutou de posto comigo o que possibilitou enormemente minha maior dedicação ao mestrado.

Meus muitos obrigados a toda galera da *pixação* de Fortaleza que eu encontrei nos muros da cidade, nas *réus*, nos eventos e nas comunidades do *Facebook*. Vocês foram a inspiração dos meus dias e a incógnita de minha infância.

Obrigada ao *graffiti* cearense e todos os sujeitos envolvidos em movimentar essa cena na cidade, é nós!!

“Quem vê é andarilho, andarilho que anda vê.”
(Depoimento na comunidade Xarpi
[OFICIAL] em 14 dez. 2014).

RESUMO

A presente pesquisa foca na análise das práticas da *pixação* e do *graffiti* e de suas relações na cidade de Fortaleza-CE. Esse estudo teve como delimitação de campo o bairro Benfica e através de uma metodologia etnográfica as ruas e avenidas desse bairro foram percorridas por meio de caminhadas que tiveram como foco a observação e registro, por meio de fotografias, dos signos de *pixos*, *graffiti* e publicidade. Problematizamos de que maneira essas intervenções ocupam a cidade e de que modo elas se relacionam entre si. Os muros apresentaram relações, em sua maioria, conflituosas a partir de uma disputa por visibilidade. A partir das imagens de campo e fala dos interlocutores foram desenvolvidas discussões acerca das seguintes relações: *costura*, *atropelo*, *rasura*, *sufoco* e *cobertura*. As narrativas também deflagraram diferenciações nas fronteiras entre *pixação*, *graffiti* e arte urbana. Para além da agonística que permeiam esses campos, a ação de ressignificar o urbano por meios dessas linguagens foi vista a partir das contribuições de Rancière e de outros autores como Foucault e Agamben como cenas de dissenso ou micropolíticas de resistência que possibilitam rearranjos de poder, desafiando as forças da disciplina e da normatização.

Palavras-chave: *Pixação*. *Graffiti*. Agonística. Cidade. Benfica.

ABSTRACT

This research focuses on the analysis of the practices of *pixação* and graffiti and their relations in the city of Fortaleza-CE. This study was field delimitation Benfica neighborhood and through an ethnographic methodology the streets and avenues of this neighborhood were covered by hikes that have focused on the observation and recording, through photographs, *pixos* signs, graffiti and advertising. We question how these interventions occupy the city and how they relate to each other. The walls had relations, mostly conflicting from a competition for visibility. From the field and speaks of the interlocutors was made discussions about the following relationships: sewing, trampling, erasure, suffocation and coverage. The narratives also triggered differentiation in the boundaries between *pixação*, graffiti and urban art. In addition to the agonistic that permeate these fields, the action of reframe the city by these languages was seen from the contributions of Rancière and other authors as Foucault and Agamben as dissent scenes or resistance of micro enabling power rearrangements, challenging the forces of discipline and standardization.

Keywords: *Pixação*. Graffiti. Agonistic. City. Benfica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01	– Paisagem urbana na Avenida Carapinima	20
Desenho 02	– Croqui do bairro Benfica	28
Fotografia 03	– “Caixa de Morpheu”	35
Mapa 04	– Limites cartográficos do bairro Benfica	36
Desenho 05	– Igreja Nossa Senhora dos Remédios	38
Mapa 06	– Benfica Parte I	39
Desenho 07	– MAUC	40
Desenho 08	– Bloco da Cultura Germânica UFC	40
Desenho 09	– Reitoria UFC	41
Desenho 10	– Praça José Gentil	42
Desenho 11	– Residência Universitária	43
Desenho 12	– Praça da Feira da Gentilândia	43
Mapa 13	– Benfica Parte III	44
Desenho 14	– Shopping Benfica	45
Fotografia 15	– UFC, Avenida Carapinima	46
Fotografia 16	– Comércio de fotocópias	47
Mapa 17	– Benfica Parte II	48
Desenho 18	– FEAAC	48
Fotografia 19	– “Outrem”, Avenida da Universidade	51
Fotografia 20	– <i>Graffiti</i> de Narcélio Grud e <i>pixo</i> de Babal GPS, av. Treze de Maio	52
Mapa 21	– Mapeamento de <i>pixos</i> e <i>graffiti</i> no Benfica	53
Fotografia 22	– <i>Pixações</i> e <i>pichação</i> , Rua Francisco Pinto	55
Fotografia 23	– <i>Graffiti</i> Acidum “Preda, prego, otário”, Rua Marechal Deodoro	64
Imagem 24	– S/ título	66
Fotografia 25	– Saimo VDM	68
Imagem 26	– Pixoswaldo	70

Imagem 27	– Pixoswaldo	70
Imagem 28	– Pixoswaldo	71
Fotografia 29	– “Vem na trilha”, Avenida da Universidade	77
Fotografia 30	– Escritas de <i>pixação</i>	80
Fotografia 31	– Mural de <i>graffiti</i>	81
Fotografia 32	– <i>Xarpi</i> + sigla	82
Fotografia 33	– <i>Oferecimento</i> para Capote e Cromado	83
Fotografia 34	– <i>Graffiti</i> de Doug IAC e <i>consideração</i> de Roco SF e Carinha JM	84
Fotografia 35	– Mural de <i>graffiti</i> - 3º Encontro de <i>Graffiti</i> VAN Crew do Nordeste ...	85
Fotografia 36	– Cabum, <i>graffiti</i> de Edu RAM, Rua Francisco Pinto	87
Fotografia 37	– <i>Graffiti</i> 3D de Edu RAM, Avenida da Universidade	96
Fotografia 38	– <i>Graffiti</i> de Edu RAM “Slayer”, Ginásio da Parangaba	98
Fotografia 39	– <i>Graffiti</i> de Ioda MU e <i>atropelo</i> de Surf SF, av. Carapinima	100
Fotografia 40	– “Novos olhares”, Avenida Carapinima	101
Fotografia 41	– Letreiro de publicidade, Avenida Eduardo Girão	102
Fotografia 42	– <i>Graffiti</i> de Grud <i>atropelo</i> de Carinha SF e Surf SF, av. 13 de Maio .	103
Fotografia 43	– <i>Bomb</i> de SIG 100crew, Avenida Eduardo Girão	103
Fotografia 44	– <i>Atropelo</i> de propaganda política aos <i>pixos</i> , av. da Universidade	105
Fotografia 45	– <i>Graffiti</i> de Kel e Cris <i>atropelados</i> por cartazes, av. Carapinima	105
Fotografia 46	– <i>Xarpi</i> de Carioca TDE <i>atropelado</i> por <i>graffiti</i>	106
Fotografia 47	– “Guerra de Tinta”, Avenida Carapinima.....	109
Fotografia 48	– <i>Rasura</i> no <i>pixo</i> de Vampyro AC	110
Fotografia 49	– <i>Sufoco</i> no <i>xarpi</i> de Pirado GDR e Bafu GDR por Papa RM	113
Imagem 50	– Tipografia “Adrenalina” inspirada na <i>pixação</i> de São Paulo	115
Imagem 51	– <i>Xarpi</i> de Cromado GDR	116
Fotografia 52	– “Círculo Vicioso”, Avenida dos Expedicionários	120
Fotografia 53	– Master AC e Porão SF, Avenida Carapinima	121

Fotografia 54 – <i>Xarpí</i> renovado de Brasa GDR, Rua Joaquim Magalhães	124
Fotografia 55 – “Esquina Memori”, av. da Universidade com Domingos Olímpio ...	127
Fotografia 56 – Homenagem à Master AC, Bairro José Walter.....	128
Fotografia 57 – “Tempo-denúncia”, Avenida Treze de Maio	129
Imagem 58 – “Esqueci minha câmera”	131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS DAS GALERAS DE PIXAÇÃO

AB	Arts of Boys
AB	Abandonados do Bairro
AC	Arte Condenada
CR	Comando Rebelde
DG	Destino dos Grafiteiros
EDT	Espíritos das Trevas
EM	Esquadrão Maligno
ER	Esquadrão Rebelde
FG	Feras dos Grafiteiros
FOX	Feras of Xarpi
GDR	Garotos de Rua
GG	Garotas Grafiteiras
GPS	Grafiteiros Para Sempre
GS	Grafiteiros Sulurbanos
GU	Geração Urbana
GUP	Grafiteiros da Última Profecia
GZP	Grafiteiros da Zona Proibida
JM	Jovens Malvados
LDP	Loucos, Delinqüentes, Psicopatas.
MP	Malucos Pixadores
MV	Malucos Vândalos
NG	Novos Grafiteiros

NP Nascidos para Pixar
RM Rebeldes da Madrugada
RPM Rebeldes Protestantes da Madrugada
SA Sujando e Anarquisando
SF Skizito Fobia
TB Terroristas dos Bairros
TDA Terrorista de Atitude
TDE Terrorista da Escuridão
UG União dos Grafiteiros
UR União Rebelde
VE Vila Ellery
VPC Vagabundos do Posto Carioca
VQ Varias Queixas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS DAS CREWS DE GRAFFITI

ACD1	Acidum Arco Crew
AMS	Arte Manipulando o Sistema Coração de Tinta
CP	Carne de Porco Flip Jay
IAC	In-Ação Klã Crew
MU	Muralistas Urbanos Narcélio Grud Paralelus
P2K	Paridos pelo Kaos
RAM	Revolução Através dos Muros Selo Coletivo
VAN	Violência Artística Nacional
VDM	Voz dos Muros
VTS	Viciados em Tinta <i>Spray</i> 89Crew 100Crew

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	PERCALÇOS METODOLÓGICOS, A BUSCA DE UM NOVO OLHAR	24
3	O BAIRRO BENFICA E SUAS INSCRIÇÕES URBANAS.....	34
3.1	Aspectos históricos e descrição do bairro.....	34
3.2	Estudo exploratório dos <i>pixos</i>, <i>graffiti</i> e publicidade no Benfica.	52
3.3	Representação e usos das linguagens urbanas: publicidade, <i>graffiti</i> e <i>pixações</i>.....	57
3.3.1	O que é publicidade.....	58
3.3.2	Breve história do <i>graffiti</i>	59
3.3.3	O aparecimento da <i>pixação</i>	61
3.3.4	<i>Graffiti</i>: um poder artístico duplo	63
3.3.5	A <i>pixação</i> e suas representações	65
4	A CIDADE COMO <i>LÓCUS</i> DA COMUNICAÇÃO VISUAL	74
4.1	A relação entre espaço e linguagem na <i>pixação</i> e no <i>graffiti</i>.....	76
4.2	O diagrama da <i>pixação versus</i> o diagrama do <i>graffiti</i>	81
5	<i>COSTURA, ATROPELO, RASURA, SUFOCO E COBERTURA: RELAÇÕES NOS MUROS DO BENFICA</i>	90
5.1	Estudo de casos	95
5.1.1	<i>Costura</i>	95
5.1.2	<i>Atropelo</i>	98
5.1.3	<i>Rasura</i>	108
5.1.4	<i>Sufoco</i>	113
5.1.5	<i>Cobertura</i>	119

5.2	As peles que habitam o muro: efemeridade e permanência	122
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	136
	GLOSSÁRIO	141
	APÊNDICE A - DIÁRIO DE CAMPO: 06 DE JANEIRO DE 2013	147
	APÊNDICE B - DIÁRIO DE CAMPO: 04 DE ABRIL DE 2013	149
	APÊNDICE C - DIÁRIO DE CAMPO: 10-18 DE MAIO DE 2013	150
	APÊNDICE D - DIÁRIO DE CAMPO: 20 DE NOVEMBRO DE 2013 ...	152
	APÊNDICE E - DIÁRIO DE CAMPO: 08 DE JUNHO DE 2014	153
	APÊNDICE F - DIÁRIO DE CAMPO: 13 DE JULHO DE 2014	154
	APÊNDICE G - DIÁRIO DE CAMPO: 30 DE AGOSTO DE 2014	156
	APÊNDICE H - DIÁRIO DE CAMPO: 25 DE NOVEMBRO DE 2014 ...	158
	APÊNDICE I - DIÁRIO DE CAMPO: 27 DE NOVEMBRO DE 2014	160
	APÊNDICE J - DIÁRIO DE CAMPO: 07 DE DEZEMBRO DE 2014	162
	APÊNDICE K - DIÁRIO DE CAMPO: 14 DE DEZEMBRO DE 2014	164

1 INTRODUÇÃO

A *pixação*¹ é um tema que me instiga desde a infância talvez porque minha pouca idade coincidiu com o seu aparecimento no final da década de 1980 na cidade de Fortaleza-CE. Essa imagem enigmática esteve latente em minha memória até o momento pontual em que tive que fazer a escolha do objeto de pesquisa de minha monografia² em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará. Assim desde 2009 pesquiso o universo da *pixação* na cidade de Fortaleza.

Na monografia investiguei a história da *pixação* e as características que permeiam essa cultura e que justificam a motivação de jovens para essa prática. De uma forma geral abordei a *pixação* tentando analisá-la tendo por base as categorias principais que norteiam essa prática como a sociabilidade e o conflito. De uma forma isolada observei o *pixo* como uma ferramenta comunicativa entre os jovens praticantes, entendendo que o *xarpi*³ é um código particular de suas escritas. No entanto, mesmo tendo trabalhado com a variável cidade, esta não foi contemplada por um estudo semiótico, como um lugar plurissêmico⁴. Portanto nessa nova pesquisa trago mais uma vez a temática da *pixação* para discuti-la para além de suas particularidades, na observação de sua presença na cidade e em conjunto com outros signos de comunicação.

Sabemos que a paisagem urbana está repleta de signos visuais indicativos de localização e normas constituídas, são signos que compõem o código de trânsito e as sinaléticas

¹ Em itálico, as palavras se referem a nomenclaturas nativas, com exceção das expressões em idioma estrangeiro. O significado dessas palavras encontra-se no Glossário e algumas também seguem explicadas em notas de rodapé.

Deixo claro aqui que essa pesquisa tem como foco a *pixação* grafada com “x”, esse é um tipo específico de linguagem urbana presente nas metrópoles brasileiras. Trata-se de jovens, em sua maioria, que constroem redes de sociabilidades através da escrita de pseudônimos caligráficos e símbolos na cidade. Esses jovens caracterizam especificamente essas inscrições como **pixação** ou **pixo** (termos nativos grafados com “x”).

² CHAGAS, Juliana Almeida. **Imagens e Narrativas: a cultura nômade dos *pixadores* de Fortaleza**. 2012. 87f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

³ *Xarpi* ou foneticamente *xarpi* deriva da palavra *pixação* e simboliza o pseudônimo ou assinatura do *pixador*. Resulta de um dialeto de *pixador* criado no bairro do Catete no Rio de Janeiro e difundido para outras capitais do Brasil, como Fortaleza. Consta em separar as palavras por sílabas e agrupá-las de trás pra frente. A inversão das sílabas era utilizada como código para viabilizar uma comunicação segura entre eles, como por exemplo, “cialipo” significa polícia e “jousu” significa sujou. Alguns narradores pontuaram um declínio de uso dessa linguagem.

⁴ Segundo Ferrara (1997) o plurissêmico são signos do texto não-verbal que tem seu caráter fragmentado, imprevisto, múltiplo e diluído na cidade.

institucionais que fazem parte do modo de viver o urbano. Junto a essas informações oficiais existem múltiplos e diferentes signos que compõem as intervenções urbanas. De diferentes materiais e formatos estes signos constantemente se renovam isso porque seu tempo de exposição é efêmero e suas aparições dependem da constância de sua produção. Estamos falando dos cartazes de festas, dos panfletos de anúncios colados em postes ou muros, das faixas publicitárias, dos estênceis políticos, das intervenções do *graffiti*⁵ e da *pixação*, bem como de outros elementos possíveis de aparecer no corpo da cidade. Essas linguagens urbanas buscam impregnar a cidade por meio da visibilidade e da repetição, cada uma agindo de maneira diferente e, no geral, independente.

Nesses anos pesquisando *pixação*, participando de reuniões de praticantes dessa cultura, observando as discussões em comunidades sobre o *pixo* no *Facebook*, conhecendo e encontrando amigos *pixadores* e grafiteiros, percebi em seus discursos uma demanda comum por espaços na cidade. Pude observar que muitas dessas discussões eram geradas por uma situação de *atropelo*⁶ sofrida por uma de suas criações.

O *atropelo* é uma das ações que produz notórias rivalidades visto que respeitar o espaço do *pixo* é uma das principais, senão a principal regra nesse jogo⁷. O *atropelo* entre *pixos* é menos comum, ocorre por um *vacilo*⁸ do momento ou intencionalmente para *dar o troco*⁹ no outro *pixador*. No entanto é bem comum vermos *pixos* sendo *atropelados* por *graffiti*, pintura mural publicitária, estênceis políticos, cartaz publicitário ou trabalhos de arte

⁵ “O termo deriva do italiano *graffiare* que significa algo como *riscar*. *Graffiti*, vocábulo entretanto banalizado, corresponde ao plural de *graffito* e designa ‘marca ou inscrição feita num muro/parede’. O termo *graffiti* passou a ser empregue para o singular e plural, indistintamente.” (CAMPOS, 2010, p.78-79)

Particularmente nomeio *graffiti* as pinturas feitas na cidade com utilização de tinta *spray*, não desmerecendo o termo aos grupos que mesclam o uso de *spray* às técnicas de arte urbana.

⁶ *Atropelo* é um termo nativo utilizado por *pixadores* e grafiteiros, trata-se de uma situação que acontece nos muros quando uma linguagem urbana é construída sobre outra, visivelmente pode-se ver a intercessão das grafias que se sobrepõem.

⁷ Ter o sentido do jogo é ter o jogo na pele; é perceber no estado prático o futuro do jogo; é ter o senso histórico do jogo. Enquanto o mau jogador está sempre fora do tempo, sempre muito adiantado ou muito atrasado, o bom jogador é aquele que antecipa, que está adiante do jogo. (BOURDIEU, 1996a, p.144)

⁸ *Vacilo* é um termo coloquial muito utilizada pelos jovens cearenses, significando que o sujeito cometeu um erro ou “deu bobeira”.

⁹ *Dar o troco* é uma expressão nativa que significa uma troca de ofensas entre dois sujeitos. O sujeito que se sentiu prejudicado seja por agressão, dano ou insulto pratica um ato de mesma natureza contra o sujeito que outrora o atingiu.

urbana¹⁰ e vice-versa. Essa troca de *atropelos* como forma de representar *um troco* é comumente apresentada na paisagem urbana de Fortaleza, qual seja quando um *pixador atropela* um *graffiti* ou o inverso.

Os signos urbanos dos quais estamos tratando necessitam do suporte físico da cidade para se efetivarem. O espaço público, então, torna-se disputado por essas linguagens gráficas que constantemente se atritam nos espaços de divulgação. Interessados neste cenário urbano nos propõem discutir de que modo dentro da ampliada paisagem comunicativa urbana da cidade a *pixação* se confronta com outros códigos?

O *pixo* é um símbolo corriqueiro presente nas metrópoles brasileiras por se tratar de uma prática juvenil que cultua marcas e visibilidades. Essa estética caligráfica é intensamente multiplicada corporificando um estilo particular do urbano brasileiro. A *pixação* é uma intervenção gráfica com alta potência comunicativa, seja por meio do simbólico ou do literalmente escrito: assinaturas, palavras, frases e desenhos simples (monocromia e apenas uso da linha) fazem parte do arcabouço imagético do *xarpi*.

Esse poder de comunicação é efetuado através do uso da cidade como espaço de expressão, mas, principalmente, pelo modo que a *pixação* é praticada¹¹, as relações que o *xarpi* constrói, por exemplo, envolve um diálogo entre vários participantes. Essa comunicação particular aos seus praticantes é diferente do material publicitário exposto na rua criado através de signos de uma linguagem comum ao entendimento do passante.

[...] a interpretação das intervenções dos pixadores no espaço urbano não se deve restringir a um exame do significado de suas palavras, pois estas muitas vezes são ilegíveis e não passam de significantes vazios, como argumentou anos atrás Jean Baudrillard, em esclarecedora análise dos grafites de Nova York. (CALDEIRA, 2012, p.57)

A linguagem dos *pixos* faz parte do universo simbólico do jogo da *pixação*, o “vazio de significante” exposto para os transeuntes urbanos é um dos motivos dos contragostos para essa prática. Esse contragosto, sentido pela maioria da sociedade, é catalisado pela forma que a *pixação* ocupa a cidade.

Cada *pixador* tem seu modo de atuar na cidade, da preferência por muros, placas ou prédios, a estratégia vai depender de cada um. O jogo aqui é de quem tem mais

¹⁰ Tomo o conceito de arte urbana muito mais como uma reunião de técnicas de intervenção urbana como o *estêncil*, o *lambe-lambe* e o *sticker* do que como uma prática claramente definida.

¹¹ Sobre as características do *xarpi* que constroem a prática da *pixação* ver capítulo 3 “As convenções do *xarpi*” de minha monografia. (CHAGAS, 2012).

pixos, estes reunidos numa só categoria se tornam muitos “a *pixação* tem disso, o *pixador* centraliza uma avenida específica pra se tornar conhecido” (Seco GDR), essa é uma das muitas estratégias utilizadas. (CHAGAS, 2012, p.41)

A subversão das regras sociais é motivadora da prática desses jovens que tomam a estrutura física urbana como desafio, e ao mesmo tempo é o motivo maior das opiniões construídas pela sociedade em geral em torno da *pixação*. “Sujeira” e “vandalismo” são as palavras mais recorrentes da mídia e das autoridades públicas sobre essa linguagem.

Essa maneira particular de tomar o urbano para significá-lo pode ser percebida como uma forma de violência simbólica (BOURDIEU, 1992) pelo senso comum.

Sou terminantemente contra as pichações. Isso é uma agressão à sociedade. Por isso que vale o refrão: "CIDADE LIMPA < POVO EDUCADO!" Abraço. (Depoimento escrito na comunidade do Facebook “Movimento Cidadão Contra As Pichações Em Fortaleza”)¹²

Os *pixos* são entendidos, como no depoimento acima, como agressões públicas. Essas inscrições são lidas, assim, a partir de um sentido de imposição simbólica de linguagem por grupos pertencentes ao espaço social da *pixação*. Os *pixadores* não pertencentes à normatividade de comportamento urbano, não apenas trafegam pela cidade, mas, principalmente, usam-na como um espaço de escrita de si¹³. Essas inscrições inacessíveis para quem não faz parte desse jogo urbano são também nomeadas de “sujeira” identificando os *pixadores*, conseqüentemente, como parte do grupo de “mal educados” ou vândalos.

Essas nomeações depreciativas são comumente visualizadas em falas da mídia e em discursos oficiais, que por sua vez acabam sendo naturalizadas por uma visão comum de significar a *pixação* como uma prática desviante (BECKER, 2008). Essa construção social faz com que na prática os sujeitos *pixadores* sejam responsabilizados por parte da degradação urbana, esvaziando uma possível discussão sobre a temática da *pixação* e uma análise mais crítica sobre a gestão da cidade.

A *pixação* sempre foi isso essa questão de transformar tudo num não vadio, não ordinário, de pegar e ver a *pixação*... “porra, caramba que cidade suja”, mas passar disso e perguntar, por quê. Por que isso aqui ta sujo? Ou não ficar “oh a cidade ta toda suja”, porque você se pergunta por que político tapa *pixação*, mas não tapa buraco? Panfleta a cidade, deixa tudo sujo, põe *outdoor* de 30, 40 metros que tira todo plano diretor, plano guia da cidade, que causa acidente... Então eu acho que

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/MovimentoCidadaoContraAsPichacoesEmFortaleza?v=wall>> Acesso em: 6 set. 2014.

¹³ Categoria da autora Paula Sibilia presente no livro “*O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.” A escrita de si são construções autobiográficas expostas, predominantemente nas redes sociais da internet, como forma de ser e estar no mundo.

essas questões deveriam vir quase que automaticamente na cabeça das pessoas, eu acho que isso faz parte da questão de auto cultura de cada um, ta entendendo? Isso é básico você ver uma cidade toda suja e se perguntar o porquê, não se mal dizer, mas se questionar. Se questionar e tentar buscar o problema de raiz. (Vampyro AC¹⁴)

Com esse quadro geral cabem a nós, cientistas sociais, investigar essa realidade social no cenário urbano, atentando ao que Bourdieu (1989) afirma em que construir um objeto científico é romper com o senso comum, com as representações partilhadas por todos. A realidade que nos apetece é socialmente construída, antes do espaço físico e das relações pessoais. Bourdieu levanta o problema da linguagem como um depósito de pré-construções naturalizadas, portanto ignoradas como tal. É preciso haver a chamada ruptura epistemológica, que significa pôr em suspenso as pré-construções vulgares, uma ruptura com modos de pensamento, conceitos e métodos que têm a seu favor todas as aparências do senso comum.

Fotografia 01 – Paisagem urbana na Avenida Carapinima



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Pô bicho, é foda né, porque assim, você vê oh, vamo lá pela essas colagem aqui né, essas colagem de cartaz, isso aqui bicho é uma desgraça pra cidade. [...] um cara desse, com essas colagem de cartaz, então quer dizer que pra esses cara aqui, a galera num tem tipo um pulso mais firme, num tem um pulso mais firme [...] Então, isso aqui... e pior, quando eles fazem esse barato e quando chega outro, com a cola, eles rasgam e deixam tudo sujo. Oh a *vybe*, eles sujam tudo, a parada, deixam lá,

¹⁴ Entrevista realizada presencialmente na Praça José Gentil no dia 12 de dezembro de 2014.

colocam um novo e fica por isso mesmo, aí você vê a poluição visual que fica. Aí se liga dessas outras faixas aqui, essas faixas.... vamo lá, elas são temporárias, porque tem uma galera da prefeitura que quando vê já arranca logo, mas também essa *vybe*, então tudo isso aqui é poluição. (Edu RAM¹⁵)

Se observarmos a cidade de Fortaleza despidos dessas pré-noções de julgamento veremos uma paisagem urbana fortemente marcada por inúmeras manifestações visuais, não só pela *pixação*, mas muitas outras linguagens que se utilizam também de forma ilegal e desregrada dos muros urbanos para efetuarem um propósito. Nesse sentido podemos visualizar uma luta por visibilidade entre esses signos que por hora se atritam, noutros vezes se conjugam estrategicamente ancorados na visibilidade um do outro nos locais onde podem conectar-se de forma harmoniosa¹⁶ em um mesmo espaço. Assim, objetivamos com essa pesquisa discutir de que modo dentro de uma competição de signos a *pixação* se atrita ou se engata¹⁷ com essa diversidade comunicativa que formam léxicos urbanos?

Essa pesquisa teve um aprofundamento de campo no bairro Benfica¹⁸ que é uma área de Fortaleza muito visada para as intervenções urbanas, por ser uma zona de grande fluxo de pessoas e transportes urbanos. O bairro é identificado por seu aspecto cultural, pois é composto pelos principais campos universitários de Fortaleza como a Universidade Federal do Ceará (UFC) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). E por suas áreas de lazer como o estádio Presidente Vargas e praças (PEREIRA, 2008). O Benfica e suas avenidas principais como a Treze de Maio e a Universidade são locais de grande visibilidade para intervenções urbanas como o *graffiti*, a *pixação*, as mídias publicitárias e as intervenções artísticas feitas em sua maioria por estudantes universitários.

¹⁵ Entrevista realizada presencialmente no “3º Encontro de *Grffiti* VAN Crew Nordeste” no dia 14 de dezembro de 2014. Vide Apêndice K.

¹⁶ Utilizo o termo harmonia na tentativa de explicar ao leitor que a relação entre as linguagens urbanas no geral são conflituosas, mas que existem também exemplos de uma disposição equilibrada, de uma concórdia entre essas linguagens.

¹⁷ Engate, harmonia, anexa e *costura* são termos correlatos dentro de uma mesma lógica apresentados nesse trabalho para narrar uma situação de conexão, a priori não conflitiva, entre *graffiti* e *pixação*.

¹⁸ A origem do Benfica está relacionada com a expansão da cidade de Fortaleza a partir do Centro, tornou-se o mais aristocrático bairro no período compreendido entre o final do século XIX até final dos anos 1940. A parte do bairro denominada Gentilândia é memória de um dos mais ricos moradores, José Gentil, que possuía uma imensa chácara que foi desmembrada para dar origem a Reitoria da UFC, compor os quarteirões, as ruas e as praças do pequeno bairro da Gentilândia, implantado na década de 1930. O bairro Benfica é caracterizado como cultural pelos diversos equipamentos de ensino existente, como campus da Universidade Federal do Ceará e o Instituto de Ensino Federal do Ceará, além de praças, bibliotecas, cafés e bares culturais. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2010/11/o-velho-bairro-do-benfica.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

Apesar de o Benfica ser composto por diversos órgãos públicos onde existe uma fiscalização e segurança em relação ao seu patrimônio, existe muitos muros e fachadas *pixados* em suas principais avenidas e ruas do entorno. Essa realidade data de longos anos e é confirmada por antigos *pixadores*, os que fizeram parte dos anos iniciais da cultura da *pixação*. O Benfica e suas praças eram locais de ocupação destes que comumente se reuniam em dias de feirinha na Gentilândia.

Nos discursos de quem viveu a *pixação* nas décadas de 80 e 90 fica clara a idéia dessa movimentação juvenil como uma união entre semelhantes de mesma faixa etária, que estão correndo riscos, mas que os ultrapassam pelo ato de *pixar* e usufruir do convívio social entre amigos. A *pixação* é também uma forma de se reunir para ir à festas, tomar caipirinha na pracinha da Avenida Treze de Maio, namorar as meninas que se encantam pelos garotos do *xarpi* e outras experiências únicas vividas nas oportunidades múltiplas em que se descortinam os momentos do “ser” jovem. (CHAGAS, 2012, p.35)

Assim, a pesquisa foi construída partindo de uma delimitação do bairro Benfica, de observações em campo das linguagens urbanas presentes na sua paisagem e da tipificação dos signos para o estudo posterior das questões que perfazem esse trabalho. A metodologia desenvolvida está descrita e discutida no segundo capítulo dessa pesquisa, intitulado **Percalços metodológicos, a busca de um novo olhar.**

O terceiro capítulo, **O bairro Benfica e suas inscrições urbanas**, foi dividido em três tópicos. No primeiro apresentamos os aspectos históricos do bairro e também uma narrativa perceptiva do Benfica a partir do olhar da pesquisadora que caminha entre as ruas e avenidas do bairro. No segundo tópico através desses percursos etnográficos foi feito um levantamento imagético de *pixos*, *graffiti* e publicidade no Benfica, brevemente analisados. No terceiro tópico, discutimos as representações e usos das linguagens urbanas da *pixação*, do *graffiti* e da publicidade.

O quarto capítulo nomeado **A cidade como *lócus* da comunicação visual**, está iniciado com uma discussão de cidade como espaço da linguagem e dos usos que os sujeitos a praticam. Esse capítulo está dividido em duas partes, onde na primeira é analisada a relação entre o espaço e a linguagem na *pixação* e no *graffiti*. Na segunda parte, explicamos o sistema de produção da *pixação* e do *graffiti*, sendo que na *pixação* a relação de criação possui uma construção coletiva que a identifica esquematicamente por uma teia, e o *graffiti* é uma produção autônoma que não necessariamente vincula outros grafiteiros, portanto seu diagrama é em formato de cadeia.

O quinto capítulo, chave dessa pesquisa, *Costura, atropelo, rasura, sufoco e cobertura: relações nos muros do Benfica*, apresenta situações que ilustram formas de atrito e de engate entre *pixações* e *graffiti*, também, com a presença da publicidade na cidade. Dividido em duas sessões, a primeira analisa os casos registrados em campo no Benfica e que dão nome ao capítulo. Na segunda sessão, abrimos uma discussão que envolve a agonística entre os campos da *pixação* e do *graffiti*, através das categorias *efemeridade* e *permanência* que foram percebidas nas narrativas dos sujeitos.

Nas **Considerações Finais**, apresentamos uma abordagem geral dessa pesquisa tentando demonstrar que o urbano é um espaço carregado de sentidos, tensões e usos, principalmente, por sujeitos praticantes das artes de rua. Que os atritos e engates que por ventura se apresentam na paisagem da cidade são representações que constroem os sentidos das linguagens da *pixação* e do *graffiti*.

2 PERCALÇOS METODOLÓGICOS, A BUSCA DE UM NOVO OLHAR

Uma agonia tomou conta de mim em meados de março de 2014. Eu que me sentia tão à vontade com meu objeto de pesquisa, me vi perdida dentro do campo. Estava estagnada no comportamento *blasé*¹⁹ como minha orientadora me traduziu. De fato, nada na *pixação* me encantava mais, as leituras me levavam sempre ao mesmo lugar comum. Do *pixo* como manifestação de grupos juvenis que propõe um novo *fazer* na cidade. Ótima hipótese, mas não para mim que já estava saturada das leituras que rodeavam essa ideia. Sem uma nova provocação, meu olhar sobre o objeto continuava o mesmo das investigações de minha monografia.

Eu havia perdido o estranhamento, recurso metodológico tão importante sinalizado por Zaluar (1986). São “ossos do ofício” do antropólogo lidar com os percalços, conflitos e dúvidas que permeiam constantemente o fazer metodológico. Segundo a autora é relevante não desprezar “o processo de decisões e estratégias tomadas em meio a conflitos e acordos, vacilações e dúvidas, impulsos e racionalizações, valores e predisposições.” (*Ibid.*, p.110)

O fazer antropológico deve ser também objeto de reflexão da pesquisa, pois a relação entre pesquisador e objeto de investigação é uma relação intersubjetiva. A subjetividade do pesquisador é um processo contínuo que antecede o trabalho etnográfico quando das escolhas, preferências e predileções, e tece a pesquisa juntamente com os interlocutores. Cardoso (1986) acrescenta “arrisco afirmar que a subjetividade que não fomos treinados para controlar teima em se fazer presente e isto porque ninguém mais defende a noção de ‘neutralidade’ que os manuais positivistas propunham como condição da ciência.” (*Ibid.*, p.104)

Desse modo, não se pode descartar os momentos que antecedem o campo, a atividade pesquisadora deve se fazer visível na escrita do trabalho pois ela própria é feita das deambulações do sociólogo²⁰ onde ele se torna um participante da realidade que observa e seu ofício é uma caminhada que vai se realizando no seu próprio caminhar com dúvidas e dilemas.

¹⁹ Categoria simmeliana (1979) presente no texto *A metrópole e a vida mental*. O autor define *blasé* como um comportamento urbano que afere o indivíduo impactando-o na perda da relação com seu meio circundante, tornando-se um indivíduo indiferente e distante do ambiente social.

²⁰ PAIS, José Machado. *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Porto: Âmbar, 2006.

Em orientações com minha professora/orientadora ela conseguiu catar-me do labirinto em que eu me encontrava e me sugeriu caminhos, que qualitativamente me fez crescer no processo investigativo. Foi como uma sessão de análise cujo paciente inicia atordoado, deprimido e cheio de conflitos e finaliza esse momento apaziguado e ao mesmo tempo motivado pelo frescor de novos olhares.

Além da *pixação* tenho familiaridade com o *graffiti* e as artes no geral. Estudei Artes Plásticas de 2003 a 2007 no IFCE, e nesses anos acompanhei de perto o surgimento de um dos coletivos de maior influência na arte urbana de Fortaleza, o Acidum²¹. O assunto *graffiti* estava em alta nos anos de 2007, ano em que aconteceu o 1º Encontro de Grafite de Fortaleza no Beco da Poeira²², também foi nesse ano que surgiu o coletivo Grafiticidade²³. Meu interesse pelo *graffiti* foi estimulado por toda essa movimentação na cidade.

Em 2008, o Acidum promoveu o “Laboratório de Grafite no Centro Cultural Dragão do Mar”, foram quatro dias intensos de produção e experimentação onde pude conhecer novas técnicas de arte urbana. Também em 2008, me aproximei de vários grafiteiros quando participei do *mural* de *graffiti* no muro da Cagece no mês de novembro. A partir daí fiz algumas experimentações individuais em muros e estive presente em vários eventos de *graffiti* que aconteciam, em 2008, em Fortaleza, como o PerCurso Urbano²⁴ “Grafite e a Arte de Rua”.

²¹ O Acidum foi criado por Robézio Marques, em 2006, e tinha como ideia inicial ser um projeto de experimentações em arte urbana com duração de cinco anos. De 2006 a 2011 participaram desse projeto juntamente com Robézio os artistas urbanos Rafael Limaverde, Henrique Viudez, Jabson Rodrigues e Leo BDSS. A culminância das MetaAções do grupo se deu através da publicação do livro *Entregue às Moscas*, em outubro de 2011. A partir de então o Acidum se nomeou como grupo e teve outra formação, atualmente, o grupo é formado pelo casal Robézio e Tereza Dequinta.

²² É o nome dado ao mercado informal de vendedores ambulantes que antes ocupavam a Praça José de Alencar, no centro de Fortaleza, desde o início dos anos 90. O Beco da Poeira tinha a estrutura de um galpão formado por 22 estreitos becos e mais de 2.500 boxes. Contudo, em 2010, por conta das obras do Metrô de Fortaleza (Metrofor) o Beco da Poeira teve que ser demolido. Disponível em: < <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/em-nova-estrutura-beco-da-poeira-completa-20-anos-1.251545>>. Acesso em: 29 jan. 2015.

²³ O Grafiticidade exibiu uma exposição no Centro Cultural BNB intitulada “Graphein na cidade”, em abril de 2008, que teve bastante repercussão em Fortaleza. Foi praticamente a primeira vez que tínhamos uma arte de rua exibida numa galeria. O Grafiticidade foi um grupo, atualmente extinto, formado por oito integrantes que, de forma independente, trabalham com intervenções urbanas pelas ruas da cidade de Fortaleza. A principal linguagem utilizada para estas intervenções vem sendo no momento o grafite crítico e poético que é trabalhado de forma inovadora pelos integrantes. Disponível em: < <http://graffiti-cidade.blogspot.com.br/2009/01/rua-o-lar-mas-no-te-vi-l.html>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

²⁴ PerCursos Urbanos é uma parceria entre o coletivo Mediação de Saberes e o Centro Cultural Banco do Nordeste - Fortaleza, a ideia se traduz na realização de roteiros em ônibus urbanos, com o objetivo de

Em 2010, motivadas a pintar na rua e em grupo eu, Cecília Shiki, Bruna Beserra e Tereza Dequinta resolvemos montar o Selo Coletivo²⁵. Trabalhávamos com técnicas da arte urbana em especial o *lambe-lambe*²⁶ e *estêncil*²⁷. Nosso grupo teve grande atuação nos anos de 2010, 2011 e 2012, onde participamos de vários editais de arte e ministramos oficinas de *lambe-lambe*. Em 2013 e 2014, o Selo Coletivo diminuiu bastante suas produções resultado do meu afastamento por conta do mestrado e também da migração de Tereza para o Acidum.

Essa familiaridade com dois campos da arte de rua permitiu um novo viés para minha pesquisa. Quando eu tendia a escrever algo para minha orientadora estavam lá *pixação* e *graffiti* narradas nos cotidianos da cidade, as orientações foram imprescindíveis para eu enxergar isso. Observando Fortaleza nas ruas e nas redes sociais via-se às vezes um *ranço* produzido entre *pixo* e *graffiti*, no entanto, também era possível ver raras imagens onde essas duas linguagens estavam sem maiores problemas ocupando os mesmos espaços. Essa peculiaridade do campo fez nascer a ideia de investigar de que modo *graffiti* e *pixação* se relacionam na cidade. Mas a pesquisa não daria conta da cidade como um todo, era preciso delimitá-la à um bairro, bairro este que apresentasse essas duas expressões, um bairro que transpira-se um pouco a arte de rua. “Porque você não pesquisa o Benfica?”, perguntou-me a professora. E foi assim, acatei a sua ótima sugestão!

Meu campo de pesquisa seria então o bairro Benfica de Fortaleza. O Benfica é um *locus* familiar para mim, pois sou uma freqüentadora habitual de seus espaços. Principalmente, por estudar desde 2006 na Faculdade de Ciências Sociais que se localiza em uma de suas principais avenidas. A escolha do campo foi casada por duas ideias iniciais,

apresentar e discutir os desafios e as possibilidades da urbe, articulando como mediadores pessoas de saberes acadêmicos e de saberes populares. O PerCurso Grafite e a Arte de Rua aconteceu no dia 24 de maio de 2008 e teve como mediadores Robézio Marqs, Def E e outros artistas urbanos. Disponível em: <<http://percursosurbanosblog.blogspot.com.br/2008/08/grafite-e-arte-de-rua-realizado-em-24.html>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

²⁵ Grupo de jovens artistas mulheres, no qual produzem ações de pintura que dialogam com os conceitos de arte urbana, fazendo uso, sobretudo de técnicas de graffiti, estêncil, lambe-lambe e stickers. Mais informações em: <<https://www.flickr.com/photos/selocoletivo>> e <<http://www.facebook.com/profile.php?id=100002130431164>>.

²⁶ O cartaz *lambe-lambe* também conhecido por pôster *lambe-lambe* (em sua utilização artística) tem em sua singularidade o emprego da cola ou grude (cola artesanal). O cartaz pode ser feito de maneira seriada quando do uso de fotocopiadoras ou serigrafia, ou artesanalmente. É uma linguagem popularmente utilizada pela publicidade e pela arte urbana.

²⁷ É uma técnica de arte urbana muito utilizada pela precisão e rapidez de produção, são máscaras vazadas, de plástico vinil ou papel cartão, onde a tinta *spray* preenche esse vazio, formando o desenho, símbolo ou palavra no muro.

primeiro pela proximidade habitual e segundo pela característica fenomenológica do bairro, um lugar de uso constante das linguagens urbanas.

Podemos pensar: mas pesquisar o habitual não pode ser uma cilada para a investigação? Velho (1994) aponta que não, “o que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar, mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*.” (*Ibid.*, p.126, grifo do autor)

O autor comenta que estudar algo que está próximo geograficamente, diferente de sair de sua cidade, seu estado ou seu país, não significa que não possa ter a experiência da estranheza, pois “está longe de haver um consenso em torno dos lugares e posições ocupados e de seu valor relativo.” (*Ibid.*, p.127) É preciso, no entanto, que o pesquisador relativize as noções de distância e objetividade para observar o familiar e estudá-lo com um distanciamento que a pesquisa exige para chegar a resultados imparciais.

Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar; a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, *grosso modo*, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isso não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam. O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico. (VELHO, 1994, p.128)

Assim, relativizando esse familiar, conheço apenas algumas ruas e espaços de sociabilidade do Benfica, mas não conheço a sua paisagem como um todo, nem mesmo compreendo a lógica de suas relações.

Nas ambiências da *pixação* (muros da cidade, reuniões de *pixadores* e comunidades no ciberespaço²⁸) me deparei inúmeras vezes com questões conflituosas que envolviam o espaço da cidade. Os muros ou as falas indicavam situações de conflito entre o *pixo* e os signos urbanos.

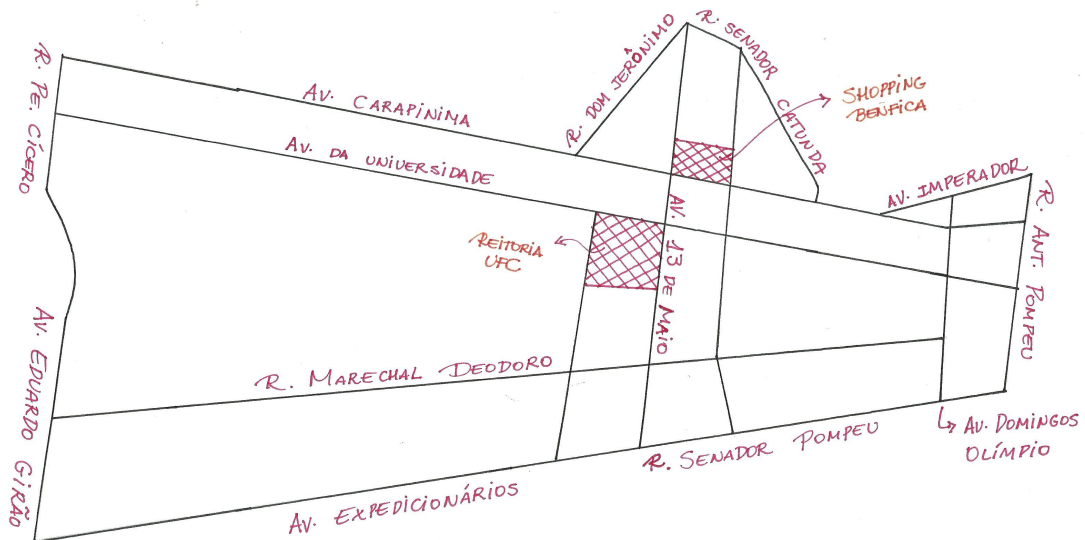
Diante dos fatos narrados pelos meus interlocutores no *Facebook*, observei em campo que a paisagem da cidade é uma cena onde acontecem diferentes relações entre atores urbanos. O Benfica, por exemplo, é um espaço disputado por linguagens de visibilidade, como a *pixação*, o *graffiti* e a publicidade. Essa situação levou a construção de perguntas de

²⁸ Ciberespaço é uma categoria discutida pelo antropólogo Rifiotis (2002). Segundo o autor, o trabalho de campo no ciberespaço trata de “explorar a dimensão da fala e procurar a especificidade das conversas escritas, levando a incorporação de mais uma nova dimensão à etnografia.” (2002, p.23)

partida: como os signos ocupam os espaços no bairro Benfica? De que modo as linguagens do *pixo*, do *graffiti* e da publicidade interagem no urbano?

Desse modo, a pesquisa começou a se configurar. Minha primeira iniciativa foi esboçar o cenário de investigação delimitando a área das ruas e avenidas que compõem o bairro. Construí então um esboço geográfico do Benfica.

Desenho 02 – Croqui do bairro Benfica



Fonte: Produção da autora (2014).

Partindo desse croqui estabeleci três recortes que apontariam os espaços a serem percorridos nas observações de campo. Cada recorte correspondeu a uma ida à campo para um mapeamento dos signos urbanos a partir de caminhadas²⁹. As três caminhadas que fiz aconteceram nos dias 13 de julho de 2014³⁰, 25 de novembro de 2014³¹ e 27 de novembro de 2014³². Os instrumentos utilizados nesse estágio da pesquisa foram: caminhadas, observação direta, registros fotográficos e classificação.

²⁹ Me baseio no recurso metodológico da caminhada tal qual Magnani (2008) no projeto *Os Pedacos da Cidade* descrito no texto *Quando o Campo é a Cidade*. “A caminhada – pelo efeito de estranhamento que induz – permite treinar e dirigir o olhar por uma realidade inicialmente tida como familiar e conhecida. Para tanto, devia obedecer a um *timing* que a distinguisse do andar apressado e alheio do usuário habitual, assim como do passeante descomprometido.” (MAGNANI, 2008, p. 36)

³⁰ Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice F deste trabalho.

³¹ Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice H deste trabalho.

³² Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice I deste trabalho.

Caminhei por entre as avenidas e ruas na finalidade de observar os códigos urbanos do Benfica. Essa observação direta³³ foi ordenada por um plano preestabelecido de estar atenta a materialidade da paisagem: as edificações e equipamentos públicos, os espaços não habitados, os muros, os portões, as fachadas etc. e os signos urbanos que envolvem esses espaços: as linguagens da publicidade, os signos da *pixação* e do *graffiti*.

Registrei os cenários através da fotografia, de posse de uma câmera digital simples, não profissional, registrava as imagens que ia encontrando na paisagem. O recurso da fotografia permite uma leitura visual dos signos gráficos de modo mais detalhado quando da possibilidade do trabalho após a ida à campo. Como afirmou Campos (2013, p.123) a fotografia e o vídeo são recursos que respondem a requisitos particulares de investigação, sendo suficientemente flexíveis para permitirem um aproveitamento especializado no decurso das variadas etapas de investigação.

Nos moldes de uma pesquisa em Ciências Sociais aprendemos que a utilização das imagens, nas primeiras pesquisas de campo, tinha um mero caráter ilustrativo, no sentido documental de comprovação de um discurso, de uma teoria. (CAMPOS, 2013, p.126) Trabalhar a imagem como mais um recurso metodológico sugere sensibilidade e seriedade do pesquisador para captar “por entre linhas” informações extras que a imagem nos sugere.

Como estamos lidando com uma pesquisa que envolve modos de ocupação dos signos urbanos, o recurso da imagem é imprescindível para viabilizar essa pesquisa, sendo nossa principal/inicial fonte investigativa no que tange às hipóteses que propomos. Desse modo, a imagem adquire aqui uma dupla função, sendo ao mesmo tempo objeto de pesquisa e principal método investigativo.

A etnografia viabilizou descrições paisagísticas registradas nos diários de campo e coleta de dados que foram posteriormente trabalhadas. As imagens foram revistas e analisadas para construirmos uma classificação dos signos comunicativos existentes no Benfica. Dentre os diversos signos existentes (*pixação*, *graffiti*, comunicação de trânsito, comunicação institucional, publicidade e arte urbana) escolhemos tipificar³⁴ apenas quatro deles, são estes:

³³ A observação direta segundo Magnani (2008) “é o instrumento para captar o cenário e também para obter um primeiro levantamento dos atores, uma classificação mais precisa e a obtenção de dados e informações mais completos fazem-se por meio de entrevistas, questionários e histórias de vida.” (MAGNANI, 2008, p. 38)

³⁴ Esses signos urbanos foram tipificados a partir da ideia de *tipo ideal* weberiano. “No que diz respeito à investigação, o conceito de tipo ideal propõe-se a formar o juízo de atribuição. Não é uma hipótese, mas pretende apontar o caminho para a formação de hipóteses.” (WEBER, 1992, p.137)

pixação, pichação³⁵, *graffiti* e publicidade. Essa classificação é necessária para pontuar as características de cada código visual e sua forma de manifestar-se no urbano.

Meu trabalho de monografia fez-me construir redes de relações com *pixadores* e através desses anos me permitiu compreender os signos e símbolos pertencentes ao jogo dessa cultura, sendo possível uma leitura visual dos muros e a identificação de alguns agentes dessa prática. Esse prévio conhecimento me ajudou na segunda etapa dessa investigação que foi identificar nas imagens produzidas os sujeitos (principalmente *pixadores* e grafiteiros) que apresentaram nos muros o sentido dessa pesquisa, ou seja, relações de atrito ou engate entre *pixos*, *graffiti* e publicidade. Para melhor trabalhar com as imagens, escolhi oitenta destas para imprimir em papel fotográfico, de posse de dois álbuns, um caderno de campo, caneta e gravador fui a busca de meus interlocutores.

Entre 2013 e 2014 fiz entrevistas em diferentes datas e ocasiões com os *pixadores* Galo UG, Dengo UR, One-rip GDR, Godo UR, Seco UR, Bizon NP, Pango SA, Faísca DG, Prata EM, Pamonha MP, Aghata TDA, Faizão UR, Xereta AB, Fuga RM, Pirata RM, Pirado GDR, Cromado GDR, Brasa GDR, Surf SF, Vampyro AC e Roco SF; e os grafiteiros: Narcélio Grud, Saimo VDM, Qroz VDM e Edu RAM. Nesses anos também participei de reuniões de *pixadores* (4ª Mega Reunião³⁶ na Cidade dos Funcionários, 6ª Mega Reunião³⁷ no Ginásio da Parangaba e 7ª Master Reunião³⁸ no José Walter); encontros com ambos sujeitos nos eventos (Diálogos Juvenis UFC³⁹, Oficina de Arte Urbana⁴⁰ ministrada por Tubarão VTS no Cuca Barra, culminância da oficina no Vila do Mar, Evento Limpeza Geral⁴¹ realizado por

³⁵ A diferenciação entre pichação e *pixação* está narrada no item 3.2 deste trabalho.

³⁶ Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice A deste trabalho.

³⁷ Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice E deste trabalho.

³⁸ Em particular essa reunião teve o nome modificado para Master Reunião em homenagem ao *pixador* Master AC que faleceu dias antes da data do encontro. Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice J deste trabalho.

³⁹ Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice B deste trabalho.

⁴⁰ Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice C deste trabalho.

⁴¹ Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice G deste trabalho.

Narcélio Grud e Festival Concreto⁴²); e também estive presente no 3º Encontro de *Graffiti VAN Crew Nordeste*⁴³.

A impressão das fotografias me ajudou na realização das entrevistas, pois mostrando as fotos para os interlocutores eles melhor narravam as imagens, também pude perceber um resultado positivo de alguns que saudosamente lembraram trabalhos que não existem mais na cidade. As entrevistas foram semi-estruturadas por meio de um roteiro. O método de entrevista utilizado foi de ordem qualitativa que segundo Goode (1969) faz uso de um roteiro de entrevista que contém itens de informação de cada entrevistado e que também permite reformular as questões para adequá-las a compreensão do momento.

As *pixações* e *graffiti* são vividos nas andanças pelas ruas e nos deslocamentos nas redes sociais da internet, o ciberespaço é também um *lócus* ampliado de vivências dessas culturas urbanas. No *Facebook*, por exemplo, participo de algumas comunidades de praticantes dessas linguagens que diariamente apresentam imagens postadas e discussões sobre essas práticas na cidade de Fortaleza. Englobei na pesquisa além das imagens produzidas por mim, as imagens que meus interlocutores também produziram.

A perspectiva de investigar por meio das imagens que nosso objeto de pesquisa produz é se deixar envolver pela subjetividade de discurso que o outro promove, é uma forma possível de perceber significados socioculturais através dos 'pontos de vista' dos cidadãos como afirma a socióloga Lisbeth Rebollo Gonçalves (s.d.).

As imagens produzidas e narradas pelos *pixadores* e grafiteiros nas redes sociais foram ótimas fontes de pesquisa que deflagraram suas percepções na/da cidade. Dessa forma, dei também importância a uma observação participante⁴⁴ nas comunidades de *xarpi* do

⁴² Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice D deste trabalho.

⁴³ Esse percurso está detalhadamente narrado em meu diário de campo no Apêndice K deste trabalho.

⁴⁴ Falo em observação participante baseado na discussão de Magnani (2008) no artigo *Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole*. O método de observação participante empregado para estudar povos outrora considerados "primitivos" também pode ser um instrumento de pesquisa para dar conta de temas e questões urbanas. Entendendo observação participante como um modo de produção antropológica cujo pesquisador encontra-se próximo ao objeto, convivendo com o grupo estudado, para melhor dar conta da dinâmica do campo.

Cardoso (1986) qualifica a observação participante ao discuti-la no artigo *Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método*. Em um dado momento afirma que "a prática de pesquisa que procura este tipo de contato precisa valorizar a observação tanto quanto a participação. Se a última é condição necessária para um contato onde afeto e razão se completam, a primeira fornece a medida das coisas." (1986, p.103)

Facebook. Especificamente acompanhei as postagens e discussões nos grupos *Biografia do Xarpi*⁴⁵, *Xarpi no Extremo*⁴⁶ e *Xarpi Virtual*⁴⁷.

Atenta ao que Cardoso (1986) discutiu sobre o método de observação participante, verifico que

Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe, como vimos, um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar. Para conseguir essa façanha [...] é preciso ancorar as relações pessoais em seus contextos e estudar as condições sociais de produção dos discursos. Do entrevistador e do entrevistado. (CARDOSO, 1986, p.103)

Minha presença nessas comunidades era clara para alguns que já me conheciam como “a moça que pesquisa *pixação*”, meu objetivo de estar lá era mais em observá-los do que em tecer opiniões, porém aconteceu algumas vezes de participar postando algumas de minhas imagens para gerar discussões, mas foi na comunidade *Biografia do Xarpi* que mais me expus contando minha memória e experiência nos anos 90 e em elogios às postagens de Fuga RM (administrador da comunidade) que recontava a história da *pixação* de Fortaleza.

Pensando aos moldes de uma antropologia compartilhada na qual o antropólogo-cineasta Jean Rouch (1917-2004) foi pioneiro em questões metodológicas como na recusa de uma polaridade entre objetividade/subjetividade, essa pesquisa teve de certo modo o caráter de compartilhamento. A prática antropológica de Rouch deu lugar ao pensamento do *outro* em sua cine-etnografia, os sujeitos participam ativamente de suas produções (significadas como produções coletivas) deslocando a ideia clássica de um interlocutor passivo e irracional.

Desta maneira, esse trabalho foi extremamente viabilizado pelos sujeitos que dele participaram, o recurso fotográfico foi uma ferramenta de aproximação, troca e compartilhamento de subjetividades entre mim e os *pixadores* e grafiteiros. O compartilhamento de ideias com Fuga RM fez com que ele se preocupasse com minha escrita me ligando diversas vezes para saber por qual viés minha pesquisa seguia. Ele me sugeriu discussões, se preocupou com a escolha de interlocutores e se dispôs a ajudar no que fosse possível. Seus questionamentos sobre a prática da *pixação* em Fortaleza foram levados em

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/320196848123643/>>.

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/479275515503053/>>.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/xarpivirtual/>>.

consideração e a colaboração de suas entrevistas com praticantes das artes de rua foram transcritas em parte e utilizadas nesse trabalho.

A figura de Vampyro AC abandonou o lugar de objeto e passou a olhar para si e para o mundo, construindo suas próprias imagens, reflexões e entrevistas. Nossos encontros virtuais e pessoais permitiram conhecê-lo também como pesquisador e produtor de imagens (fotógrafo⁴⁸), e assim surgiu uma colaboração mútua das imagens aqui expostas dos *pixos* no Benfica.

Os encontros no trabalho de Surf SF criaram uma relação de empatia e uma troca de gentilezas, eu o presenteando com imagens de *xarpis* para compor sua coleção de fotografias, e ele me aproximando mais de sua *galera* “Skizito Fobia”. Seu ambiente de trabalho se tornou ponto de encontro entre mim e outros *pixadores* intermediado por Surf que nos apresentava. Nessas tardes de conversa Surf também me presenteou com a camisa da *sigla* SF.

Meu encontro com Edu RAM lhe provocou momentos nostálgicos ao rever nas fotos um *graffiti* seu que não existe mais na cidade. E tantas outras conversas eu pude iniciar com *pixadores* e grafiteiros através dos meus álbuns de fotos que sempre estavam comigo. Essas imagens e seus compartilhamentos permitiram uma experiência sensível fazendo com que a dimensão subjetiva e criativa dos interlocutores fizesse parte do trabalho. As trocas de significações e produções com a pesquisadora concedeu-lhes uma posição de também produtores.

⁴⁸ Vampyro AC é Rodrigo Belem, suas fotografias e textos sobre o *pixo* foram reunidos em uma exposição virtual intitulada **Fortaleza Vadia**, postada no dia 05 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://www.agenciainteracao.com/2014/12/fortaleza-vadia.html>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

3 O BAIRRO BENFICA E SUAS INSCRIÇÕES URBANAS

3.1 Aspectos históricos e descrição do bairro

A proposta desse subcapítulo é apresentar ao leitor resumidamente a história e descrição do bairro Benfica concomitante à exposição de ilustrações e mapas feitos a partir do olhar da pesquisadora em seus percursos etnográficos, também da apresentação de fotografias do Benfica através da leitura do bairro feita pelo *pixador* Vampyro AC. Em um segundo momento as falas dos interlocutores são utilizadas para representar a importância desse bairro na história da *pixação* de Fortaleza.

Nossa! Benfica é um paraíso. O bairro do Benfica que não seja descoberto, que não se corrompa que não chegue outras pessoas ai e façam como fizeram e como estão fazendo em outros bairros, que o Benfica seja sempre esse marasma de possibilidade, de virtude. Que o Benfica é um bairro que tem tudo, ta do lado do centro tem uma praia, a pé em quinze minutos você chega na praia, tem parada pra todos os terminais, tem shopping, tem universidade, tem curso de inglês, tem pracinha, tem praça de skate. A maioria dos transeuntes que você vê são pessoas jovens são todos universitários que você vê que sempre estão portando uma mochila nas costas, alguém que para pra falar com você... Muitas árvores, eu acho que essa questão do ambientalismo ele é bem, não é bem, mas ele ainda é, ele existe. A questão também da autocultura das pessoas do Benfica, acho que o Benfica ele torna Fortaleza mais humana, sabe? (Vampyro AC)

Fotografia 03 – “Caixa de Morpheu”



Fonte: Vampyro AC (2014).

Legenda⁴⁹: Pixações de várias gerações permeiam o tempo e condições climáticas nas Caixa d’água do centro tendo então outras cargas.

Segundo Barroso⁵⁰ a cartografia do bairro Benfica⁵¹ começa no sentido norte-sul nas caixas d’água da Rua Antônio Pompeu até a Avenida Eduardo Girão⁵², e no sentido leste-oeste da rua Senador Pompeu e sua continuação na avenida dos Expedicionários até a avenida Carapinima⁵³ alargando-se, nas proximidades do shopping Benfica, nas ruas Justiniano de Serpa e Dom Jerônimo e também contemplando o último trecho da avenida do Imperador.

⁴⁹ As legendas apresentadas em algumas imagens foram escritas por Vampyro AC e compõem suas fotografias. Ambas foram gentilmente cedidas por Vampyro AC para compor essa pesquisa.

⁵⁰ BARROSO, Francisco de Andrade. **O Benfica de ontem e de hoje**. Fortaleza, 2004.

⁵¹ “Foram os portugueses que lhe deram o nome, tirado de um bairro da velha Lisboa.” (*Ibid.*, p.09)

⁵² A atual Avenida Eduardo Girão era chamada antigamente por Riacho do Tauape, esse riacho era o limite natural do Benfica. (*Ibid.*)

⁵³ A Avenida Carapinima era conhecida antigamente como Rua do Trilho do Ferro. (Barroso, 2004)

Mapa 04 – Limites cartográficos do bairro Benfica



Fonte: Ilustração da autora e mapa de Bruna Beserra (2015).

O Benfica, assim como o Jacarecanga, foi um bairro desenvolvido inicialmente por sua função residencial ao abrigar famílias ricas e influentes no mercado de Fortaleza e de uma classe média emergente de funcionários públicos e profissionais liberais. Na organização da estrutura urbana de Fortaleza foram construídas vias que viabilizassem o escoamento da produção de Fortaleza, como das indústrias instaladas no final do século XIX na parte oeste da cidade.

A primeira indústria têxtil instalada em Fortaleza foi a fábrica Tecidos Progresso, em finais do século passado. Posteriormente, outras atividades industriais também se implantam em Fortaleza, beneficiando matérias primas da agricultura e principalmente do extrativismo. Implantaram-se assim fábricas como Siqueira Gurgel, que fabricava sabão e óleo comestível, Brasil Oiticica fabricante de óleos e Philomeno Gomes produtora de tecidos a partir do algodão, para o abastecimento do mercado interno.

A maioria dessas indústrias localizava-se na região oeste de Fortaleza, nas imediações da Francisco Sá – Jacarecanga, bairro que no final do século XIX, rivalizava com o Benfica, como espaço escolhido pelas elites do Estado, para a construção de palacetes e chácaras. (VASCONCELOS JÚNIOR, 1999, p.32-33)

A reforma urbana de Fortaleza (iniciada por Silva Paulet, em 1823) com continuidade de Adolfo Herbster, previa em sua planta de 1875, uma ordenação da cidade em formato xadrez com a aberturas de novas ruas. Uma dessas vias principais era a atual Avenida da Universidade⁵⁴, também chamada de *boulevard*, como eram chamadas as notáveis avenidas abertas em Paris do século XIX. A Avenida da Universidade era larga o bastante para dar vazão ao tráfego dirigido à Porangaba,⁵⁵ essa por muito tempo só possuía revestimento na faixa central com pedras e trilhos de madeira para o tráfego de bondes puxados por burros. A partir de 1914 os bondes eram elétricos pertencentes à *The Ceará Tramway, Light and Power & Company Limited*.

Nessa época, o movimento de veículos praticamente se restringia aos bondes e à numerosas carroças, a par de grandes comboios de cargueiros; quando aumentou o número de automóveis, e começaram a aparecer os primeiros ônibus, os trilhos foram passados para junto ao meio fio próximo às casas de números pares, e todo o restante da avenida foi calçamentado. (BARROSO, 2004, p.23)

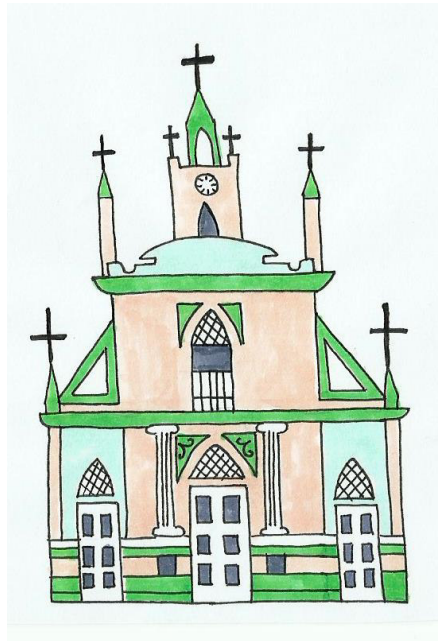
Foi nas margens da Avenida da Universidade que se formou o bairro Benfica⁵⁶. A nova estrada possuía chácaras em suas margens, um dos proprietários destas, João Antônio do Amaral, devoto de Nossa Senhora dos Remédios fez voto de construir-lhe um templo, que foi pago por sua viúva. A construção tardou, sendo inaugurada somente em 13 de agosto de 1910.

⁵⁴ Era chamada antigamente por Avenida Visconde do Cauipe. (Barroso, 2004)

⁵⁵ Barroso (2004) narra que o nome Porangaba é de origem indígena e que nessa localidade havia aldeamentos dos índios denominados Algodões, mas quando os jesuítas foram expulsos, em 1759, o Marquês de Pombal exigiu que fossem substituídos todos os topônimos indígenas, e o nome Porangaba foi substituído por Arronches. (*Ibid.*, p.218)

⁵⁶ Segundo Pereira (2008, p.57e58) por volta de 1920 as classes sociais mais abastadas de Fortaleza migraram para áreas onde hoje se localizam os bairros Jacarecanga, Benfica e Parangaba. A paisagem do Benfica destacava-se por suas chácaras com mangueiras, mansões e o campo do Prado (hoje atual Estádio Presidente Vargas).

Desenho 05 – Igreja Nossa Senhora dos Remédios



Fonte: Ilustração da autora (2014).

Ao lado da igreja havia a “Casa das Missões” residência dos padres holandeses pertencentes à Congregação das Missões fundada em Paris, em 1625, e chegada ao Ceará em 1864. Essa casa deu origem ao Hospital Mira y Lopez, em 1969, hoje demolido para erguer um prédio residencial.

No próximo quarteirão, em sentido sul, abriga o “Dispensário dos Pobres do Sagrado Coração”, mantido sob os cuidados da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. E logo mais o Recanto do Sagrado Coração, inaugurado em 28 de agosto de 1998, para acomodar senhoras idosas. Ao lado, o que hoje é o Motel Chalet, era uma bodega e os trilhos do bonde elétrico chegavam até ali juntos aos paralelepípedos.

Após algumas casas, vinha a casa do Senhor Francisco Anísio de Oliveira Paula, pai do humorista Chico Anísio (1931-2012), esse senhor foi o primeiro dono dos ônibus do Benfica, com a garagem da Empresa São José localizada nos fundos de sua casa. Nesse local foram construídos prédios que representam hoje o Condomínio Lisboa. Ao lado deste encontra-se a Escola de Ensino Fundamental Centro dos Retalhistas, fundada em 02 de abril de 1937, quando se destinava aos filhos dos associados comerciantes varejistas de secos e molhados, os célebres “bodegueiros” de Fortaleza. (Barroso, 2004, p.237)

Mais a frente o chão de concreto marcava o começo da Avenida João Pessoa, após a Rua Padre Cícero houve ali a vacaria de Pompílio Ferreira dos Santos que era também comerciante em Maranguape. (Barroso, 2004, p.241)

Mapa 06 – Benfica Parte I



Fonte: Ilustrações da autora e mapa de Bruna Beserra (2014).

Segundo Vasconcelos Júnior (1999) a partir da década de 1950 as famílias ricas de Fortaleza escolhem a nova área da Aldeota como moradia, deste modo, os bairros Jacarecanga e Benfica iniciam um processo de deterioração e mudança funcional. Essa deterioração não foi sentida no Benfica pela possibilidade de compra dos imóveis pelos antigos inquilinos. Outro fator que favoreceu o Benfica foi a instalação da Universidade Federal do Ceará nesse bairro com a aquisição e manutenção das tradicionais arquiteturas.

Ainda na Avenida da Universidade, uma residência de posse do Doutor Edgar Cavalcante de Arruda foi vendida à Universidade Federal do Ceará (UFC) em 20 de novembro de 1957, conservada a estrutura tornou-se a Rádio Universitária. Ao lado desse terreno chegando até a Avenida Treze de Maio, era o Colégio Santa Cecília que foi demolido

e, hoje, compreende o Departamento de Arquitetura da UFC e o Museu de Arte da UFC (MAUC).

Desenho 07 – MAUC



Fonte: Ilustração da autora (2014).

Onde hoje é o Centro de Humanidades da UFC eram várias moradas que foram adquiridas pela Universidade, algumas destruídas, outras conservadas como a casa do Senhor Francisco Queiroz Pessoa que hoje abriga o prédio da Cultura Germânica na esquina da Avenida da Universidade com Treze de Maio.

Desenho 08 – Bloco da Cultura Germânica UFC



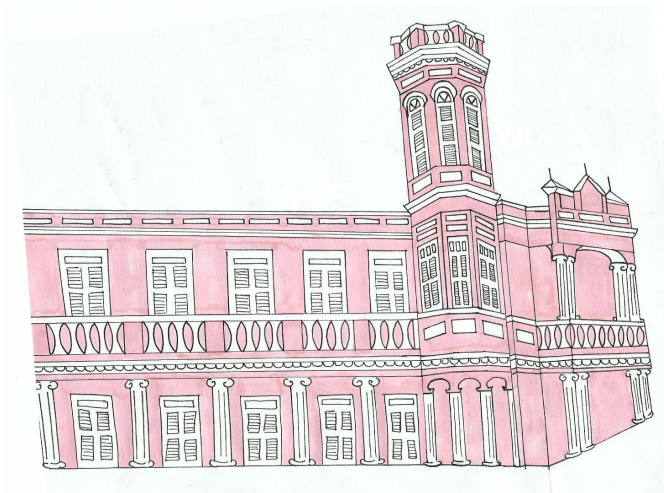
Fonte: Ilustração da autora (2014).

A sede da Reitoria da UFC foi morada do Senhor José Gentil Alves de Carvalho (1867-1941), patriarca de uma grande e rica família que adotou como sobrenome o seu segundo nome próprio, Gentil. José Gentil era de Sobral-CE e casou-se com uma moça de uma também poderosa família conterrânea, os Frota de Sobral. Estabeleceu-se em Fortaleza em 1893 inicialmente com comércio de tecidos, depois ergueu o Banco Frota Gentil, em 1917. Em 1934, para melhor administrar seus imóveis abriu a Imobiliária José Gentil S.A.,

“não queria misturar política com negócios, mas aceitou, em certa época, ser eleito Vice-Presidente do Ceará.” (BARROSO, 2004, p.248)

A casa principal da família Gentil foi vendida à Universidade por Cr\$5.000.000,00 em 08 de outubro de 1956, dentro do terreno existiam outras duas casas. “A Universidade pôs abaixo as duas casas menores e ampliou, enormemente, a principal, acrescentando-lhe uma ala paralela à Rua Paulino Nogueira e uma grande haste horizontal unindo as duas.” (BARROSO, 2004, p.252)

Desenho 09 – Reitoria UFC



Fonte: Ilustração da autora (2014).

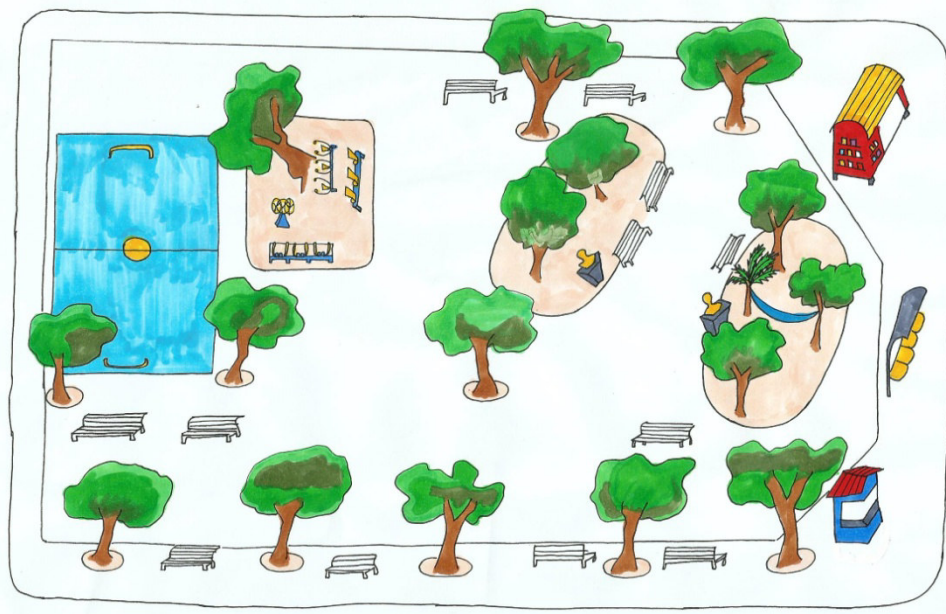
Na quadra da Rua Paulino Nogueira morava o Senhor João da Frota Gentil, filho de José Gentil, sua casa luxuosa foi demolida e hoje compreende-se os anexos da UFC como os Departamentos de Ciências Sociais e Filosofia, a Editora da UFC, a Farmácia Universitária e uma agência dos Correios. Outra casa nessa quadra foi demolida para abrigar o Conselho Regional de Contabilidade.

O Coronel José Gentil de posse do quadrilátero que compreende as avenidas da Universidade, Treze de Maio e as ruas Marechal Deodoro e Adolfo Herbster⁵⁷ abriu ruas e utilizou o terreno da forma mais lucrativa possível, construindo vilas e casas para alugar, com pequenas exceções. As ruas nomeadas pelo abastado Senhor Gentil eram declaradas ruas particulares como se estivessem contidas em um condomínio fechado. (*Ibid.*, p.321)

⁵⁷ Segundo Barroso (2004) o terreno de propriedade do Cel. José Gentil não ia até a margem da Lagoa do Tauape, outrora existente, que veio a tornar-se a Rua Antenor Frota Wanderley. No entanto, o documento que oficializa o bairro Gentilândia prolonga essa delimitação da Rua Adolfo Herbster para a Avenida Eduardo Girão. O documento data de 27 de junho de 2000, sancionado pela Câmara Municipal de Fortaleza no projeto de lei nº434/99 do vereador Narcílio Andrade. (VIANA, 2009, p.24-25)

As casas eram de vários tamanhos e tipos, destinadas às várias camadas da sociedade. Agrupadas em quarteirões elas foram formando o pequeno bairro que passou a ser conhecido como Gentilândia⁵⁸. O autor narra a existência de pelo menos quatro praças na Vila Gentil. Quando a administração daquela área passou para a Prefeitura duas dessas praças foram reivindicadas pelos herdeiros da família Gentil passando a serem loteadas. Restou como espaço público preservado a Praça José Gentil e a Praça da Feira da Gentilândia.

Desenho 10 – Praça José Gentil



Fonte: Ilustração da autora (2014).

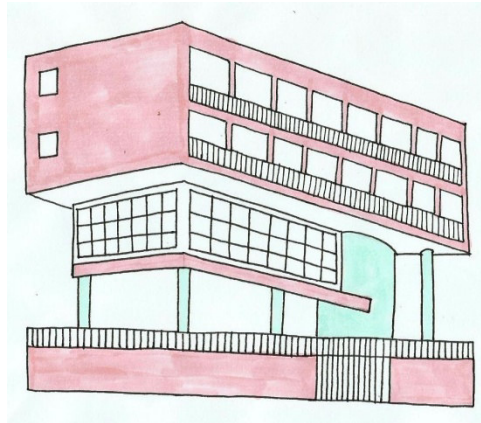
A Praça José Gentil é um espaço convidativo para práticas de esporte e lazer. Recentemente, ela recebeu novas instalações de equipamentos esportivos para prática de musculação somando à quadra de futebol e às sombras das mangueiras resulta em um lugar valorizado para atividades físicas. Seus vários bancos sob as árvores, quiosque de vitamina, banca de revista, parada de ônibus e pontos de taxistas e moto taxistas contribuem diariamente

⁵⁸ Pereira (2008) relata em sua dissertação *Lugares no bairro: uma etnografia no Benfica* a crença dos residentes e ex-moradores do Benfica que destacam a Gentilândia como lugar de memória e de tradição na cidade de Fortaleza. A autora narra que, em 2001, um movimento dos moradores da Gentilândia tentou fazer da área um bairro autônomo do Benfica, na tentativa de fazer vigorar o projeto de lei 434/99 que denomina a Gentilândia como um Bairro de Fortaleza.

Segundo Viana (2009) a tradição desse bairro ganhou em 2006 um espaço expositivo no bar do Marcão, o Memorial da Gentilândia. “Cuja proposta é descrever, por meio de fotografias e depoimentos, diversos elementos da história desse lugar, como a origem do nome, a educação, os prédios, as personalidades do bairro entre outros.” (VIANA, 2009, p.28)

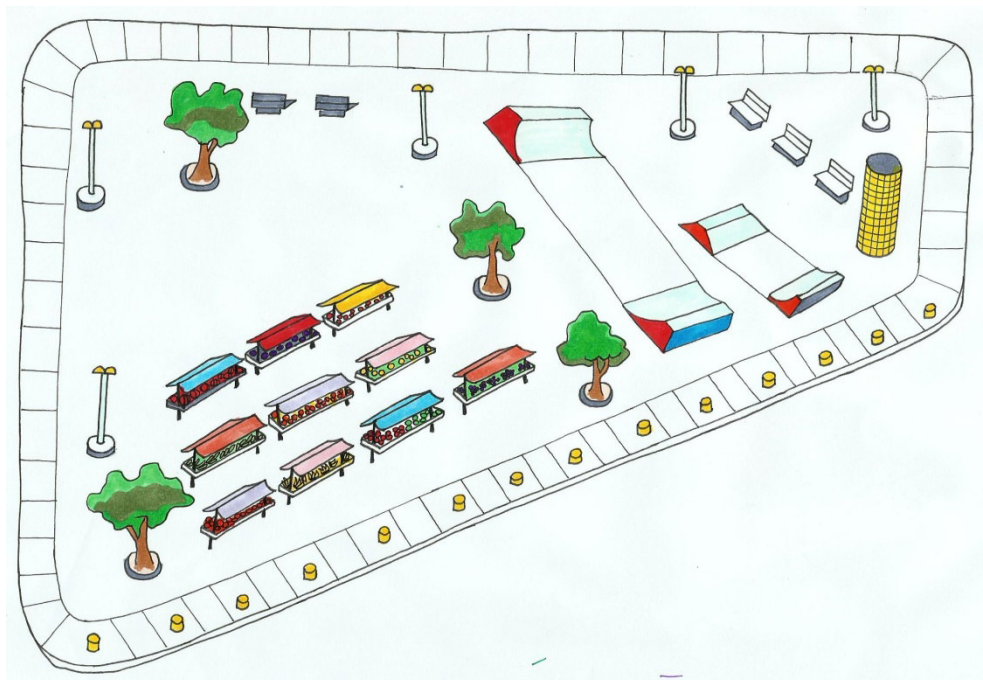
para o fluxo de pessoas na praça. Em frente à esta, um terreno estreito na rua Paulino Nogueira pertencente a UFC da lugar à estrutura da Residência Universitária. Prédio de três pavimentos com um auditório e hall no térreo e 12 quartos nos pavimentos superiores.

Desenho 11 – Residência Universitária



Fonte: Ilustração da autora (2014).

Desenho 12 – Praça da Feira da Gentilândia



Fonte: Ilustração da autora (2014).

A Praça da Gentilândia é um espaço ambiental de variados usos ao longo dos dias e horários da semana. Durante o dia sua calçada e bancos de madeira estimulam caminhadas, encontros e bate-papos. Em 2013, um projeto de revitalização de três praças em Fortaleza contemplou a Praça da Gentilândia com uma área para praticantes de skate, piso polido e

rampas de acessibilidade. As pistas de skate foram coloridas por frases e imagens representando o esporte. À noite, variadas barracas de comida ocupam parte do espaço para atender a demanda de estudantes, moradores e transeuntes. Aos domingos a praça recebe as tendas dos feirantes que vendem frutas e verduras.

A Feira Livre na Praça da Gentilândia data mais de sessenta anos e era de grande significado para os habitantes dali. Havia a venda de gêneros alimentícios, verduras, frutas, aves vivas e cortes de carne expostos sem as devidas preocupações com as regras sanitárias. Também eram vendidos itens de cerâmica, artigos de flandre, regadores de jardim e etc. (Barroso, 2004, p.326-327)

Isso, porém, foi mudando, com a chegada dos mercadinhos e dos supermercados, e as exigências da fiscalização, trabalhista, do Imposto de Circulação de Mercadorias, da Saúde, e hoje a feira não representa nem um décimo do que era naqueles saudosos tempos. (BARROSO, 2004, p.327)

Mapa 13 – Benfica Parte III



Fonte: Ilustrações da autora e mapa de Bruna Beserra (2014).

Barroso (2004) conta que o quadrilátero das atuais avenidas Treze de Maio, Expedicionários e ruas Marechal Deodoro e Costa e Souza foi ocupado por longo tempo pelo hipódromo, lugar onde ocorriam corridas de cavalo. Esse lazer valorizado pelas famílias

nobres deu a essa área o nome de bairro do Prado. “O hipódromo determinou a criação de uma linha de bondes, e esta o desenvolvimento do pequeno bairro. Os trilhos vinham até onde hoje existe um posto de gasolina” (*Ibid.*, p.282), na Rua Marechal Deodoro⁵⁹.

Com a saída do hipódromo foi possível prolongar a Rua Paulino Nogueira até à Expedicionários, dividindo o terreno. A área circunscrita na Treze de Maio deu origem ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), antiga Escola Técnica Federal do Ceará de 1968. Na outra área, margeada pela Paulino Nogueira, foi erguido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza o Estádio Presidente Vargas, inaugurado em 14 de setembro de 1941. Também na mesma área, em 1982, foi inaugurado o Ginásio Aécio de Borba Vasconcelos, de médio porte com cerca de 3000 lugares, destinado à prática de outros esportes, como basquete, vôlei e, especialmente, futebol de salão.

Em 30 de outubro de 1999, o bairro ganhou o shopping Benfica situado na quadra que compreende as avenidas Treze de Maio, Carapinima e as ruas Juvenal Galeno e Teresa Cristina.

Desenho 14 – Shopping Benfica



Fonte: Ilustração da autora (2014).

A fachada limpa, ordenada e moderna do shopping Benfica contrasta visualmente com o lado oposto da Avenida do Centro de Educação de Jovens e Adultos do Ceará (CEJA) e do prédio institucional da UFC. Por conta de sua visibilidade as avenidas Carapinima e da Universidade possui ao longo de suas extensões intervenções de *pixos*, cartazes, faixas, propaganda política e *graffiti* compondo uma mistura desordenada.

⁵⁹ A citada rua foi também conhecida por Rua da Cachorra Magra, caminho por onde entrava o gado que ia ser abatido, também no trecho após cruzar a Treze de Maio foi chamada de Rua do Prado Novo. (BARROSO, 2004, p.140)

Fotografia 15 – UFC, Avenida Carapinima



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

O conceito de visibilidade largamente utilizado nessa pesquisa está ligado a ideia de aparição pública, de um mostrar-se, da amplitude de se mostrar visível. A cidade assim seria o espaço que permitiria melhor esse visível, pois como também lugar de vivências e de passagens (tráfego) permite que uma multidão de olhares se construa sobre suas estruturas físicas de muros, prédios e etc.

No entanto, ao mesmo tempo em que o espaço público possibilita uma ampliação das formas de mostrar-se, segundo Samain (2012) a visibilidade depende da relação entre imagem e olhar. A imagem teria um “poder de ideação”, isto é, um potencial intrínseco de suscitar pensamentos e ideias.

Nesse horizonte, diria que a imagem é uma “forma que pensa”, na medida em que as ideias por ela veiculadas e que ela faz nascer dentro de nós – quando as olhamos – são ideias que somente se tornaram possíveis porque ela, a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem [...] (SAMAIN, 2012, p.33)

As imagens seriam polissêmicas, mas isso dependeria de um processo epistemológico do observador, pois a leitura destas e em consequência sua visibilidade dependeria da parte subjetiva e afetiva do observador na sua recepção. Samain organizador e também autor do livro *Como pensam as imagens* (2012) desenvolve narrativas através dos aportes deixados por Aby Warburg (pai da iconologia e antropólogo das culturas humanas). O livro desenvolve esforços para assumir que as imagens são portadoras de pensamento e como

tal nos fazem pensar. Warburg recomendava a recepção das imagens na sua apreciação, ou seja, levar em conta a resposta do espectador ao que ele vê. “A compreensão da imagem inclui o poder que essa última exerce sobre o espectador.” (SAMAIN, 2012, p.85)

A paisagem que segue em sentido leste na Avenida da Universidade é composta pela mistura de edificações tradicionais e modernas. Na esquina com a Rua Juvenal Galeno um batalhão de comércios de gráficas impressiona pela publicidade que preenche suas estruturas, a vasta concorrência faz com que os serviços ofertados saltem à rua em letreiros pintados. Esses pequenos comércios têm como fotocópia de documentos seu principal serviço, destinado a atender a demanda dos estudantes e professores da área.

Fotografia 16 – Comércios de fotocópias



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Ao lado residências de arquitetura antiga que tiveram suas fachadas preservadas, algumas se tornaram equipamentos públicos, como a sede do Sistema Nacional de Emprego (SINE/CE) e a Biblioteca Municipal Dolor Barreira, outras comércios. Adiante outros equipamentos da UFC como o Restaurante Universitário e o Posto Médico.

Mapa 17 – Benfica Parte II



Fonte: Ilustrações da autora e mapa de Bruna Beserra (2014).

Do lado oposto dessa avenida visualiza-se a Casa Amarela Eusébio Oliveira mantendo uma arquitetura tradicional e simbolizada pela mesma cor que batiza seu nome. Quarteirões à frente o prédio de arquitetura original que em 1923 era o centro de ensino Grupo Escolar Rodolfo Teófilo foi vendido à Universidade em 28 de dezembro de 1962 para abrigar a Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC).

Desenho 18 – FEAAC



Fonte: Ilustração da autora (2014).

O antigo Grupo Escolar então foi para a Rua Juvenal Galeno entre as avenidas Carapinima e Universidade e, hoje, chama-se Escola de Ensino Fundamental e Médio Rodolfo Teófilo. (Barroso, 2004, p.211)

Esse perímetro compreendido no Mapa 17 apresenta nas principais avenidas essa miscelânea de estruturas urbanas das quais estamos narrando, arquiteturas antigas ressignificadas junto a espaços novos permeados por signos urbanos da publicidade, *pixação* e *graffiti*.

Por meio da descrição e narrativa histórica percebemos que o bairro Benfica é representado por uma heterogeneidade de espaços. Das edificações tradicionais e modernas, dos lugares religiosos aos cabarés, e os espaços que abrigam temporariamente as festividades do carnaval. Dos equipamentos de lazer como bares, ginásios, campo de futebol, praças, livrarias, cafés e shopping, aos equipamentos destinados à educação como os campus da UFC, o IFCE, as escolas públicas e privadas e as bibliotecas.

Essa pluralidade de vida e paisagem que o Benfica produz, o qualifica como um bairro cultural onde a variedade de ideias e expressões têm livre abrigo. O bairro representa um apoio aos movimentos artístico-culturais, principalmente, aos grafiteiros que encontram nas instituições de ensino apoio para produzirem seus *graffiti*. (Pereira, 2012)

A Avenida Treze de Maio corta o bairro no sentido leste-oeste e mesmo que represente o Benfica em pequeno número de quarteirões, da Avenida dos Expedicionários à Rua Senador Catunda é uma das principais avenidas do bairro. Uma particularidade da Treze de Maio é a liberação dos muros da Reitoria e das Casas de Cultura da UFC para a produção de extensos murais de *graffiti*, desde 2007, inaugurado pelo projeto Acidum, e que vão sendo renovados aleatoriamente. Pode-se ver que é nesses muros, um de frente para o outro, que se concentram a maioria das intervenções urbanas do Benfica: *graffiti*, estênceis, colagens, *pixações*, cartazes políticos e outros signos que competem entre si nesses territórios.

O Professor Pedro Eymar, diretor do MAUC, é o principal colaborador das intervenções que acontecem nos muros da UFC, sejam na Avenida Treze de Maio ou Carapinima. Através do programa Bolsa-Arte e de articulações com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis Eymar consegue recursos para iniciativas de pinturas dentro e fora do museu. A legitimidade de muros para o *graffiti* foi construída através dos eventos em parcerias com a UFC e o IFCE que corriqueiramente desde 2007 acontecem no Benfica. Desta

maneira, muitos coletivos e grafiteiros já estiveram presentes nas paisagens do bairro como apresenta a dissertação de Pereira (2012): P2K Crew, RAM Crew, MU Crew, Klã Crew, VTS Crew, Selo Coletivo, Grafiticidade, Paralelus, Acidum, Flip Jay, In Ação Crew, Arco Crew, 100Crew, Narcélio Grud, Aparecidos Políticos, Coletivo Curto Circuito, Carne de Porco ...

Pô bicho, ali [Benfica] é porque tem o lance das faculdades já de artes, né, então tem muito a galera jovem né, que vê a coisa com outros olhos, que sempre tá por ali na redondeza, então isso já tem uma aceitação melhor, né. Se você botar [*graffiti*] em outro bairro, tem um pessoal que é mais conservador que se tu passar com uma mochila de spray assim, teco, teco, teco com as bilazinhas batendo na lata a pessoa já te olha atravessado, “porra, vai ser no meu muro, quê isso aí?”. Sabe? E lá não, lá se brincar tem uma galera que faz é te acompanhar pra saber onde é que tu vai *lançar a parada*. É tanto que lá tem muito, naquela redondeza toda tem muito *graffiti* e *pixo*, *pixo* lá tem demais. (Edu RAM)

A visibilidade e caráter cultural não chamam apenas a atenção de grafiteiros, mas também de *pixadores* desde o início dos movimentos de *pixação* em Fortaleza, como expressam alguns dos comentários⁶⁰ abaixo.

As caixa d'água do Benfica tinha nome do Rape, Pastor, Raposão, Zanrla, Iron, Carlos, tudo já nome antigo deles mesmo na época . As barracas de caipirinhas da feirinha da gentilândia ficavam aí do lado dela (Jair Bezerra)

Boas lembranças... fui poucas vezes na gentilândia... frequentei mais a praça da bandeira... que diga-se de passagem virou *point* um pouco depois. Mas foi sem dúvidas o grande *point* de todas as galeras sem exceção.. do fim dos anos 80 e início dos anos 90. quem nunca esteve na praça da gentilândia não sabe da história do *xarpi* desse tempo. (Kakinho GUP)

OUTRA PRAÇA QUE NUNCA VAI SER ESQUECIDA CORAÇÃO DE JESUS LEMBRO COMO SI FOSSE HOJE GRANDE COYOTE GU, VERME GS, RUSSU GU E MUITOS MAISSSSSS TEMPO BOM (Campelo Campelo)

Aquela época Era a ÉPOCA hehehe...Nao volta jamais...Ficam as lembranças dos sorrisos e das agendas no estacionamento do Iguatemi, onde mais de 400 jovens de todos os bairros de fortaleza se juntavam nos sábados a noite pra conversar, debater e da os "autógrafia"... e as meninas entao? Tudo doidas por nos hehehe... (Marcos Rodrigues)

[Marcos Mgr](#) vale ressaltar esta caixa d'água quem descabou 1º- foi CAVEIRA - AB foi uma segunda pra terça feira, pq na terça feira a noite era o encontro da galera na praça da gentilândia... (Fuga RM)

As narrativas destacam algumas praças de Fortaleza que eram *point* das galeras de *pixação*: Praça da Bandeira, Praça Coração de Jesus, Pracinha do Jornal O Povo, Praça da Gentilândia e suas barracas de caipirinha nas terças à noite, como também o Iguatemi aos sábados à noite.

⁶⁰ Parte de uma discussão sobre a história da *pixação* de Fortaleza na comunidade Biografia do Xarpi em setembro de 2014.

O Benfica abrigava em suas praças diferentes tribos urbanas⁶¹ como a dos *pixadores* que percorriam a cidade nas madrugadas e faziam das feiras livres paradas de encontros entre praticantes que atualizavam as notícias do *xarpi* e aumentavam seus ciclos de amizade.

A importância do Benfica na *pixação* eu diria que ela serve de instrumento de divulgação do seu *xarpi*, porque se eu compro uma tinta e eu saio pra dentro das minhas *áreas* né, pronto eu gastei aquela tinta todinha no meu bairro, eu vou ter um *ibope*? Vou, vou ter um *ibope* ali, mas temporário, né, que é só das pessoas da região. Agora se eu pego a minha tinta e vou do meu bairro que é o Bom Jardim até o Benfica, o que eu fizer pelo Benfica, não só as pessoas que moram no meu bairro vão ver, mas como outras pessoas de outros lugares, que assim vai gerando uma divulgação do seu *xarpi*, ta entendendo? (Roco SF⁶²)

Fotografia 19 – “Outrem”, Avenida da Universidade



Fonte: Vampyro AC (2014).

Legenda: Miscelânea de tipografias revelam uma série de influências regionais na estética do “PIXO” que desvela uma Fortaleza diacrônica.

⁶¹ Categoria do sociólogo francês Michel Maffesoli cujo estudo nas grandes cidades identifica-se o fenômeno de constituição de redes de afinidades e interesses que ligam os sujeitos nas chamadas tribos urbanas também como um grupo de resistência ao poder.

⁶² Entrevista realizada presencialmente no dia 12 de dezembro de 2014.

O Benfica é o bairro do *ibope*⁶³ tanto para *pixadores* como para grafiteiros (PEREIRA, 2012), essa valorização dos espaços públicos vista entre esses dois grupos tende a construir rivalidades nos muros que podem ser visualizadas nas paisagens. Muitos muros apresentam imagens de signos que se atritam, mas também relações harmoniosas entre *pixo* e *graffiti* como na Fotografia 20 seguinte.

Fotografia 20 – *Graffiti* de Narcélio Grud e *pixo* de Babal GPS, av. Treze de Maio



Fonte: Arquivo pessoal (jul. 2014).

Olha aí o *trampo* do camarada aqui do lado, né, o cara usou a paredezinha do cantinho, isso é respeito. Mesmo o cara usando umas cor que o preto ia destacar em cima, mas o cara usou o cantinho, talí o *pixo* dele, ta ali, de boa, saca? Quer dizer *graffiti* de um lado e o *pixo* do outro, mas tá ali oh, todos os dois tão na mesma caminhada. (Edu RAM)

Outras imagens dessas relações entre signos urbanos serão apresentadas nos capítulos seguintes, buscando por meio destas tecer discussões sobre as práticas da *pixação* e do *graffiti* e as representações que cada uma dessas culturas constrói.

3.2 Estudo exploratório dos *pixos*, *graffiti* e publicidade no Benfica

Pelo adensamento de equipamentos urbanos e de lazer o bairro Benfica possui um cotidiano de grande deslocamento de pessoas e veículos sejam particulares ou públicos, várias

⁶³ Termo utilizado por *pixadores* e grafiteiros para significar algo que promove fama, sucesso, prestígio. Muro ou estrutura física valorizado para a prática de *pixação* ou *graffiti*.

pichações⁶⁵. Essa diferenciação ortográfica é utilizada nessa pesquisa como uma maneira de diferenciar essas escrituras na cidade e identificar o objeto de pesquisa a qual estamos tratando. A Fotografia 22 apresenta essa mescla nas ruas, a inscrição em vermelho “Ditadura nunca mais” representa as ideias dos militantes do movimento estudantil, e as inscrições em preto representam as assinaturas e símbolos dos sujeitos participantes da cultura do *xarpi*. A diferenciação que aqui construímos acontece muito mais por uma estética e linguagem do que por um caráter político, pois em ambas há a peculiaridade da ruptura e perturbação do espaço urbano que por sua vez constrói o palco da política.

Sob esse aspecto, Rancière define a política como experiência, como criação de formas dissensuais de expressão e comunicação que inventam modos de ser, ver e dizer, configurando novos sujeitos e novas cenas de enunciação coletiva. (OLIVEIRA, 2014, p.76)

Essas inscrições urbanas se caracterizariam como gestos políticos ao subverter a lógica dos espaços e assim criar cenas de dissenso. Essa reinvenção da cena de interlocução, de fala, desafia a “distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade.” (RANCIÈRE, 2009, p.17) O autor atribui grande importância ao dissenso, pois este possibilita o palco de uma politicidade sensível que desregula identidades, posições de poder, partilhas do espaço e do tempo.

⁶⁵ As pichações tipificadas nesta pesquisa com “ch” são classificadas no sentido das inscrições nos muros nos anos de ditadura no Brasil e das reivindicações estudantis na França de 1968. “Trata-se de um movimento de pichação pertencente aos anos de governos totalitários em diferentes países. Os sujeitos dessas pichações eram outros atores sociais e possuíam outros propósitos. Advindos, em sua maioria, da classe média, eram estudantes, professores universitários e sindicalistas influenciados nos estopins dos movimentos sociais e políticos dos anos de ditadura gritando e transcrevendo em muros suas indignações políticas”. (CHAGAS, 2012, p.20)

Fotografia 22 – *Pixações* e *pichação*, Rua Francisco Pinto



Fonte: Arquivo pessoal (jul. 2014).

A tipificação da *pixação* com “x” é uma forma de representar uma reinvenção na linguagem e na presença do sujeito no mundo. Diferente das *piCHAções*, as *piXAções* subvertem os espaços a partir de construções simbólicas, a principal delas é o *xarpi*, assinatura estilizada sempre acompanhada da *sigla da galera* de *pixação* a qual o *pixador* pertence. Essa linguagem e estética é inventada a partir de uma particular forma de perceber o urbano, os espaços na cidade são metáforas do olhar que interligam a experiência do ato de *pixar* a uma construção do sujeito, simbolizada coletivamente.

Em suma, o X, pouco a pouco, tornou-se uma espécie de ideograma que, em virtude da fonética inglesa (X = ecs), acabou por incorporar o timbre sonoro do irregular. A medida “extra extra large” como incapaz de conter, a música hardcore como impossível de ouvir, as imagens-grafite como insuportáveis, o pornô XXX como invisível. Muitas formas da comunicação juvenil de oposição assumem o X como código (lema) que explode os limites e fica contra os limites. E nisso se encontram – e não pela primeira vez – próximos, demasiado próximos, aos léxicos dos publicitários, seriais, websites. E o jogo lingüístico se torna duro. Aliás, X-treme. (CANEVACCI, 2005, p.44)

O *pixo* é uma reinvenção de linguagem iniciada na sua identificação com “x” e nos desdobramentos desta e dos modos de ocupação do espaço fazendo com que eles, *pixadores*, subvertam a lógica preestabelecida. Essa articulação entre maneiras de fazer implicam em formas de visibilidade e lugar de resistência.

Nessa reinvenção de si e numa lógica de visibilidade de se fazer ver os *pixadores* escolhem as avenidas e seus espaços como desafio. Porém, ao caminhar pelas ruas periféricas do Benfica pude encontrar dezenas de *pixações* compondo a visualidade urbana. Os pontos de *pixo* estão em maioria em relação aos de *graffiti* (Mapa 21), praticamente, estes estão grafados em toda a malha urbana do bairro. Sejam em muros, portões de lojas, marquises, placas, caixas de telefonia, foto sensores, paradas de ônibus e etc., basicamente qualquer superfície é um atrativo para a *pixação*.

No geral os *graffiti* estão concentrados na área central do bairro, nos cruzamentos da Avenida Treze de Maio com Carapinima, onde se localizam os departamentos da Universidade Federal do Ceará. As instituições de ensino são as principais parceiras dos eventos de *graffiti* no bairro, deste modo também se localiza *graffiti* nos muros do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará localizado nas ruas Paulino Nogueira e Marechal Deodoro.

Esses muros, também chamados de *murais*, são de grande extensão e são, geralmente, pintados em eventos de *graffiti* nos quais reúnem muitos grafiteiros. A parceria desses eventos com as universidades perpassa também por uma renovação das pinturas, o que acontece particularmente na Treze de Maio desde 2007. Essa experiência demarca nessas avenidas do bairro um espaço instituído dessa prática. Outros *graffiti* também podem ser encontrados em ruas com pouco fluxo como nas ruas João Gentil e Dom Jerônimo.

Das linguagens mais encontradas nos espaços do Benfica podemos afirmar que o *pixo* e a publicidade são maioria. As pinturas de letreiros, dos estênceis políticos, dos cartazes *lambe-lambe*, dos panfletos e das faixas invadem o urbano cotidianamente. No jogo publicitário da busca de visibilidade a grande maioria dessas mídias atua de maneira informal, utilizando o espaço público sem regulação.

As mídias impressas da publicidade parecem não serem vistas pelos olhares ordinários, mas estão ali. Esse fenômeno de cegueira é um sentido corriqueiro do sujeito urbano que Simmel (1979) caracterizou como *blasé*. O visual do Benfica está tão impregnado por esses tipos de signos da publicidade que o olhar *blasé* do transeunte parece não notá-los.

O cruzamento das avenidas da Universidade e Treze de Maio são pontos costumeiros dos entregadores de panfletos, que abordam seqüencialmente motoristas e passageiros a cada pausa do semáforo ou cada pedestre que cruze seu caminho. O panfleto

também possui a versatilidade de ser colado em muros e postes, esse signo é visualmente encontrado na urbe do Benfica anunciando serviços de cartomancia, adivinhação etc.

As pinturas de letreiro como demandam mais tempo de execução geralmente foram encontradas em muros informais, como de fábricas ou de ambientes abandonados, como nas avenidas dos Expedicionários e Eduardo Girão.

Os estênceis políticos também são visualizados em espaços cuja ausência do dono é freqüente, além de comporem, no atual⁶⁶ momento eleitoral, os muros dos comitês políticos nas avenidas Treze de Maio e da Universidade.

As faixas que como os cartazes *lambe-lambe* são mídias que ocupam o urbano sem uma permissividade, são freqüentemente vistas nos cruzamentos das principais avenidas do bairro. Os cartazes *lambe-lambe*, em sua maioria, publiciza shows de forró ou manifestações políticas e são freqüentemente encontrados na Avenida Carapinima.

Dedicaremos nessa pesquisa ao estudo da relação entre as linguagens da *pixação* e do *graffiti*, também envolvendo a publicidade quando esta for (in)conveniente. Como hipótese inicial temos que apesar desses signos se manifestarem na cidade de forma independente existe entre estes uma agonística⁶⁷ que acaba influenciando nas suas representações e também gerando relações de atrito e engate as quais nos objetivamos a investigar.

3.3 Representações e usos das linguagens urbanas: publicidade, graffiti e pixação

A publicidade, o *graffiti* e a *pixação* possuem particulares características e formas de atuação urbana que as diferenciam e constroem opiniões acerca de suas aparições na cidade. Todas necessitam do suporte físico para se efetivarem, o espaço público, então, torna-se disputado por essas produções gráficas que constantemente se atritam nos espaços de divulgação.

⁶⁶ Essa descrição de campo ocorreu em julho de 2014, momento que antecedia as eleições para presidente, senador e governador.

⁶⁷ O termo agonística desenvolvido nesse trabalho tem o sentido de disputa e competição. Assemelha-se com o conceito de Foucault (1979), onde é mencionada em relação ao exercício de liberdade, a liberdade é da ordem das resistências às sujeições dos diversos poderes.

A cidade é um campo de correlação de força entre *pixo*, *graffiti* e publicidade. Para que o *pixo* exerça sua liberdade nos muros ele acaba enfrentando essas outras linguagens e é nesses espaços de enfrentamento aos micropoderes que acontece a agonística. Também no sentido de Foucault a agonística é entendida como uma luta cujo sentido não é anular ou destruir o outro.

3.3.1 O que é publicidade

A publicidade é o ato de tornar público uma mensagem com intenções comerciais por qualquer veículo de comunicação atendendo a uma estratégia de *marketing*. Como pertencente a um meio econômico que possui diferentes mercados e consumidores a publicidade é um serviço comumente vendido para promover o consumo de produtos e serviços por meio de uma divulgação efetiva.

A publicidade ocorre através dos meios de divulgação em massa como a rádio, a televisão, as mídias impressas (jornal, revista etc.) e os portais da internet. Segundo Farias (2006) existe a publicidade direta ou promocional onde “é anunciado através dos meios de comunicação o preço ou o modo de pagamento de um produto ou serviço” e a publicidade indireta ou institucional onde “se veicularia somente o nome da empresa, o que não deixaria de promover os produtos ou serviços negociados pela empresa”.

Nessa pesquisa onde o *locus* observado é a cidade, observamos o espaço urbano como lugar de uso preferido dos pequenos mercados, pois, do ponto de vista econômico, a cidade é uma mídia de massa de pequeno custo-benefício, porém de satisfatório ou alto retorno comercial. Esses pequenos comércios se utilizam das mídias de pintura de letreiros, de cartazes *lambe-lambe*, de panfletos e de faixas tidas como mais econômicas, pois possuem baixo custo empregado justificado por não precisar comprar o direito de exposição como no caso do *outdoor*. Essas mídias ilegalmente invadem os espaços públicos, utilizando-os como meios de divulgação, sua aparição é tal qual um *pixo* na cidade, de repente se faz ali presente sem que tenhamos visto os sujeitos produtores.

Mesmo que haja uma legislação⁶⁸ que ordene os espaços da cidade e seus usos, a mídia impressa, principalmente, a de cartazes *lambe-lambe*, as faixas, os estênceis e as pinturas de letreiros geralmente subvertem a ordem. Essas mídias inserem-se na cidade de forma repentina e contínua, sem que haja uma preocupação estética de colocar o anúncio e de retirá-lo quando se faz ultrapassado ou desgastado. Trata-se de uma corriqueira situação que resulta em uma paisagem poluída pela densidade de publicidades. Essa prática é baseada numa estratégia que segundo Moles (1974) caracteriza a função do cartaz, mas que também

⁶⁸ A poluição visual se encaixa naquilo que é definido pela Lei 6.938/81 em seu Art. 3º, inciso III, alínea d, onde “entende-se por poluição, a degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente: afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente;” A lei também define como poluidor (Art. 3º inciso IV) “a pessoa física ou jurídica, de direito público ou privado, responsável, direta ou indiretamente, por atividade causadora de degradação ambiental;”.

pode ser característica de outras pequenas mídias: “o local de afixação do cartaz atende ao fator da densidade de população/de circulação daquele local na cidade.” (*Ibid.*, p.221)

E que para desempenhar sua função de venda a publicidade age através do mapeamento dos locais de grande fluxo de transeuntes, “o problema da agência que deve colocar cartazes (agência de colocação) é o de maximizar os encontros que tais categorias de indivíduos (pedestres, automobilistas, determinada classe social) podem ter com os painéis de afixação.” (*Ibid.*, p.222)

Ora, quando se espalham cartazes numa cidade, a proporção de indivíduos que podem vê-los (“cobertura” em relação à população global) começa por subir muito depressa, mas chegando a um certo nível, cresce cada vez mais lentamente. Há uma espécie de saturação. Nesse momento, o aumento da quantidade de cartazes desempenha outro papel: intervém por *repetição*. É este fenômeno que vai funcionar: são os mesmos indivíduos, mas eles vêem os cartazes várias vezes. (MOLES, 1974, p.164)

Deste modo, a publicidade pratica o espaço⁶⁹ de maneira seriada/repetitiva tendo os espaços urbanos significados como lugares de visibilidade a partir das variáveis *fluxo* e *consumo*.

3.3.2 Breve história do graffiti

A pulsão criadora dos sujeitos desenvolve signos de representação da auto-imagem, foi como se iniciou o *graffiti* em Nova Iorque na década de 70. Minorias de jovens negros, latinos e sem-tetos afetados por políticas municipais de gentrificação⁷⁰ utilizaram as ruas de maneira criativa e inventiva como forma de resistir a segregações socioespaciais. A cultura de rua, que depois foi formalizada pela cultura hip hop, é uma maneira de afirmar subjetividades e valores a partir do ato de intervir usos e de dar vazão às potências de percepção dos sujeitos. A cultura de rua inaugura um *modus vivendi*⁷¹ performativo “onde a imagem de si se conjuga com a imagem produzida pela experiência.” (DIÓGENES; HIGINO, 2014)

⁶⁹ Ideia desenvolvida por Michel de Certeau (1998) acerca das práticas *ordinárias* realizadas na vida cotidiana.

⁷⁰ O texto de Neil Smith (2006), “A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à ‘regeneração’ urbana como estratégia urbana global”, explica como aconteceu o processo através do qual a nova *gentry* urbana, isto é, as famílias de classe média se reapropriaram dos bairros operários e centros urbanos de Nova York a partir da década de 70 dando início a um processo que ele chamou de gentrificação.

⁷¹ *Modus vivendi* é um termo em latim que significa uma maneira ou atitude de viver provocada por uma disputa entre partes. Entendo que o termo significa uma forma de resistência encontrada por um grupo particular sob uma situação político-econômica dificultosa. O termo também é encontrado no texto de (CALDEIRA, 2012).

É nesse clima de tensão social e crise econômica em Nova Iorque que surgem manifestações da cultura hip hop. Segundo Campos (2007) o hip hop é um particular modo de expressão coletiva que integra três vertentes expressivas (rap, *graffiti*, *break-dance*), representando uma determinada forma de viver a juventude.

Esse movimento foi rapidamente mediatizado e tornou-se, como muitos outros, um bem mercantilizado ao dispor da grande comunidade de consumidores. Assim, a globalização do hip hop introduziu alterações nas formas de produzir e consumir esta cultura transformando o que era uma experiência sócio-cultural local num fenômeno que se expande para além das fronteiras de Nova Iorque. O cinema e a televisão na transmissão de filmes-documentários e filmes foram os principais veículos de globalização dessa cultura.

Nesta globalização cada vertente do hip hop assumiu uma trajetória própria, por vezes, desconectadas das suas orientações originais (CAMPOS, 2007, p.271). O *graffiti* como linguagem visual deixou de ser somente uma expressão da cultura hip hop ou de jovens estigmatizados, ele atraiu e englobou variados estilos juvenis, cada qual com suas origens e identidades.

Difícilmente encontramos um *graffiti* uniformizado universalmente. Muito menos um *graffiti* hip hop. O que encontramos, assim, são fronteiras difusas, uma maior aceitação de expressões discrepantes. A partilha de um mesmo universo cultural, não determina uma tendência unificadora. Antes pelo contrário, deparamo-nos, com uma inclinação fragmentadora, facto que leva muitos *writers* a desconfiarem de uma identidade colectiva. Como afirma Obey, «hoje em dia muitos *writers* são do hardcore, punk, skate», frase que significa que, por um lado, a identidade *graffiti* não está directamente associada ao universo hip hop, como nas suas origens e que, por outro lado, o mosaico cultural é aceite e privilegiado, pois diferentes culturas juvenis podem conviver no interior do universo *graffiti*. (CAMPOS, 2007, p.370)

Além da diversidade de atores, o *graffiti* esteticamente multiplicou-se adquirindo novos estilos⁷²: das letras às imagens e das novas técnicas/ferramentas de produção: de pincéis marcadores e latas de *sprays* ao uso de rolinhos de esponja e tinta látex. Esses dois últimos materiais são tipicamente utilizados no Brasil como uma forma mais econômica e acessível aos materiais de pintura.

No Brasil, o *graffiti* surge nos anos 80 não necessariamente vinculado a cultura hip hop, mas com maiores semelhanças ao *graffiti* nova-iorquino da modalidade de letras

⁷² A dissertação de Lara Silva “De olho nos muros: itinerários do *graffiti* em Fortaleza” (2013), desenvolve diferenciações sobre os estilos do *graffiti*.

estilizadas. Na paisagem dos muros havia diferentes escritas como *tags*⁷³, frases de protesto, frases bem-humoradas e enigmáticas, declarações de amor e imagens simples com uso de *estêncil*. (GITAHY, 1999).

3.3.3 O aparecimento da pixação

Nos anos 90, era característico o crescimento de grupos de jovens que insistentemente marcavam a cidade com suas assinaturas. Originariamente brasileira a nomenclatura *pixação* tornou-se uma nova forma de cultura urbana, com características próprias que a desvinculam atualmente do *graffiti*.

Os termos grafite e pichação surgem oficialmente somente em 1998 na Lei dos Crimes contra o Ordenamento Urbano e o Patrimônio Cultural 9.605 no Artigo 65º onde prescrevia que “Pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano;” era crime que tinha como pena “detenção, de três meses a um ano, e multa”. Ou seja, juridicamente não havia nenhuma diferenciação entre os termos, essa similitude jurídica deu seqüência a uma visão geral negativa de ambas expressões urbanas, enfatizando seu caráter contraventor e depreciativo que perdurou por longas três décadas.

Para Gitahy (1999) *graffiti* e *pixação* são expressões que “carregam em si transgressão”, no entanto, é possível ler no autor uma construção de discurso para diferenciá-las e assim legitimar o *graffiti*. Segundo o mesmo, o *graffiti* brasileiro surge das mãos de artistas que queriam expressar poesia ou mesmo gerar curiosidade com frases e imagens nas ruas. Esta expressão tem sua fase marginal quando “artistas em incursões pelas ruas da cidade pesquisam e realizam *graffiti* basicamente em preto-e-branco.” (*Ibid.*, p.33)

A superação dessa fase marginal e o avanço do exercício de liberdade de atuação do *graffiti* se deram, segundo o autor, por um contínuo processo de qualidade, “na busca da perfeição, superando-se, firmando-se acima das possíveis críticas e da aceitação maior do público.” (*Ibid.*, p.35) Essa nomeada “qualidade e perfeição” são entendidas aqui por uma aproximação do *graffiti* com as artes plásticas, por intermédio de uma leitura estética há o reconhecimento de uma maior variedade e qualidade no uso de cores e traços.

⁷³ *Tag* é uma nomenclatura americana do glossário da cultura *graffiti* que significa o pseudônimo do *writer* ou assinatura. A equivalência desse termo no Brasil é *pixação*.

Esse discurso que vinculou o *graffiti* como uma manifestação artística, foi o mote formador da opinião de tratar-se de uma expressão urbana “bela” e positiva para a cidade, enquanto a *pixação* seria uma transgressão que suja e deprecia a imagem urbana. Esse pensamento difundido ao longo dos anos trouxe mudanças, por mais que demoradas, na legalidade do *graffiti* e, em consequência, na condenação da *pixação* por meio da nova redação da Lei 9.605 dada pela Lei 12.408⁷⁴, de 2011.

Apesar de recente, não foi a partir dessa Lei 12.408 que o *graffiti* começou a ser apreciado como arte, foi o uso atribuído a ele que o tornaram um espaço contextual da arte.

Outrora visto como instrumento de protesto ou atividade marginal e ligado historicamente a populações de periferia, o *graffiti* é contemporaneamente incentivado por políticas públicas, vendido em galerias de arte, encomendado por comerciantes, empresários etc. Não apenas em Fortaleza como em outras cidades “grafitadas” tais como São Paulo, Nova York e Berlim.

Importante lembrar que essas migrações do *graffiti* para espaços institucionais encontra respaldo nas ruas. É na rua que um grafiteiro promove sua fama e espalha sua “marca”, sendo por conta disso, convidado a expor ou fazer um trabalho comercial. Mesmo quando já alcançou certo destaque, é comum grafiteiros “famosos” continuarem saindo para pintar nas ruas. É nela que se aprende a ser grafiteiro e que se recebe o reconhecimento como tal. (SILVA, 2013, p.21)

O interesse no *graffiti* como produção artística surge em Nova York, no final dos anos 70 e início dos anos 80, através do jovem grafiteiro Basquiat⁷⁵, sua aparição foi impulsionada por críticos de arte que escreveram artigos sobre suas pinturas e pela amizade com artistas conceituados como Andy Warhol⁷⁶. No Brasil essa tendência ganha destaque

⁷⁴ Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano:

Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.

§ 1º Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa.

§ 2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

⁷⁵ Jean-Michel Basquiat (1960-1988) pintor e músico, um dos que inaugurou o *graffiti* como arte nos Estados Unidos, sua maneira espontânea e expressiva de pintar influenciou diversos artistas.

⁷⁶ Andy Warhol (1928-1987) pintor, cineasta e empresário norte-americano conhecido como um dos artistas de vanguarda da Pop Arte.

com os grafiteiros Os gêmeos, provavelmente, apenas em 1993⁷⁷, na galeria MIS em São Paulo.

3.3.4 *Graffiti: um poder artístico duplo*

O que figura nas ruas é um fazer artístico duplo: das expressões criadoras dos grafiteiros e do poder que tem o *graffiti* de afetar as percepções e fruições dos transeuntes a respeito dos lugares por onde circulam.

O *graffiti* garante tanto a circulação de imagens como de corpos. Ao escolherem os lugares para grafitar, os grafiteiros traçam itinerários e constroem percepções diversas a respeito dos lugares por onde andam. (SILVA, 2013, p.17)

O caráter democrático atribuído ao *graffiti* é o seu poder de criar experiências de fruição artística em qualquer ambiente da cidade, de forma livre e gratuita. Um exemplo é demonstrado por Farias (2014) ao analisar um *graffiti* do Acidum chamado “Preda, prego, otário” no bairro Benfica em Fortaleza. Os criadores ao voltar no outro dia para documentar a pintura através de filmagem receberam o fortuito encontro de um transeunte que ao vê-los filmarem começa a descrever suas percepções sobre o *graffiti*:

Preda, prego, preda, prego, preda, lá no final tem otário! Aí lá em cima vem o diabo, ó, no cachimbo! Aí vem a primeira paulada ó, que o cara fica logo assim... Não, eu digo assim porque eu já fumei, aí o cara fica logo assim, com os óio arregalado, fica doidinho da cabeça. Aí a outra cabeça ali já é o cara triste, já morto... Ali já é o diabo, aí vai saindo por ali a alma dele ó. (Fala presente no vídeo: *Acidum - Meio fio - Preda, prego, otário.*) (FARIAS, 2014)

⁷⁷ Segundo biografia da dupla. Disponível em: < <http://www.osgemeos.com.br/pt/biografia/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

Fotografia 23 - *Graffiti* Acidum “Preda, prego, otário⁷⁸”, Rua Marechal Deodoro



Fonte: Arquivo pessoal (dez. 2008).

O *graffiti* que foi produzido durante o projeto Praça/Casa⁷⁹ em dezembro de 2008, ainda resiste às intempéries do clima e tempo como também se mantém intacto às intervenções das outras linguagens urbanas. A narrativa do sujeito ordinário que passa na rua olha e vê as imagens, na afecções de suas subjetividades, é o poder que o *graffiti* tem de paralisar um olhar que está cadenciado sob o tempo da velocidade urbana.

A arte pode ser experimentada de diferentes maneiras, afetando cada pessoa de acordo com as forças que atuam nas marcas singulares, mobilizando e atualizando memórias sobre ela, o seu corpo, a sua história etc.

O espaço onde a obra é realizada também abre caminhos para se pensar a imagem contextualizada em um lugar que é habitado de diferentes modos. (FARIAS, 2014)

O olhar do transeunte sobre o *graffiti* é de um tempo diferente do fluxo urbano, o *graffiti* permite um olhar de fruição por sobre suas cores e formas, como se ele desacelerasse a velocidade da vida na cidade. A pintura quebra a rotina do olhar costumeiro para as

⁷⁸ Essa pintura ainda existia quando fiz os percursos de campo, em 2014, decidi colocar uma fotografia feita em 2008 por conta da qualidade da imagem.

⁷⁹ “Praça/Casa” é a primeira intervenção organizada pelo Grupo Meio Fio de Pesquisa e Ação sobre a orientação do artista e professor Herbert Rolim do curso de licenciatura em Artes Plásticas do IFCE. No total foram três intervenções que aconteceram no Benfica, entre 2008 e 2010. A segunda chamada “Exercício de Calçada” aconteceu em abril de 2009 na calçada do IFCE. A terceira e última culminou na Semana de Arte Urbana Benfica (SAUB), em agosto de 2010. As intervenções tiveram a participação de vários coletivos de arte de *graffiti*, poesia, música, além de variados estudantes e artistas em geral.

repetitivas paisagens do trânsito urbano, esse é um olhar que não chega a ver, é o olhar ausente ou esvaziado.

Segundo Didi-Huberman (2010) a experiência do ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois, o paradoxo inelutável de que nossos olhos vêem e ao mesmo tempo nós somos olhados por estas imagens que nos atravessam e que nos fornecem o pensamento. O que nos olha promove uma travessia física que nos faz pensar e experimentar sentidos. É a fenomenologia da percepção⁸⁰. São pensamentos, lembranças que assaltam o cérebro e o corpo.

3.3.5 A pixação e suas representações

Eu gosto de passar e ver meus nomes nas alturas. É rochedo⁸¹. (Prata EM⁸²)

Na *Imagem 24* e nas palavras do *pixador* Prata EM existe um olhar que se desloca sempre para o alto, o céu é a paisagem de fundo preferida para expor sua marca. O que Prata vê também o olha e simboliza nele o desejo de ser tão sublime quanto à paisagem celeste. O céu é essa presença emudecida e simbolicamente forte que representa a morada do divino, é universalmente o símbolo dos poderes superiores.

⁸⁰ Segundo o autor citado a dialética do visível promove uma erupção do tempo presente, pois o ato de ver estaria fundamentalmente relacionado à elucidação de nossa memória, que por fim é parte constituinte das imagens que vemos. A fenomenologia da percepção trata dessa ideia de tempo como algo em contínuo desdobrar, advindo dessa relação perceptiva do corpo em relação aos objetos e o mundo.

⁸¹ “De rocha” ou “rochedo” é uma expressão oral e gráfica (CHAGAS, 2012, p.58) utilizada por vários jovens em Fortaleza, não necessariamente *pixadores*. É uma expressão de exaltação como algo muito bom ou “massa”.

⁸² Entrevista realizada presencialmente na 4ª Mega Reunião de *Pixadores* na praçinha da Cidade dos Funcionários, no dia 06 de janeiro de 2013.

Imagem 24 – S/ título



Fonte: Postagem na comunidade *Xarpi Virtual* do *Facebook* (nov. 2013).

As representações construídas na *pixação* são metáforas do olhar que ao ver desafiadoras alturas desejam estar lá para que simbolicamente adquiram a representação do topo, do lugar mais alto e acima de todos.

Os *pixadores* são representados por suas marcas, aos olhos da metrópole eles são corpos invisíveis, mas o ato de *pixar* promove uma visibilidade a partir da tinta e do imaginário simbólico do *pixo* construído entre eles. Esse corpo emerge e desaparece por meio do disfarce, a lata de tinta em punho dá acesso a sua principal identidade: seu *xarpi*. Quando não estão em saídas para *riscar* são imperceptíveis aos olhares, tornando-se parte da imensa juventude periférica de Fortaleza. A vestimenta⁸³ é comum: bermuda, camisa, chinela, boné ou não; nenhum item tão chamativo ou específico, no entanto, é através dos sentidos que deixam deflagrar suas paixões. Seus olhares fitam a todo instante a arquitetura da cidade, lendo visualmente estruturas de muros e *riscos* de *spray*. Reconhecem companheiros a todo

⁸³ Essa descrição privilegiou o âmbito masculino, mas as mulheres estão presentes nas narrativas de *pixação* além de namoradas, como *pixadoras* também, algumas da década de 90 foram Zana RM, Déia RPM e Ratinha FG. Na geração de 2010 existem *galeras* somente de mulheres *pixadoras* como a GG “Garotas Grafiteiras” e a TDA “Terrorista de Atitude”.

instante e percorrem o trajeto do ônibus⁸⁴ a comentar sobre os *pixos*, atualizando os muros com suas novas marcas.

Enquanto a visualidade urbana é regida por um sistema de entendimento comum, de símbolos e placas para uma ordenação comunicativa, esses jovens estão construindo outra lógica paisagística que congrega a todos eles por intermédio da cidade. A cidade é uma extensa tela (CAMPOS, 2011, p.26) tão exposta e por isso tão propícia a deixar assinaturas. Para o sujeito comum isso não faz sentido, para este o sentido principal da cidade é do fluxo cotidiano entre casa-trabalho/escola-casa. O trânsito é parte da lógica da cidade onde os muros compõem a ordenação do ir ou do não ir, as paredes que separam também protegem e demarcam os espaços privados e públicos.

Os *pixadores* reconhecem essa arbitrária racionalização da vida urbana e recusam essa forma de integração social e maneira de viver na cidade, porque *pixar* acaba sendo um exercício de libertação. Para além da dualidade do público e privado a quebra de fronteiras pelo *pixador* com sua marcação parece fazer parte de uma lógica de pensar a rua e sua estrutura física como sendo de todos, na idéia de um bando que maximiza a liberdade dentro da cidade, criando um novo e independente cotidiano.

A marca é registro de uma presença que permite no tempo uma constante comunicação na cidade. Bombardear a urbe é o modo de alcançar a visibilidade numa cidade polifônica (CANEVACCI, 1997). A *pixação* reutiliza as estratégias da publicidade para se tornar massiva, a finalidade é estar em maior número pela cidade como os cartazes, letreiros, *outdoor*, placas e as outras ferramentas de comunicação visual impregnadas na paisagem urbana.

O lema comercial “quem não é visto não é lembrado” é ressignificado pelos *pixadores* direcionando suas práticas. Assim, pelo artifício da repetição os *pixos* impregnam a cidade legitimando seus sujeitos ao *jogo* da *pixação*.

O jogo é uma categoria construída por Bourdieu (1996a) na tentativa de capturar a lógica do mundo social. Segundo o autor os agentes estão distribuídos dentro de espaços sociais a partir de dois princípios de diferenciação: o capital econômico e o capital simbólico. Essa distribuição, por sua vez, os reúne em um sistema de preferências (gostos), o que

⁸⁴ Parte de uma observação participante onde me encontrei com *pixadores* no terminal do Antônio Bezerra e fomos juntos a uma reunião da V.S., “Vagabundo Safado”, no bairro Pirambu, em: 26 mar. 2011.

também explicaria as razões de suas práticas. Quanto mais próximos estiverem nas dimensões do capital econômico e simbólico tanto mais têm em comum. (1996a, p.19) Desta forma, o jogo se caracteriza na lógica de cada posição social, nas razões das práticas de saber agir e pensar dentro das vivências que envolvem um campo. Lembrando que apenas têm o sentido do jogo os agentes que participam do mesmo campo social, cada um destes compartilha de um *habitus*. O *habitus* são características intrínsecas e relacionais de um espaço social que agrupam seus agentes em uma unidade.

Desta forma, os *pixadores* participam de um mesmo campo e compartilham intrínsecas lógicas de percepção, assim como linguagem. Faz parte do seu jogo a produção de marcas em maior número, pois desta forma, estarão mais próximos de ter o reconhecimento, fama e *ibope* de seus semelhantes. Assim, como “marketeiros urbanos” os *pixadores* desafiam as estruturas escalando placas, marquises, *outdoors*, monumentos, prédios e etc. na intenção de dar destaque às suas assinaturas.

Fotografia 25 – Saimo VDM



Fonte: Saimo VDM (2014).

O êxito do *ibope* marca uma passagem simbólica do “eu-ninguém” para um “eu-considerado”⁸⁵ nas *galeras de pixação*. O território marcado é uma representação simbólica de si, sendo o *xarpi* uma marca construída, vivida e levantada como meta. A potência do desejo de ser um *pixador considerado* é deflagrada na paisagem urbana com seus inúmeros *riscos* representando o *hall* da fama dos *pixadores*.

Ainda segundo Bourdieu (1996a) dentro de cada espaço social existe a construção de bens simbólicos os quais aqueles agentes pertencentes ao campo, concorrem ou disputam para a obtenção desse bem, adquirindo assim o poder. O capital simbólico age como uma verdadeira força mágica, uma propriedade que por responder a uma expectativa coletiva, socialmente construída, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico.

A exibição dos *xarpis*, atualmente, também se manifesta nas redes sociais da internet. Os *pixadores* participam de comunidades no *Facebook* onde postam imagens de suas marcas, tecem comentários, notícias e divulgam as reuniões. Mas a ambiência da internet também provoca tensões. Segundo alguns existem *pixadores* que querem construir um *ibope* através de uma divulgação repetitiva na internet, estes trocam o bombardeio dos *xarpis* nas ruas pelos bombardeios virtuais. Suas divulgações nas comunidades são motivo de chacota e “para tirar mais onda” um *pixador* anônimo criou o personagem *Pixoswaldo*⁸⁶ para representar esses “*pixadores* de internet”, como vemos nas *Imagens 26, 27 e 28* abaixo:

⁸⁵ *Considerado* é um termo nativo freqüentemente utilizado significa ser reconhecido como importante na cultura da *pixação* ou por antiguidade na prática ou pelo seu desempenho de possuir um grande número de *xarpis* pela cidade. Também simboliza um *pixador* ou grafiteiro respeitado.

⁸⁶ Existe uma página de *Pixoswaldo* no *Facebook*, disponível em: < <https://www.facebook.com/pages/Este-%C3%A9-Pixoswaldo/546578152102733>>. Acesso em: 01 fev. 2015.

Imagem 26 – Pixoswaldo



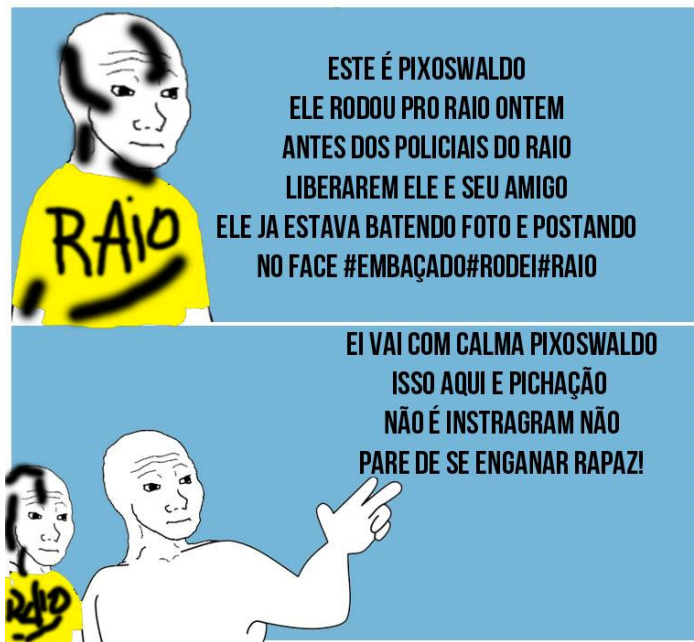
Fonte: Comunidade *Xarpi Virtual* do *Facebook* (nov. 2013).

Imagem 27 – Pixoswaldo



Fonte: Comunidade *Xarpi Virtual* do *Facebook* (nov. 2013).

Imagem 28 – Pixoswaldo



Fonte: Comunidade *Xarpi Virtual* do *Facebook* (nov. 2013).

Pixoswaldo não possui o sentido do jogo da *pixação*, quer se figurar entre os notórios por meio da sua própria divulgação na internet, mas os membros reconhecem a artificialidade de sua prática.

Para os praticantes dessa cultura *pixador de verdade*⁸⁷ é o sujeito que está nas ruas se expondo e se arriscando com ousadia na tentativa de conquistar um *status*. Ser *pixador* significa investimento de capital, de tempo e de vida. A *pixação* e suas características de ousadia, adrenalina e vício traduzem uma prática arriscada para obter um reconhecimento perante seus pares.

Porque tem muito *pixador* que infelizmente *pixa* dois, três muros e posta cinquenta fotos no *Face* [Facebook] aí diz que é um fera de Fortaleza, ta entendendo. Eu sou um cara que não liga pra *Face*, eu não mexo, eu sou novo [na cultura da *pixação*], mas eu não ligo pra *Face*, porque o *Face* não vai me dar nome, o *Face* não vai me dar *status*, eu vou fazer o quê com o *Face*? Eu to pouco me lixando pro *Face*, ta entendendo, porque pra mim o *pixador* não mostra a atitude dele na internet, mostra nos muros, mostra nas avenidas, mostra nas altura, isso sim é o *pixador de verdade*, não o *pixador do Face*, que é igual muitos hoje são *pixador no Face*, quando ta na rua você não vê a atitude do cara, ta entendendo? (Roco SF)

O *pixador* que não é de *corpo e alma* é o *pixador falso* que entra pra *avacalhar*. [...] O *pixador de corpo e alma* é o que sai pra *pixar* qualquer horário, madrugada, mas não o que sai pra disputar com outra *galera* ou então pra ta robando ou pra ta se drogando no meio da rua, isso aí não é *pixador*. (Surf SF)

⁸⁷ Essa diferenciação nativa é marcada para enfatizar que “*pixador de verdade*” não *pixa* por moda e que não se constitui *pixador* apenas por postagens na internet.

Nas palavras de Roco reconhecemos uma divisão entre os “reais *pixadores*” e os “*pixadores* de internet”. A *pixação* como um campo simbólico de disputas possui agentes de reconhecimento que tem o poder de nomear quem é ou não de fato *pixador*. Esses representantes são reconhecidos pelos demais pelo fato de terem acumulado capital simbólico⁸⁸ dentro da cultura do *xarpi*. Deste modo, o poder lhes caracterizam como líderes de suas respectivas *galeras*.

Segundo Bourdieu em “A economia das trocas lingüísticas” (1996b), a palavra é um exercício de poder, pois a linguagem é uma forma de construir os sentidos da realidade. O autor irá discutir a eficácia do discurso, o discurso como agência de poder constrói representações públicas. No entanto, a eficácia do discurso depende da posição social do locutor, ou seja, depende da autoridade de quem o faz e da autorização para que este seja porta-voz de um grupo. Portanto, para que a fala atinja sua eficácia é necessário que além de inteligível ela seja reconhecida como legítima. No exemplo dos *pixadores* do tipo *Pixoswaldo* os discursos e ações destes proferidos nas redes sociais não possuem poder de ação, pois perante o grupo estes não são reconhecidos como “reais *pixadores*”, suas ações assim são repudiadas e tornam-se chacotas. “A eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito.” (*Ibid.*, p.95)

Apesar da *pixação* não possuir ritos de instituição que exerçam uma distinção legítima da diferença, dentro do *xarpi* há o reconhecimento da *investidura* que cada *pixador* produz, o que segundo Bourdieu “consiste em sancionar e em santificar uma diferença (preexistente ou não), fazendo-a conhecer e reconhecer, fazendo-a existir enquanto diferença social, conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais”. (1996b, p.99)

Os atos de nomeação estabelecem fronteiras mágicas de uma *di-visão* que consiste em impedir que os indivíduos que se encontram dentro de um grupo, “do lado bom da linha”, de saírem dela e se desclassifiquem (BOURDIEU, 1996b, p.102), assim como estabelece, também, uma diferença aos que estão “fora da linha” de *di-visão*, como não pertencentes ao grupo.

⁸⁸ A acumulação de capital simbólico, tomando a categoria de Bourdieu (1996a), dentro da *pixação* se dá pelos mesmos moldes de se tornar um *pixador considerado*. É preciso ter anos de experiências dentro dessa cultura ou ter fundado uma *galera* que já se tornou reconhecida ou ter conquistado um grande número de territórios na cidade com seus *xarpis*.

O impostor não é bem quisto dentro do grupo, ele não é o que se pensa que ele é, ele usurpa o nome, o título, o direito ou as honras de um outro, ele deslegitima a *illusio* do grupo, por isso, comumente ele é visto como uma fraude e sofre represálias por isso. (BOURDIEU, 1996b, grifo nosso)

Utilizando a analogia de *di-visão*, de Bourdieu (1996b), na *pixação* verificamos que esse campo também se constrói pelas tensões que envolvem suas práticas. O sentido do jogo da *pixação* (suas regras e nomenclaturas) está fundado nas crenças imaginárias e coletivas dos seus praticantes. Mas quando a coesão do grupo é posta em xeque por *pixadores* do tipo *Pixoswaldo*, existem agentes empoderados que podem perante o grupo diferenciar os “reais *pixadores*” dos “*pixadores* de fachada”, ou impostores.

4 A CIDADE COMO *LÓCUS* DA COMUNICAÇÃO VISUAL

Para ver algumas cenas urbanas como diria Brissac (2004), é preciso se deixar impressionar. “O invisível não é, porém, alguma coisa que esteja para além do que é visível. Mas é simplesmente aquilo que não conseguimos ver”. (*Ibid.*, p.17) Para o autor a crise da modernidade está no desengate da obra com seu entorno, e a pintura de paisagem instaura uma nova maneira de ver o mundo.

A relação da arte com a cidade é o despertar da experiência de nós com a metrópole. As cidades são compostas por múltiplas paisagens, terrenos de fluxos contínuos e acidentais que promovem entrelaçamentos. “Tudo se passa nessas franjas, nesses espaços intersticiais, nessas pregas”. (*Ibid.*, p.13) Nos “entres” dos espaços e tempos existem realidades invisíveis aos olhares abruptos, as paisagens urbanas são reveladas não pelas descrições, mas pela sensibilidade do olhar que se deixa impressionar. Brissac através da arte nos estimula a ver as paisagens por uma experiência dos sentidos. O espaço urbano moderno transcende os limites geográficos e se funda essencialmente através da percepção de cada um de seus habitantes.

A metrópole dos nossos dias se configura num emaranhado de signos visuais compostos em cartazes, placas de sinalização, propagandas em muros, *outdoors*, *graffiti* e *pixos*. Esse turbilhão de informações promove uma "cegueira" no passante urbano em meio a esses signos, é preciso ver com acuidade essas inscrições urbanas, signos que modificam a urbe de maneira peculiar. Não somente esses signos são alimentados pela cidade, mas a própria cidade engloba-os de modo que é uma relação dialética. (PENNACHIN, 2003)

Podemos assim ampliar uma definição de cidade como também espaço da linguagem, evocação de emoções, valores e simbologias dos indivíduos que participam da mesma. Estes utilizam e ressignificam os espaços da urbe de acordo com suas respectivas vivências, os códigos urbanos possuem particulares características e formas de atuação na cidade que constroem diferentes subjetividades no modo cognitivo de apreender o urbano. A cidade, então, é considerada não apenas como um lugar, mas como uma experiência e uma prática social de espaço capaz de produzir subjetividade. (DE CERTEAU, 1998; PALLAMIN, 2000)

Nas linguagens urbanas a cidade é significada através dos potenciais de consumo de seus lugares. Assim descreve Lefebvre (2001) sobre o tecido urbano comum das cidades pós-Revolução Industrial:

O núcleo urbano torna-se, assim, produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a este duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar. (LEFEBVRE, 2001, p.20)

Graffiti e *pixação* também são práticas de um consumo urbano, no sentido de se apoderarem da cidade para atingir seus potenciais de criação. Ambas são produtos de uma performance que emancipa seus sujeitos de meros espectadores da vida social. (RANCIÈRE, 2010) A performance potencializa indivíduos a se tornarem agentes de uma prática coletiva, a irem de encontro às suas potências, ela permitiria assim ser ativo. Segundo o filósofo Fuganti (2013) “ser ativo é coisa rara no homem, só se pode ser ativo, constituir realidade, a partir das intensidades que nos constituem e nos atravessam. O preenchimento do desejo é uma maneira de existir” (informação verbal)⁸⁹.

A rua é o local urbano característico do sentimento de coletividade, pois fortalece uma heterogeneidade de corpos que se deslocam, vivem e praticam o cotidiano. A rua como potência de conexões subjetivas é o espaço da pluralidade, onde são viabilizados diferentes e múltiplos encontros, desta forma, o urbano permite uma prática de alteridade que qualifica o lugar do sujeito no mundo.

Na prática do espaço a cidade acaba sendo transformada pelos afetos vividos nessa urbanidade, instituindo a urbe não como espaço homogêneo, mas mediado pelos sentidos de uso dos sujeitos heterogêneos que a vivenciam. Assim, segundo (FERRARA, 1981) o uso é uma leitura da cidade na relação humana das suas correlações contextuais.

Sendo assim, cada mídia na cidade gera novos contextos de consumo prescrevidos pelos sentidos das linguagens, mas também pela heterogeneidade dos sentidos cognitivos. “Os dispositivos ‘fazem’ as imagens, cunham-nas com determinadas especificidades, não apenas de natureza técnica, mas igualmente simbólica e ideológica. Sendo o conteúdo constante, o seu significado cambia em função do suporte” (CAMPOS, 2013, p.18).

⁸⁹ Palestra de Luiz Fuganti, na Faculdade de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, realizada pela Escola Nômade de Filosofia, em Uberlândia-MG, em 15 de setembro de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8jMcywa-HUE>> Acesso em: 16 mar. 2014.

4.1 A relação entre espaço e linguagem na *pixação* e no *graffiti*

As linguagens urbanas do *graffiti* e da *pixação* produzem mensagens fortemente vinculadas ao espaço em que se inscrevem. Riscar sobre uma superfície é o modo mais antigo de praticar a alteridade, de se reconhecer sujeito. Os indícios deixam vidas e histórias perpetuadas para além do físico, nas memórias de seus habitantes. O muro e suas crostas de memórias são valores de sujeitos praticantes da intervenção urbana. Como diria Canevacci (1997), a cidade comunica o seu conjunto de valores, crenças e comportamentos. A cidade é estratos de memória, suas paisagens são fontes de imagens sedimentadas em diversos níveis de nossa memória. “Cada um de nós, em seus itinerários urbanos diários, deixa trabalhar a memória e a imaginação” (ARGAN, 1998, p.232)

Os *pixadores* são os novos *flâneurs*⁹⁰ da cidade, como disse Franco (2013), eles vivem-na sob uma intensidade constante, se embriagando na visualidade dos espaços, flertando e dialogando com estes, a cidade é um território desafiador das escritas caligráficas dos *pixos*, configurando-se, então, como espaço motivador de suas potências. Os *pixadores* são corpos cuja intensidade de vida é atravessada pelo *devir*⁹¹ cidade, “fazem, com isso, uma ressignificação do modo de habitar a cidade e marcam, no percorrer urbano, um itinerário em que se reconhecem”. (SPINELLI, 2007, p.114)

A cidade traduz uma subjetiva leitura aos *pixadores*, aos seus olhares os muros são como um imenso caderno caligráfico como afirmou João Wainer (2009). Ao tomarem a cidade para si, os *pixadores* constroem uma nova leitura desta, tão particular e tão livre como as criações num caderno de artista. Os muros e os materiais de que são feita a paisagem são como páginas de diferentes tamanhos, gramaturas e materiais. No imaginário desses jovens cada parede seja de pedra, de cerâmica, pintada de cal ou chapiscada possui uma leitura específica que a categoriza em um *ranking* de preferências. Quando a leitura traduz-se por permanência, como em muros de pedra ou topos de edifício, cuja remoção fica mais difícil, a concretude do espaço traduz uma simbologia do poder.

Eu procuro pegar onde eu sei que o meu nome vai ter uma durabilidade boa, vai passar bastante tempo ali. De preferência se for portão, os portões mais antigos e de

⁹⁰ A figura do flâneur é o observador apaixonado pela cidade e sua multidão, com prazer quase voyeurístico ele observa refletidamente os moradores da cidade e suas atividades diárias, “a cidade é o autêntico chão sagrado da flânerie” (BENJAMIN, 1989, p.191)

⁹¹ Aqui no sentido deleuziano, compreendendo que o *devir* é uma intrasitoriedade do ser, é seu estado dinâmico onde ele produz no acontecimento.

parede de preferência chapiscado e *permanente* que é os muros conhecido também como os muros de pedra, né, que tem bastante aqui em Fortaleza. (Pirado GDR⁹²)

A cerâmica, tipo assim, é um *ibope* que você não sabe se vai ser duradouro ou não, ta entendendo, porque o removedor ele limpa a tinta muito fácil, né. Mas já tem dono de casa que não liga, nem vai atrás de tirar, ou seja, esse desleixo do dono da casa passa dez, quinze anos. Que nem tem altura hoje de cerâmica que tem dezesseis anos de história, dezessete anos de história. (Roco SF)

O local mais perigoso, que dê adrenalina à ele e que ele pegue e o outro não pegue. Por exemplo, eu quero pegar um prédio, né qualquer um que pega prédio não, é só o *pixador* que se garante mesmo. (Surf SF)

Rapaz o que dá ação mesmo é o cara subir, escalar assim, deixar o seu nome lá e ta aqui, eu to aqui, assim lá em cima nas altura. (One-rip GDR⁹³)

Os muros são escolhidos a partir de sua materialidade, a partir desta o *pixador* pode crer que sua assinatura vai permanecer longos anos. Essa durabilidade se relaciona com o estado de ser visível, comentado. Outra tática de adquirir visibilidade é *pixar* nos topos de edifícios.

Fotografia 29 – “Vem na trilha”, Avenida da Universidade



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

⁹² Entrevista realizada presencialmente na 7ª Master Reunião de *Pixadores* no dia 07 de dezembro de 2014.

⁹³ Entrevista realizada presencialmente na 4ª Mega Reunião de *Pixadores* na Cidade dos Funcionários no dia 06 de janeiro de 2013.

Eu tenho... 90 pra 2014, eu tenho vinte e poucos anos de *pixação*, né? Eu nunca fiz isso ai que esse doido fez, pelo cabo de aço? Não, não, escalei pelo combogol, combobol porque eu sei que ali me dá um pouco de segurança, né? Porque o engenheiro, mestre de obras não vai fazer aquilo ali pra não agüentar uma, um impacto ou um peso, né? Então quer dizer que eu subo pelo combogol porque eu sei que aquilo ali me agüenta, mas pelo cabo de aço? Ai o caba ta dando a vida dele, ele ta sujeito a morrer, quem nem já morreu esse aí [Pivô RM⁹⁴], morreu outro também. (Surf SF)

Tu ver, o cara sobe pelo cabo *brother*, ainda tem força pro fi da mãe botar uma *tag* aqui. (Edu RAM)

Na Fotografia 29 o *xarpi* de Cipó GZP ganha uma maior visibilidade e conseqüentemente um maior *ibope* por estar no topo de um prédio, o local escolhido para *pixar* agrega à marca um poder simbolicamente construído. Além de se expor na parte mais alta o *pixador* ainda demonstra mais ousadia ao indicar que subiu pelo cabo de aço⁹⁵. A frase “vem na trilha” é indício do seu feito, e traduz nessa situação sua ousadia, risco e superação.

Assim na *pixação* o espaço escolhido para *pixar* revela um conjunto de significados partilhados aos que *pixam*. Quanto mais dificultoso for o muro, mais olhares serão atraídos para aquela assinatura. Deste modo a imagem da *pixação* está, invariavelmente, dependente dos suportes, “neste sentido não devemos esquecer a célebre máxima de McLuhan (2008[1964]), para quem o ‘meio é a mensagem’.” (CAMPOS, 2013, p.18) Na *pixação* assinatura e espaço constroem a mensagem, vale lembrar que esta mensagem é partilhada apenas pelos sujeitos pertencentes à cultura da *pixação* ou aos que adquiriram o entendimento desse campo simbólico.

E é mesmo verdade que o significado das pichações é inteligível para quem é do pedaço, pois, como os próprios pichadores afirmam explicitamente, eles não querem se comunicar como todo o mundo, mas apenas entre si: as inscrições são para aqueles que “sabem ler o muro”. (MAGNANI, 2005, p.197)

Então o *pixador* a linguagem dele já é mais de *pixador* com *pixador*, ta entendendo, no alto, e *pixador* com sociedade no baixo (mas se as pessoas já andavam olhando pro muro) e isso é raro. Então mais difícil ainda elas vão olhar pro beiral de uma casa, pro bico, pra uma marquise, pra uma janela *pixada* no 7º andar, eles não vão olhar, ta entendendo? (Vampyro AC)

⁹⁴ Pivô RM faleceu em 07 de dezembro de 2014 aos 22 anos ao cair de um prédio comercial na av. Santos Dumont com Costa Barros, na ocasião Pivô estava sozinho, o corpo só foi encontrado na manhã do dia 08, segunda-feira pelo administrador do prédio. Disponível em: <<http://tvdiario.verdesmares.com.br/noticias/policia/pichador-morre-ao-cair-em-laje-de-predio-comercial-no-centro-1.1170186>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

⁹⁵ Essa técnica de subir o prédio pelo cabo de aço do aterramento do para-raio não é comumente praticada, dos *pixadores* de Fortaleza de que tive notícia apenas Cipó GZP se arrisca em tal feito. As técnicas mais comuns de chegar ao topo de prédios é escalando por entre cobogós, grades e janelas ou despistando o porteiro e subindo pelo elevador e escada de emergência.

Nesse sentido queremos afirmar que para o transeunte comum a *pixação* é um código indecifrável o que faz com que as marcas nos muros possuam um único sentido, o da negatividade. A *pixação* acaba sendo percebida como um significante vazio e é a partir dessa chave de entendimento que se configura um desgosto a ela. Despidos das pré-noções, podemos reconhecer o *pixo* como uma mensagem imbricada de signos seriamente vividos por centenas de jovens que o praticam, configurando-se como mais uma cultura de rua. O que se percebe é que a *pixação* é marginalizada pela redução estética, que é a forma da nossa cultura dominante. E o apelo estético é o que justamente enaltece o *graffiti* em detrimento da *pixação*.

Assim, a *pixação* eu tenho em vista na minha mente que é mais uma forma mesmo de espalhar muito nome e ver quem tem mais nome, e quem se arrisca mais pra *tacar* sua *pixação*. Hoje em dia eu acho que a *pixação* perdeu muito a ideologia daquele tempo da ditadura, entendeu, um lance mais de protesto, hoje em dia, não, é mais a disputa de quem tem mais nome. A ideia do *graffiti* pra mim é mais o lance de passar uma mensagem mais positiva, de chamar mais a atenção pra galera que ta passando na rua e completar mais a cidade com mais cor, mais vida. E assim, pra mim é uma arte mais aberta com mais cor, diferente da *pixação* que é uma comunicação muito fechada. Só quem conhece a *pixação* sabe, só quem vai se ligar é quem participou daquilo ou então quem ta vivendo aquilo porque gente de fora não vai entender bem o que é aquilo, só vai dizer que é rabisco e talvez uma poluição visual. (Qroz VDM⁹⁶)

O que a diferencia, também, do *graffiti* é seu formato de comunicação, sendo a *pixação* uma expressão fechada ao ciclo dos *pixadores*, mesmo estando em meios públicos, trata-se de uma expressão construída de poucos-para-poucos⁹⁷ ou intragrupal, quando as mensagens circulam dentro de um grupo. Entendendo que a comunicação se realiza em três etapas emissão-transmissão-recepção, na *pixação* a mensagem se endereça a poucos, pois, segundo a teoria da comunicação, a comunicação se efetiva quando da sua recepção mediante uma decodificação da mensagem.

⁹⁶ Entrevista realizada presencialmente na Praça José Gentil do Benfica no dia 13 de dezembro de 2014.

⁹⁷ Categoria desenvolvida por Glória Diógenes no artigo *Signos urbanos juvenis: rotas da piXação no ciberespaço*, 2013. A *pixação* possui “um campo de enunciação de poucos-para-poucos, ao invés da universalização dos *media* pautada na comunicação de um-para-todos, ou de todos-para-todos”.

Fotografia 30 – Escritas de *pixação*

Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Ao passo que o *graffiti* permitiria uma polissemia de sentidos, a depender da subjetividade do observador. O *graffiti* ao se aproximar das artes plásticas constrói uma relação de empatia com o transeunte. A paisagem urbana é demasiada repetitiva, já diria Lucrécia Ferrara (1997), olhar e não ver é uma atitude que perfaz os modos de vida do homem moderno. Em meio a tantos estímulos urbanos, os sujeitos apresentam uma forma de comportamento que Simmel (1979) chamou de *blasé*; são sujeitos saturados aos estímulos da vida urbana, cujos olhares são de distração, “habitado à impessoal desatenção civil, ele é incapaz de notar a novidade” (*Ibid.*, p.103)

O *graffiti* provocaria no sujeito um *start* de uma experiência estética, uma injeção de intensidade em corpos entorpecidos pela saturação urbana. Esse engate de fruição proporcionado pelo *graffiti* é a ideia do senso comum de dar mais vida à cidade.

Fotografia 31 – Mural de *graffiti*

Fonte: Arquivo pessoal (dez.2014).

A vitalidade do *graffiti* está vinculada a polissemia de sentidos que ele pode gerar a depender do seu consumo, o receptor então tem uma segunda oportunidade de criação de sentido para a imagem, “neste caso de recriação do texto, de manipulação, subversão, decomposição, negação ou assimilação do sentido original”. (CAMPOS, 2013, p.28) O *graffiti* torna-se assim, uma linguagem que “refresca” a saturada paisagem urbana, ressignificando os espaços por intermédios de seus desenhos, palavras, traços e cores.

4.2 O diagrama da *pixação* versus o diagrama do *graffiti*

Compartilhando a ideia de Ricardo Campos (2013) sobre o caráter fabricado das imagens, esta ideia implica a existência de autoria. Em alguns campos a construção dessa imagem está associada à atividade individual, como é o caso das artes e do *graffiti*, nesses a autoria é acentuada, tornando a dimensão de produção dessa imagem um feito particular. Já na *pixação* a produção de imagens possui um modo específico de fazer, compreendida como individual e coletiva, porque o *xarpi* como código principal da *pixação* é composto por dois signos: a assinatura do *pixador* e a sigla a qual ele pertence. (CHAGAS, 2012, p.30)

Fotografia 32 – *Xarpi* + sigla

Fonte: Arquivo pessoal (2014).

O *pixo* é uma imagem produto de um gesto diretamente individual e indiretamente coletivo, a mensagem (*xarpi*) tem como emissor um indivíduo, que é o autor praticante do feito, e um coletivo que é uma espécie de co-autor da mensagem. A *pixação* desse modo tece um sistema comunicacional diferente do *graffiti*, em formato de **teia**. Essa coletividade do *pixo* faz com que a ação de *pixar* retroalimente outros *pixos* e *pixadores*, pois cada risco da sigla é como se fosse um pouco do feito de cada membro, as inscrições, então, acabam formando um sistema comunicativo em teia, que é o que engendra a força potente da *pixação*.

A *pixação* existe porque é plural e ramificada, porque faz parte de uma teia de comunicação e dialoga com muitos outros jovens sobre suas vivências e experiências. E nessa troca constante de energia a *pixação*, o *pixador* e o *pixo* ganham cada vez mais argumentos para existirem, fortalecem a partir da construção de uma comunicação conjunta que se energiza e revitaliza culminando em uma produção constante cotidiana e em um assunto novo de uma temática que já existe há quase trinta anos⁹⁸. (CHAGAS, 2012, p.14)

A potência de uma *sigla* depende do investimento dos seus representantes, conseqüentemente, para participar de uma *galera considerada* era necessário que o *pixador* apresentasse nas ruas a força do seu nome. Quanto mais ousadia e riscos, maior o ganho de prestígio e assim o *pixador* poderia pleitear vaga ou ser convidado para uma *galera de ibope*.

⁹⁸ Segundo a pesquisa de Santiago (2011) a *pixação* na cidade de Fortaleza surgiu por volta do ano de 1986.

Pra nós entrar na GDR, se eu fosse um *cabeça* [líder] e ele aqui querendo entrar na GDR, mas só com a minha permissão, se eu visse que ele ta *escancarando* mesmo, ai merece ser GDR, nera qualquer um que entrava assim não. Pra entrar numa facção [*sigla, galera*] naquela época lá, nego tinha que meter mei mundo de nome, marquise, muro, tudo cumpade pra chegar e merecer aonde ta. É igual jogador, ta ligado, jogador que joga bola mermo vai pro time melhor, era igual nego *pixasse* mais, mais, mais ia pra uma facção mais falada, nera chegar e meter não, “ei da pra entrar lá”, “dá, o cara lá ta *escancarando*”, “vai *arrebentar!*”, ai o cara *arrebentava*. (One-rip GDR)

Os *pixadores* fortalecem a sigla ao mesmo tempo em que esta os dignificam, e essa coletividade não para por ai, além de a tinta exposta destacar o nome do *pixador* e sua galera, na maioria das vezes, também há um *oferecimento* para um ou mais *pixadores*. O *oferecimento* ou *dedicatória* alimenta ainda mais essa teia. Quando um *pixador* recebe um oferecimento, geralmente, ele retribui. O *oferecimento* é como a categoria da dádiva de Marcel Mauss (1974), o sistema de trocas é fundamento de toda sociabilidade e comunicação humana. A dádiva produz a aliança e também pressupõe uma retribuição. Com os *pixadores* acontece isso, uma expectativa de também receber um *oferecimento*.

Fotografia 33 – *Oferecimento* para Capote e Cromado



Fonte: Pirado GDR postagem no *Facebook* (set. 2013).

O “para” é mais a relação da *consideração* pelo amigo, pelo outro *pixador* e tal, muitas vezes a gente sai do nosso bairro pra outro, ai vamos supor, eu moro na Barra [Barra do Ceará] e saio pra *tacar* nome é... como aconteceu já na Parangaba, tem um *brother* na Parangaba que é muito *brother* meu, o Muleque, como eu passei nas *área* do cara e sei que ele mora ali, eu tenho uma *consideração* e um respeito *massa* por ele eu quis dedicar aquele nome ali à ele. É mais *consideração* mesmo pelo amigo. (Pirado GDR)

A *consideração* é um termo híbrido da *pixação* e do *graffiti*, como ambas as culturas de rua estão a todo instante se encontrando por entre muros, esse encontro por vezes é permeado por desejos e dúvidas em relação ao espaço. *Tacar o xarpi* por sobre um *graffiti* ou *considerá-lo*? *Cobrir as pixações* no muro para fazer um *graffiti* ou fazer a pintura de modo que *considere* os *pixos* ali expostos? A Fotografia 34 representa um desses questionamentos subjetivos que pairam nos sujeitos praticantes, neste caso a imagem mostra uma concordância de espaço entre *graffiti* e *pixação*, e a narrativa do *pixador* que passou por ali.

Fotografia 34 – *Grffiti* de Doug IAC e *consideração* de Roco SF e Carinha JM



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Na *pixação* além das comunicações nos muros, acontecem freqüentemente reuniões, também chamadas de *réus*, são encontros de *pixadores*, geralmente, em praças públicas e cujo convite é estendido para todas as *siglas*. Cada *réu* é organizada por uma *sigla* ou em parceria. Elas movem dezenas por vezes centenas de jovens que participam das costumeiras trocas de assinaturas e bingos de lata de tinta, aumentando seus ciclos de amizade.

Então foi na minha primeira *réu* de *pixação*, que foi dos N.G. que era “Ninjas Grafiteiros” que quando eu entrei virou “Novos Grafiteiros”, então foi meio que um ritual, né? Achei muito estranho da ponta da praça já avistei muitas pessoas reunidas, bebida, som alto, trocação de assinatura então aquilo pra mim tudo era novo, né, foi um mundo que me fantasiou muito. E daí eu conheci várias pessoas, e a amizade... Então na *pixação* a amizade é diferente ela tem todo um código de ética, todo um respeito... É amizade dessas que perpetuaram por muitos anos, eu tenho

amigos de 10, 11 anos de *pixação* que a gente ainda se vê, ainda troca assinatura, marca *rolê*. (Vampyro AC)

Apesar de a *pixação* ser uma prática urbana explicitamente competitiva as *siglas* não são inimigas entre si, a troca de assinaturas faz com que *pixadores* de diferentes *galeras* se conheçam e saiam para *pixar* juntos, cada um destacando sua *família*. O termo *sigla* é também significado por *galera*, *família*, e raramente por *gangue* ou *facção*, como me corrigiu o *pixador* Brasa GDR:

É chamada de sigla mesmo ou de gangue?

Não, é *sigla*, a gente num considera a *galera* do outro de gangue não, que a gente num somos inimigos deles. Nós somos amigo, a gente tá aqui pra fazer amizade, e se for possível até sair com eles mesmo. Às vezes tem um bate boca, mas a gente gosta de chegar pra um e outro e conversar, cara vamu deixar... vamu viver na paz mesmo, a *pixação* é *família* num é guerra. (Brasa GDR⁹⁹)

No *graffiti* cada grafiteiro possui uma produção autônoma que não necessariamente se vincula com outros grafiteiros. Como é uma realização independente, esquematicamente o *graffiti* se dispõem em **cadeia** de uma seqüência individual de produção. Mesmo numa obra coletiva, como em um mural, cada grafiteiro possui seu espaço no muro que é previamente dividido no número de partes da quantidade de grafiteiros participantes. No resultado vemos um mural cujas produções são visualmente reconhecidas pelas diferentes características estéticas (tipo, traço, cores etc.) e também pelas assinaturas.

Fotografia 35 – Mural de *graffiti* - 3º Encontro de *Graffiti* VAN Crew Nordeste



Fonte: Arquivo pessoal (dez. 2014).

A cena do *graffiti* em Fortaleza também é permeada por encontros, mas esses acontecem esporadicamente e se determinam quando da pintura de um mural. Percorrendo as ruas do Benfica verifico que os murais de *graffiti* estão antigos, com pinturas desgastadas, muitas foram feitas em 2012 como o mural da av. Carapinima, outros mais antigos, 2008, como o mural da Rua Marechal Deodoro. Levantei questões para meus entrevistados sobre a cena da *pixação* em comparação com a cena do *graffiti*:

⁹⁹ Entrevista realizada presencialmente na 7ª Master Reunião de *Pixadores* no dia 07 de dezembro de 2014.

Como você vê a cena do *graffiti* aqui em Fortaleza e a cena da *pixação*, como você poderia comparar as duas?

Eu ainda vejo que o *graffiti* aqui ainda é muito desunido, assim por mais quem começou antigamente ainda tem um ego muito grande e muito maior do que os que tão começando agora, às vezes, não dão oportunidade, às vezes fulano não quer *colar com sicrano* por algumas intrigas que tiveram, algumas discussões, não é uma galera ainda muito unida, entendeu? Tipo antigamente eu me preocupava muito com isso, eu me preocupava com união e a gente quebrou a cabeça tanto com isso que eu vi que não tava servindo de nada. Então eu me desliguei disso tudo, hoje em dia to fazendo meus trabalhos paralelamente com isso que ta ocorrendo, e assim, isso foi até melhor pra mim por desenvolver meu trabalho, por ta estudando mais sobre o *graffiti* e tudo. Acredito que a cena do *graffiti* ela tem que acontecer não numa forma não tão unida também, mas que cada um faça sua parte que eu acredito que isso vá melhorar em muito no crescimento de uma cena aqui na cidade. (Qroz VDM)

Alguns *bombs* teus tu *oferece*? Eu acho a galera mais unida na *pixação* porque eles são mais envolvidos uns com outros, seja pela *sigla*, pela *família*, como pelos *oferecimentos*, sempre eles estão *oferecendo* a uns e outros, e o *graffiti* não tem isso.

Assim, é como aquilo que te falei eu num sei se é muito neguin querendo ser nariz arrebicado, querendo se achar o tal demais e às vezes num dá nem oportunidade pra quem tá começando agora. Porque eu já vi muito grafiteiro que já tem altos anos grafitando vai pra um evento, aí tem um que não pinta muito bem, ele num quer pintar do lado daquele cara, entendeu. No ponto de vista da *pixação* não existe isso. Ele não quer compartilhar o mesmo muro, talvez assim por achar que o trabalho daquele grafiteiro num vai muito de acordo com o trabalho dele, eu num sei qual a forma de ideologia dele, entendeu, mas assim eu vejo muito isso como se fosse ainda uma forma de querer ser muito ainda demais do que aquilo que ele é. Eu acho que ele devia muito baixar a bola dele, favorecer mais pra quem tá começando também. Como a gente também vê nessas comunidade [Facebook], às vezes tem muitos menino que vê muito o *graffiti* e acha aquilo bonito, às vezes posta trabalho mesmo na folha e coloca lá na comunidade trabalho de *graffiti* feito em folha, desenhos, aí em vez deles favorecer, tipo, assim, dá um ponto positivo “oh massa, continue assim”, não, eles vão lá e critica: “porra num sei o que, porque tu num vai lá pro muro fazer isso”. Ao invés de dá um ponto, uma iniciativa pra que ele melhore aquilo e vá pro muro, entendeu?

Assim a *pixação*, eu acho que independente de *galera* eu acho que eles ainda são muito unido. É uma forma muito unida ainda de levar muito a *pixação*, o movimento de *pixação* aqui em Fortaleza ainda é muito forte, eu acho que deve ser a capital do Brasil, a segunda maior de *pixação* é Fortaleza. Então eles ainda marcam encontros, tem a forma de dialogo e tudo, de curtidão, marca até talvez um torneio de bola, é um lance mesmo pra churrasco, pra trocar ideia, trocar assinatura. (Qroz VDM)

Fotografia 36 – Cabum, *graffiti* de Edu RAM, Rua Francisco Pinto



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

A Fotografia 36 instiga pela frase que sai do personagem, “De luto pelo graffiti daqui!”, demonstrando uma relação da atual cena do *graffiti* em Fortaleza. Pesquisando o perfil de Edu RAM no *Facebook* encontrei um álbum de imagens desse personagem Cabum que sempre vem acompanhado de frases enfáticas, Edu explica o porquê:

Esse é um personagem meu que vem duma história, que trocando uma ideia com a galera que eu conheci, uma galera que sempre ficou na minha cabeça. Que ele é uma criança com leucemia, certo, por isso que ele sempre é careca, né, e tem a faixa na cabeça é uma forma de esconder um pouquinho a careca dele, porque tem uma certa vergonha. Mas é uma criança com leucemia e quando dizem que tem uma criança com leucemia, é, num pode isso, num pode aquilo, num pode aquilo outro, por isso que ele tem essa explosão de raiva, também, muito de raiva. [...]

Nesse caso aqui “De luto pelo graffiti daqui” é porque a galera tá muito nessa onda de não fazer mais nada pelo *graffiti* daqui, como num evento desse [3º Encontro de *Graffiti* VAN Crew Nordeste], o evento “Só Letras” também, que é na raça e na coragem. É tipo: “meu irmão vamo lá, vamo fazer que dá, que dá” e neguinho dizendo “não, a gente tem que ganhar algo, a gente que...”, meu irmão *graffiti* é isso, é trocar ideias com os amigos, é encontrar amigos que a gente não via faz tempo, saca, e você não ganhar nada com isso, só pelo fato de trocar ideia. Mas assim, não sou contra também de a galera ir lá ganhar a sua grana pelo um trampo comercial, ou que o cara venda uma obra dele, eu não sou contra, hoje em dia, eu nem posso mais falar isso. Mas particularmente, o *graffiti* pra mim é esse lance mesmo da amizade, de trocar ideia e sempre, sempre deixar uma mensagem, seja ela boa ou ruim, né. Esse Cabum ele serve, tipo assim, não é pra uma pessoa específica, não é pra grupo específico, ele manda o que tá no momento.

O *graffiti* Cabum representa o momento atual da cena de *graffiti* em Fortaleza, poucos eventos de *graffiti* e muitos murais antigos precisando ser renovados. As palavras de Edu demonstram um desdobramento do *graffiti*: a questão do profissionalismo. Com maior aceitação social do que a *pixação*, o *graffiti* torna-se oportunidade de renda; grafiteiros que se iniciaram nas ruas tendem a diminuir suas produções na cidade por conta de trabalhos remunerados que surgem, muitos são oficinairos, designers, tatuadores, e *freelancer*.

Em relação aos eventos de *graffiti* a dificuldade é por causa do patrocínio de tinta, é essa a dificuldade de acontecer mais eventos?

Assim, a dificuldade de evento de *graffiti* depende muito de quem tá organizando, pode-se dizer isso. Eu vou colocar num lance da RAM que faz o “Só Letras” todo ano. A questão de fazer um evento de *graffiti*, primeiramente vem da dificuldade, a gente sabe que é caro comprar tinta, comprar material pra pintar o muro, pra comprar spray, pra comprar rolim, isso tudo é complicado. Então, o que acontece, daí você vai saber como vai ser esse evento, né. Se você vai querer um patrocínio pra lhe apoiar e você ter, porque quem vai lhe dar o patrocínio quer algo em troca, ele não vai lhe dar nada de graça. Ou seja, se você conseguir, por exemplo, um muro de colégio, “você pode me liberar o muro desse colégio pra mim fazer um evento de *graffiti*?” Poucos aceitam, poucos aceitam, porquê? Por conta que na cultura do *graffiti* a galera acha ainda que é um lance muito de chegar lá e fazer qualquer coisa, num vê a obra que a galera pode fazer, saca, que é que a galera tá tendo o potencial muito forte aqui de fazer. Então a dificuldade é isso, tanto do material como você convencer a pessoa a querer aquele *trampo* no seu local, no seu estabelecimento.

E quando rola patrocínio tem muitas vezes, num vou dizer todas, que a galera num diz totalmente o que é que vai fazer, aí chama os grafiteiros pra ir, tal, vai, quando chega é outra coisa totalmente diferente, né. Então posso dizer no “Só Letras” é mais esse lance, ei galera vai rolar “Só Letras”, o que é que a gente pode oferecer... Oferecemos o muro pintado pra vocês, oferecemos água e vamos estar ali pra uma necessidade que vocês quiserem pra propor o seu *graffiti*. Então é um evento que é na raça e na coragem, como os cara tão fazendo aqui [3º Encontro de *Graffiti* VAN Crew do Nordeste]. (Edu RAM)

Na raça e na coragem é como a *crew* de Edu tentar promover eventos de *graffiti* para assim movimentar a cena. Os materiais utilizados são caros, pois além de necessitarem de dezenas de tinta spray de variadas cores e tons, também necessitam inicialmente pintar o muro, utilizando litros de tinta látex. Mesmo considerando tais dificuldades Edu acha que a cena do *graffiti* em Fortaleza é tão forte quanto a da *pixação*.

Então é um nível de ideias muito diferentes, mas também ao mesmo tempo muito iguais, por que rola o respeito, de cada um e a cena de ambos é muito forte, muito, muito forte, não tem como dizer que o *graffiti* tá mais do que a *pixação*, ou que a *pixação* tá mais que o *graffiti*. Eu, particularmente, acho que tão todos dois iguais, andando ali lado a lado, então é muito forte essa cena deles, e também na do *graffiti* é muito forte aqui porque tem uma galera boa, nova, aprendendo. Já chegou, mais uma, como a gente gosta de dizer, já chegou mais uma nova seleção de grafiteiros, né? Moleque que a gente pensava que num ia nem pegar num spray pra fazer um *trampo*, hoje em dia chega no muro, “ei cara posso?” Num evento desse, da VAN, que tá rolando, chega e pede um espaço no muro pra fazer um *trampo* pra ele, quer dizer, é, cada vez tá crescendo mais, tá crescendo mais, e tamo aí pra fortalecer.

Essa forma otimista de encarar as cenas da arte de rua, como “andando lado a lado” se esbarra um pouco nos cotidianos da cidade. O capítulo 5 apresenta uma série de imagens feitas em campo de relações conflituosas envolvendo essas duas expressões, o atrito não é fator totalizante nesses exemplos, por isso optamos pela narrativa dos interlocutores sobre as imagens, dando importância as suas experiências, para assim captar a lógica de suas subjetividades.

5 COSTURA, ATROPELO, RASURA, SUFOCO E COBERTURA: RELAÇÕES NOS MUROS DO BENFICA

Ao longo desses anos de pesquisa em que venho acompanhando os grupos de *pixadores* e grafiteiros na cidade de Fortaleza, questões de conflito entre essas linguagens se mostraram corriqueiras nos muros e nas redes sociais. Imagens e questionamentos foram sendo expostos nas comunidades do *Facebook* suscitando discussões. Em cada *post* via narrativas tecidas sobre essas questões conflituosas que para mim era um campo fértil de pesquisa, era o lugar de cisão, do entrave, da ranhura na paisagem de *pixos* e *graffiti*.

Fui coletando essas postagens e agrupando-as em um “diário de campo virtual”, uma pasta de dados no meu computador que continha os arquivos do *Word* que abrigavam essas discussões. O trabalho do *pixador* Fuga RM mais uma vez, o que já havia acontecido em minha monografia, colaborou na construção dessa pesquisa, e continua a colaborar livremente com outras tantas ideias e pesquisas relacionadas à *pixação* de Fortaleza. Fuga RM apresenta na comunidade *Biografia do Xarpi* e em vídeos no *Youtube* entrevistas, relatos e histórias dos sujeitos praticantes da *pixação*. Seu empenho em reconstruir a história dessa cultura torna-se uma atividade colaborativa com a academia ao passo de possibilitar uma antropologia compartilhada¹⁰⁰ na troca entre pesquisador e “objeto-sujeito”, no sentido de ser Fuga ao mesmo tempo objeto de estudo, e produtor/colaborador desse estudo.

É com um trecho do vídeo “FUGA. RM. Pichação. X .Grafite.. parte.1”¹⁰¹ que inicio a discussão que movimenta esse capítulo:

Fuga RM – Smith na tua opinião, na opinião de vocês dois [Smith e Master] que são da geração 2000, existe a *essência* da consciência do *pixador* de sair à noite, na madrugada, porque eles têm a desculpa de dizer que tava bêbado, tava drogado, tava

¹⁰⁰ Segundo Hikiji (2013), a prática antropológica de Jean Rouch (1917-2004) possui caráter pioneiro de desafiar a etnografia clássica no seu modelo binário de objetividade/subjetividade. Rouch recusa a estabilidade das categorias convencionais como branco/negro; irracional/racional, campo/cidade, verdade/ficção, África/Europa, e defende a subversão de fronteiras entre arte e ciência, real e imaginário. A antropologia compartilhada de Rouch é um modelo experimental, de troca de ideias que dá lugar ao pensamento do outro em sua cine-etnografia.

¹⁰¹ Participam deste vídeo Rômulo Teixeira (pedagogo, trabalha com movimentos de juventude e arte), Pirata 89 Crew (grafiteiro desde 2008, também assina pela VQ e VE na *pixação*), Stranho AMS (grafiteiro desde 2006), Master AC (*pixador* da geração 2000, faleceu em nov. 2014), Smith TDE (*pixador* que iniciou em 2004, mas que atualmente largou o *pixo* e está mais empenhado na produção de raps com seu grupo “Apologia do Gueto”), Tubarão VTS (foi *pixador* em 1997 e é grafiteiro desde 1999, desenvolve trabalhos sociais com o *graffiti*), Fuga RM (foi *pixador* da geração 90, hoje empenha-se em recontar as histórias do *xarpi* e reunir antigos *pixadores*), Halls CR (*pixador* desde 1994), Morfeu (exerce atividade de hip hop). Esse vídeo foi publicado em 23 de março de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GfONwOQLZ88&feature=youtu.be>>

escuro e não viu, nessa correria à noite você já *tacou* por cima ou tava na *finta* e viu um cara *tacando* por cima e disse “ei cara ai é um *graffiti*”, já aconteceu?

Smith TDE – É, graças a Deus nunca aconteceu, eu acho o seguinte Fuga, a *pixação* é uma cultura e toda cultura merece ter o quê? Organização; merece ter respeito, então se o cara vai lá e *pixa* um *graffiti* em determinada ação porque tava bêbado ou coisa do tipo, ele tá desrespeitando um cara e faltando com a organização. Então esse cara ai era pra ser totalmente, ele mesmo era pra ter ciência que ele não é da *pixação*, ele tá sendo mais um *pixador* que tá indo lá só pra *tacar* um nome e pra ganhar fama. Existe a diferença entre fama e respeito, então se você entrou no mundo da *pixação* querendo fazer, achar que *pixação* é só você *tacar* um nome acolá, pegar altura, pegar prédio e faltando com respeito com seus parceiros, porque além de *tacar* em cima do *graffiti* também tem às vezes que o cara *taca* o nome em cima às vezes do próprio *xarpi* de outra pessoa e assim por diante e tudo isso é falta de respeito, então esse cara não é do movimento, ele tá ali praticamente de intruso, entendeu? Então graças a Deus eu nunca *atrolei* nenhum *graffiti*, eu sempre respeitei, inclusive conheço muitos manos que é do *graffiti* também. Eu nunca fui grafitar ou acompanhei um cara numa excursão pra arrumar um muro pra poder fazer um *graffiti*, e o cara demora dois dias pra arrumar o muro, quinze horas na frente pegando sol e chuva, a rapaziada perturbando querendo furtar as tintas e o vizinho dizendo “quero fazer um *graffiti* lá no meu quarto” e isso ai diante de fome, sede tudo isso o cara do *graffiti* passa, então eu tenho minha consciência de não estar *rasurando* o nome do cara.

Master AC – Quando eu comecei desde muito pequeno, uns doze anos de idade, fui do movimento MH2O de *graffiti*, tinha uma vontade de ser um grafiteiro então não fui um grafiteiro, então acabei me tornando um *pixador* então nisso acabei tendo respeito por uma coisa que eu queria ser, mas não me tornei, então rola um respeito da minha parte e isso eu quero passar pra todo mundo...

Fuga RM – Deixa eu fazer uma pergunta, quando tinha as reuniões aqui no pólo, algum momento tu já teve a oportunidade de falar com a galera? Porque eu sei que você tem uma voz ativa, de juntar aquele povão.

Master AC – Assim não pra todos, mas quando sabia de algum lance eu sempre, não só *graffiti*, mas como também a gente vê ali no paredão do Desafio Jovem [av. Silas Munguba] que a gente pode ver que ali tem uma arte¹⁰² que não é um *graffiti*, é uma arte e eu já acho aquilo ali legal, entendeu? Ai eu sempre procurava “galera vamos respeitar”, porque pra mim o *graffiti* é uma *pixação* colorida, entendeu? Eu tenho esse meu ponto de vista que o *graffiti* é uma *pixação* colorida, **então nós temos que andar junto lado a lado**. São duas culturas que tem ali, o *graffiti* e a *pixação*, é uma forma de expressão então acho que são dois, o *graffiti* e a *pixação co-irmã* ali. Então acho que se não houver união ali, vamos ter união com quem? Porque tanto o *graffiti* tá contra a sociedade quanto à *pixação* também, só a única diferença é que o *graffiti* entre aspas pode ser liberado. (...) Eu posso dizer que sou bem crítico ao *pixador* que faz seu *pixo* em cima do *graffiti*, como também o grafiteiro. Que tem aquelas caixinhas da Telemar que são muito disputadas, então o que é que rola? O cara vê o *xarpi* do cara antigão, finado, mas o grafiteiro vai lá e faz aquelas carinhas dele, então acho que ai já teve respeito, hoje em dia eu acho que não tem o respeito entre o *graffiti* e a *pixação* que é uma coisa que nós temos que resgatar. Eu já fui até de uma forma mais radical, se o *pixador* faz uma parada

¹⁰² A imagem que Master AC comenta é um *graffiti* do Acidum por sinal já apagado/pintado no final de 2014. A definição do que é *graffiti* cambia entre os interlocutores, principalmente, dos que se dizem “da rua”, estes têm uma visão tradicional de nomear *graffiti* apenas os produzidos por tinta spray. No caso das pinturas do Acidum são utilizadas inúmeras técnicas como além do spray, *estêncil*, *sticker* e, em algumas vezes, objetos. Concordamos com Campos (2010) quando esse diz que “a fronteira entre o *graffiti* tradicional e a *street art* acaba por ser bastante tênue”. (*Ibid.*, p.301) Nomeamos o Acidum neste trabalho como pertencente ao *graffiti*, pois no nosso entendimento uma *crew* de *graffiti* utiliza prioritariamente tinta em *spray*, mas também pode agregar outras técnicas da arte urbana dentro da pintura.

daquela ali, **atropelar** uma *pixação*, um *graffiti* ele pra mim era pra ser um cara não bem visto na *pixação*, ele não era pra ser bem vindo na reunião. Se ele fez aquilo ele tem absoluta consciência do que ele fez, então tu tem que ter a consciência dos teus atos, tá ligado como é que é? Então pra mim eu tiro um **atropelo** no nome como um tapa na cara, eu tenho essa ideia muito radical com relação a isso. (...)

Fuga RM - Eu queria só ressaltar sobre esse assunto que tu tá falando agora, é sobre o respeito. Antigamente quando existia a geração 80, 90 por ai, quando você *atropelava* um nome você pagava em dois sentidos, ou você pagava uma tinta ou então era os dois ali, na mão [briga] e hoje em dia vale ressaltar... “Tubarão você acha que hoje em dia existe algum diálogo entre um *pixador* e um *graffiti*, se fosse o caso de eu *taco* por cima do teu nome?”

Tubarão – Eu vou tentar falar um pouco sobre o que os meninos já estavam falando, sobre o respeito e de que o *graffiti* e *pixação* são **irmãs de rua**¹⁰³, né? Ai a gente chega nesse ponto. Porque a gente tem que observar assim, o Brasil é o único país no mundo que diferencia a *pixação* do *graffiti*, porque no mundo todo *graffiti* e *pixação* é a mesma coisa porque o que acontece fora do Brasil, o que a gente no *graffiti* chama de *tag* é o que é a *pixação* fora do Brasil, de maneira ilegal, o rabisco, é tipo a assinatura do grafiteiro, parecida com a tipografia da *pixação* daqui. Porém o Brasil ele tem diversos tipos de tipografia de *pixação*, a *pixação* de Fortaleza tem um estilo, a *pixação* do Rio tem outra, a de São Paulo tem outra. A do Rio influenciou a do Ceará, né? Porém não é igual, a de Belém é outra, a de Salvador é outra.

Então por isso que tem essa diferenciação muito grande da *pixação* pro *graffiti*, dentro do código penal nos estamos no mesmo artigo, tá com quatro anos [Tubarão está se referindo a Lei 12.408, de 2011] que foi feito uma ressalva dentro do artigo tirando o *graffiti* liberado como fora de crime, então se o grafiteiro fizer um *graffiti* num muro e tiver liberação do muro não é crime, porém se não tiver liberado ele acaba sendo crime da mesma forma, sendo *bomb*, sendo letra, sendo *wild style*, sendo produção tudo dá na mesma coisa. Então essas coisas é bom a galera ter esse entendimento, né? Do que é o *graffiti*, do que é a *pixação* de que andamos nas ruas e sofremos o mesmo preconceito. Porque hoje, assim, a sociedade como um todo (a sociedade de quem não vivencia o universo da *pixação*) costuma muito em querer comparar e querer dizer que o *graffiti* é uma forma de remédio, de cura da *pixação* da cidade. E nós grafiteiros nunca tivemos essa mentalidade, o *graffiti* nunca foi remédio pra *pixação*. O *graffiti* é uma arte de rua como a *pixação* é outra arte de rua. Ai outra confusão que acontece muito na cidade é as pessoas não consegue definir hoje o que é *graffiti*, do que é estêncil arte, do que é intervenção urbana, tá entendendo? Porque ambas trabalham com spray e ai tem algumas atitudes como Master falou das caixas de telefone que é algo bem simbólico na história da *pixação* de Fortaleza que são mais intervenções urbanas, mais estênceis que ai essa galera não tem essa vivência com a *pixação*, não tem esse respeito pela história da *pixação* e acaba *cobrindo*. E *cobrindo* muitas vezes de forma desrespeitosa, aparecendo pela metade, deixando uma puxada aparecendo, a *sigla* aparecendo e ai a galera acaba *cobrando* em cima do *graffiti* por um *furo* que não foi dele, tá entendendo?

Daí entra também essa questão que o Smith falou de que tipo o grafiteiro vai fazer um *graffiti* ela vai *fazer um corre* no muro, ele tem que *fazer um corre* de tinta, que ai não é uma lata de spray que faz vinte *xarpis*, tá ligado? É seis latas de spray pra fazer um *graffiti* pequeno, tá entendendo? Nós não precisa de meio metro pra fazer

¹⁰³ O termo *irmãs de rua* demarca a fronteira entre *arte de rua* e *arte urbana*. Segundo as falas de Master e Tubarão arte de rua seria somente a *pixação* e o *graffiti*, lembrando que estes interlocutores nomeiam *graffiti* por meio de uma delimitação de material, a tinta *spray*. Arte urbana englobaria as outras técnicas como o *estêncil*, o *lambe-lambe* e a intervenção urbana. A importância que essas falas dão a uma diferença é a respeito dos conflitos de *atropelo* recorrentes nas ruas. Os sujeitos da arte urbana seriam os responsáveis por esses *furos*.

um *graffiti*, a gente precisa de quatro, cinco metros pra poder fazer um *graffiti* então tem toda uma disputa ai de território através desse muro que uma galera tem que entender também esse diálogo que desde ai já é um diálogo. Pra fazer uma *pixação* eu preciso de uma parede pequena, pra fazer um *graffiti* eu preciso de uma parede maior ocupando um espaço de cinco, seis ou sete *pixações*. [...]

Eu particularmente já faço esse diálogo com alguns *pixadores*, tipo assim, eu conheço o Smith, tem uma parede que eu quero pintar e eu vou precisar do espaço, mas vai *cobrir* a *pixação* dele, eu dou um toque nele “E ai Smith? Oh cara eu vou *cobrir* lá, mas na outra vezada ai a gente trocando ideia eu te dou um resto de tinta”, porque o resto de tinta do grafiteiro dá uns três, quatro nomes, então compensa aquele nome que foi apagado, sabe? Volta ou outra o cara bota um “para”, né? Que aquilo ali, né nem um “para” é mais a *dedicatória* no cantinho ali, mas assim também não criar isso como uma regra, né? [...] A gente tem um respeito muito grande com a *pixação* e com toda a história dela, mas a gente precisa de mais espaço, né? A gente do *graffiti* consegue diferenciar qual é cada um na *pixação*, se é fulano, se é sicrano ou se não sabe diferenciar o cara, sabe diferenciar a *galera* e o que eu vejo é que a galera da *pixação* não consegue diferenciar qual é o *graffiti* do Tubarão, pro *graffiti* do Pirata, do fulano, do sicrano. Ai por exemplo, o cara pega, tem um *pixo* dele lá, (e não diferenciar esse lance que eu falei, dos estênceis, das intervenções) ai o cara tem a *pixação* dele lá, ai vem um cara e *cobre*, ai ele não vai procurar saber quem fez não, ele pega o primeiro *graffiti* que vê pela frente e *taca* por cima.

Nos relatos dessa roda de conversa percebemos as nuances agonísticas que permeiam as práticas da *pixação* e do *graffiti*. A agonística segundo Foucault (1979) é a arte da luta por liberdade. A liberdade segundo o autor não é aquela constituída nos mecanismos jurídicos, nas leis, mas uma forma experienciada através da subjetivação dos sujeitos. (SOUSA FILHO, 2008) *Pixação* e *graffiti* são dispositivos de resistência aos poderes que sujeitam, por exemplo, a ordenação urbana, estes exercitam sua liberdade através da tática de uso da cidade como linguagem, e é por causa dessa similitude que as atividades das *irmãs de tinta* se esbarram numa competição pelos espaços.

As falas dos *pixadores* Smith e Master tocam na questão do respeito ao movimento da *pixação*, de que os *pixos* pertencem a um tempo cronológico e histórico da cidade e de que uma vez marcado nas ruas existe a legitimidade de sua presença. Essa legitimidade também é válida para o *graffiti*, se ele inaugurou um muro então se torna pertencente deste, resultando dentro das “leis das ruas” a prioridade de espaço e assim o *respeito* de ser mantido e de não ser *rasurado* por outros.

Atropelar um *pixo* é significado por Master como uma falta de respeito, um “tapa na cara”, não no sentido de ser humilhado, mas de ser agredido. Ainda segundo o mesmo, o *atropelo* não é justificável, não existiria a desculpa de que “estava escuro” ou “estava bêbado”; no entendimento dos sujeitos praticantes a cidade de Fortaleza é grande e ainda há muito espaço livre, o que simboliza a ideia de *fazer teu nome* com humildade e respeito. Para

os *pixadores* os muros da cidade devem se tornar ruínas históricas dessa prática, quase na ideia de um tombamento para que as imagens permaneçam e contem suas histórias.

Tubarão que foi *pixador* e hoje é grafiteiro constrói um discurso histórico que pretende explicar porque as duas práticas deveriam ser unidas, “nas ruas estamos na mesma situação e sofremos o mesmo preconceito.” Ele iguala as duas práticas no sentido de terem a mesma *essência* das ruas, “somos irmãos de tinta”, e não qualifica uma em detrimento da outra, “o *graffiti* nunca foi remédio pra *pixação*.” No entanto, como justificar inúmeros *atropelos* e *coberturas*? Os praticantes de *estêncil* e os estudantes de arte que fazem intervenções urbanas são os responsáveis pelos *atropelos* e *rasuras* às *pixações* segundo ele, pois “essa galera não tem essa vivência com a *pixação*, não tem esse respeito pela história da *pixação* e acaba *cobrindo*”, e quem *pagaria o pato* seriam eles, grafiteiros da *old school*¹⁰⁴.

Ao mesmo tempo em que Tubarão pontua que as práticas são irmãs porque são filhas das ruas, ele também aproveita seu momento de fala para explicar uma diferenciação de produção, não é com uma lata de spray (“que se faz vinte *xarpis*”) que daria para fazer um *graffiti*, “é seis latas de spray pra fazer um *graffiti* pequeno”. E justifica os *atropelos* que por ventura possam acontecer através da comparação entre as práticas. Segundo ele, para se fazer um *xarpi* meio metro basta ao passo que para se fazer um *graffiti* é necessário quatro, cinco metros: “pra fazer um *graffiti* eu preciso de uma parede maior ocupando um espaço de cinco, seis ou sete *pixações*”.

Tubarão confessa que *cobre* alguns *pixos* em um discurso que quase apela por assim dizer “o que eu posso fazer? Eu/*graffiti* preciso/a de espaço”. E para minimizar conseqüências desagradáveis ele deixa o *oferecimento* “para” o *pixador* ou doa¹⁰⁵ sprays já utilizados “porque o resto de tinta do grafiteiro dá uns três, quatro nomes, então compensa aquele nome que foi apagado, sabe?”.

Diante dessas falas podemos situar um pouco como esse campo das *artes de rua* é delicado, aos praticantes é preciso saber equilibrar disputas territoriais com questões éticas, na cidade tudo está tão misturado que fica difícil estabelecer as liminaridades. Esse embate entre as linguagens acaba acontecendo quando os sujeitos praticantes exercitam a máxima liberdade de si que se esbarra com a ética ou com o *respeito*, termo tão significado nas falas. Como já anteriormente discutido em minha monografia, sociabilidade e conflito são faces de uma

¹⁰⁴ *Old school* é um termo utilizado pelos grafiteiros para simbolizar a vanguarda do *graffiti*, os pioneiros nesta prática urbana.

¹⁰⁵ Outra manifestação do caráter de dádiva (MAUSS, 1974), representado nas linguagens de rua, aqui no sentido de troca.

mesma moeda, construir parcerias e amizades é um desafio a essas práticas que estão vinculadas a uma competição na cidade.

Diante dessa introdução, esse capítulo pretende discutir alguns fatos que aconteceram nos muros do Benfica, alguns, em sua maioria, desagradáveis para os que tiveram sua *arte atropelada, sufocada, rasurada* ou *coberta*; outros positivos ao se perceber que é possível uma convivência harmoniosa entre essas artes que necessitam de espaço como uma condição de existência. A primeira parte desse capítulo “**5.1 Estudo de casos no Benfica**” apresenta as relações nos muros desse bairro através dos registros feitos em campo e dos comentários de *pixadores* e grafiteiros envolvidos nessas situações. A segunda parte “**5.2 As peles que habitam o muro: efemeridade e permanência**” constrói uma discussão que envolve espaço e tempo nas linguagens da *pixação* e do *graffiti*. Nas falas desses sujeitos é percebido o desejo de se fazerem presentes na cidade, de existirem, essa existência é atravessada pelas categorias *efemeridade* e *permanência* que envolve essas intervenções. Com isso é possível perceber as singularidades construídas para cada prática e suas relações entre si e a cidade.

5.1 Estudo de casos no Benfica

5.1.1 Costura

A Fotografia 37 provavelmente é o *start* de toda essa pesquisa, pois ela permitiu que eu tecesse outras questões com a *pixação*, neste caso a relação que ela tem com o *graffiti* na cidade e vice-versa. Essa é uma rara imagem encontrada em Fortaleza que possibilita ver uma espécie de *costura*¹⁰⁶ entre *graffiti* e *pixação*. Infelizmente esse muro localizado na Avenida da Universidade ao lado da Igreja Nossa Senhora dos Remédios não é mais o mesmo, o que significa não ser mais possível encontrar essas intervenções. A foto é um registro de 2013, coincidentemente a faculdade onde estudo localiza-se em frente a essa paisagem, até parece que a imagem me encontrou e fui presenteadada com essa rara experiência estética. Entrevistei Edu RAM criador desse *graffiti* que me contou sobre este dia:

¹⁰⁶ Termo presente na fala dos interlocutores, vide glossário.

Fotografia 37 - Graffiti 3D de Edu RAM, Avenida da Universidade



Fonte: Arquivo pessoal (2013).

Olha, esse aqui é um 3D que eu faço, aqui tá escrito Edu, com algumas peças e tal escorridas. Então, se você vê esse muro que foi construído, que tá só o tijolo mesmo sem tá rebocado, os meninos foram e *pixaram*, né, e o nosso lado tá todo rebocadinho, tá vendo? Do outro lado aqui tinha outro *trampo* do camarada da gente também. Então é mais uma forma de mostrar que nós da RAM, né, eu como componente, também, não podia chegar aqui e passar por cima do *trampo* dos caras, porque isso aqui foi um *rolê* também deles, eles poderia também ter apanhado, ter sido preso. Então ao respeito disso eu quis *anexar*¹⁰⁷ os *pixo* deles ao *graffiti*, então eu fiz umas peças, tipo explodindo, soltando, *costurando*, sem *atropelar* nem uma perninha dos *pixo* dos cara.

Isso aqui foi muito louco porque eu fiz sem nenhuma pretensão, fiz só pelo respeito mesmo, “não meu irmão pode deixar que eu vou pintar aqui e não vou apagar o *trampo* dos cara, pode deixar aí que eu vou fazer um barato aqui”. Então foi muito louco porque os cara entraram em contato comigo, por via de rede social, disse: “Porra Edu, valeu a *presença que tu fez!* Saca? É daí que a gente respeita muito mais os RAM”. Então tu faz uma coisa sem pretensão, tipo se fosse comigo, eu queria que eles fizessem isso também, me respeitassem, porque eles gastam uma lata de tinta, mas podem apanhar pra caralho dos *cana*, a gente gasta pra mais de dez lata de tinta.

Então é muito chato chegar aqui, pintar meu *trampo* todo, tendo um trabalho fodido, chegar aqui e ter um *pixo* em cima, então, pra isso não acontecer tem que ter esse

¹⁰⁷ *Anexar* e *costurar* são termos nativos que se correlacionam com as denominações anteriores (engate e harmonia) criadas para sinalizar essa experiência positiva entre *graffiti* e *pixação*.

meio. Lembra que eu te falei que tem que ter o andar lado a lado? Que tem o respeito? É daqui, essa tua foto aqui é onde tu mostra tudo isso que eu tô te falando, o respeito que tem que andar lado a lado.

A *costura* foi uma das raras palavras que eu ouvi ao longo desses seis anos pesquisando *pixação*, entrando em contato com grafiteiros e sendo uma observadora de muros. Ela representa para além da ideia de “respeitar o *trampo* que chegou primeiro no muro seja *pixação*, seja *graffiti*”, representa também uma união dessas artes de rua, uma cumplicidade que leva as duas ao mesmo nível, como a própria ideia de Edu: “eu, particularmente, acho que tá todos dois iguais, andando ali lado a lado”. Já as palavras *consideração*, respeito e humildade foram as mais simbolizadas, principalmente, por ser tratar de uma atividade competitiva; através desses termos os sujeitos enunciam os valores agregados a um bom jogador.

A ideia de ser humilde é construída por meio de uma postura que nivela os sujeitos, “de igual para igual”, não importando se a relação é entre um *pixador considerado* e um iniciante. O comportamento humilde não menospreza um iniciante, mas *troca uma ideia* com ele, assina sua agenda, e até fazem *rolê* juntos. O respeito é enunciado como uma “via de mão dupla”, você respeita por também querer ser respeitado, como na fala de Edu: “tipo se fosse comigo, eu queria que eles fizessem isso também, me respeitassem.” E como podemos ler no depoimento abaixo o respeito marca o sujeito, assim como o *atropelo*. A cena dá conta dos acontecimentos e *cobra os furos*.

Esse encontro que tu falou de *pixação*, lá na Parangaba, foi aquele que tu fez o Slayer¹⁰⁸ em realismo? Que não *atropelaram*, mas *atropelaram* do lado...

Assim, *atropelaram* do lado, mas isso daí teve uma repercussão muito foda, porque a galera que é *pixador*, pra tu ver como o respeito é mútuo. O *trampo*, aquela parte foi dos RAM, esse camarada que *pixou* da SF, nem sabia qual era o *corre* da galera, esse cara acabou de voltar a *pixar*, né, é um antigão e tal. Mas quem *cobrou o furo* não foi nem os RAM, foi os próprios *pixador*. Aí a gente vê o respeito de cada um que chegou lá e disse “pô meu irmão, tu chegou lá e *pixou* em cima do *trampo* do cara, meu irmão, como é que faz isso”, e tal. Então nesse dia foi muito interessante porque eu não conhecia o Slayer, só trouxeram uma foto pra mim, e eu disse “pô

¹⁰⁸ Slayer EDT “Espírito das Trevas” é reconhecido diante dos antigos *pixadores* de Fortaleza como “velho lobo da lata de spray”. *Pixador* da geração 80, faleceu em 2008, seu *pixo* geralmente vinha acompanhado dos símbolos “666” e da cruz invertida. Reportagens da década de 90 mostram *xarpis* de Slayer nos cemitérios da cidade. Segundo Fuga RM: “Quem nunca viu o nome desse elemento nas ruas de Fortaleza? Slayer fez história, e quando se falar de *pixação* em Fortaleza, terão que falar no nome dele.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=176348665892015&set=gm.331250390351622&type=1&theater>>. Acesso em: 8 jan. 2015.

Também foi escrita uma matéria sobre Slayer “Xarpi Imortal” na revista eletrônica Aerolândia nº3, de 22 de abril de 2010, disponível em: < <http://pt.calameo.com/read/0002392423136934891b9>> Acesso em: 25 jan. 2015.

bicho eu já ouvi tanto falar desse cara”. Esse aqui é um primeiro encontro de *pixador* que os grafiteiros foram convidados pra pintar, pô, então vamos colocar um cara que todo mundo já conhece, todo mundo respeita, por conta do *trampo*, que era o Slayer. Os próprios *pixadores* descolaram a foto e eu fui lá e me ofereci pra fazer o *trampo*. Então, os *pixadores* mesmo que correram atrás, e *cobraram* caro, pediu desculpa, né, então ficou tudo numa boa, então é aquele lance, conversando se entende.

Fotografia 38 - *Graffiti* de Edu RAM “Slayer”, Ginásio da Parangaba



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

5.1.2 *Atropelo*

Na Fotografia 38 vemos o retrato do *pixador* Slayer grafitado e um *bomb* ao lado *atropelado* pelo *pixo* de Seco SF, na comunidade do Facebook “Xarpi no Extremo” Junim RAM manifesta-se sobre o *atropelo* ao seu *bomb*:

Fica aqui minha indignação por esse fato.

Não quero *treta* com ngm, a final, depois que eu termino o graffiti, ele já nao é mais meu, é da RUA.

mais gostaria de colocar essa discursão aqui no grupo.

O GRAFFITI FOI FEITO EM UM EVENTO DE PIXADORES ALGUEM ME EXPLICA O POR QUE DELES TEREM FEITO ISSO?

PAZ

Vários comentários foram tecidos a respeito da imagem e comentário que Junim RAM postou, alguns do tipo:

Vixe! que B.o os cara sao tudo *old schol* mas nem parece tem que se ligar que somos *cria do mesmo bagulho* geral ta na rua em busca de algo que nos falta devemos respeitos uns aos outro! mas ta ligado que é aquele jogo vacilo na rua é *cobrado* na rua! (Wuyron Mauricio)

Mancho, dá é vergonha de ver isso, ainda a mais que é da minha familia né man, Skizito Fobia! É a segunda vez que vejo esse erro ser cometido por membros da familia, vai ter confraternização da SF próximo mês, eu vou ate tocar no assunto, porque fica feio é pra familia man! (Mary Jane Skizito Fobia SF)

Pô mano o Seco, Tango e Porão que a galera tanto *considera*, foi *mancada* e das grandes. (Dilim VAN)

JÁ DISSE QUE NÃO INTENÇÃO DE *RASURAR* O TRABALHO DE NINGUEM. (Seco SF)

So acho que tem que ter mais respeito! (Bruno Preá MV TB)

ENTÃO VAMOS RESPEITAR MEU NOME TAMBÉM, OS GRAFITEIROS *RASURAM* MEU NOME NA AV. 13 DE MAIO. NÃO TIVE INTENÇÃO DE *RASURAR* TRABALHO DE NINGUEM, FICA AI MINHA RESPOSTA. SOU UM CARA QUE TENHO RESPEITO PELO TRABALHO DE TODOS OS GRAFITEIROS. PESSO DESCULPA EM NOME DOS SF AO CARA QUE TEVE SEU TRABALHO *RASURADO* NÃO FOI NOSSA INTENÇÃO. JUNIM DIOGENES¹⁰⁹ FICA AI MINHAS DESCULPAS, ADIMIRO SEU TRABALHO E O DE TODOS OS SF RESPEITA VCS. (Seco SF)

Cento e oitenta e cinco comentários ainda foram feitos após as palavras de Seco SF, muitos julgando a atitude de Seco; outros argumentando que grafiteiro também não respeita *pixador* ou que grafiteiro se sente superior ao *pixador*; muitos outros pedindo paz, pois ambas as linguagens deveriam andar lado a lado; outros *pixadores* reconhecendo a atividade dificultosa de grafitar; e também opiniões de grafiteiros que já foram *pixadores* reclamando de alguns comentários depreciativos que generalizavam todos os grafiteiros. Nessas longas e exacerbadas discussões que ocorreram em menos de um dia apenas o comentário de Junim RAM freou a discussão que se encerrou logo após alguns poucos comentários.

Seco já me ligou e já resolvemos essa *fit*a. quase td que foi conversado aqui, crtz é valido p/ a evolução e para que um dia o RESPEITO prevaleça na cultura de RUA de fortaleza.

Agora na boa, eu nao concordo do kra chegar e dizer que grafiteiro se acha superior aos *pixadores*. na boa mesmo, como que vou me achar superior de uma parada que eu tambem faço. Um *BOMB*¹¹⁰ é praticamente uma *PIXAÇÃO*, muda somente a

¹⁰⁹ Junim Diógenes é o mesmo Junim da crew de *graffiti* RAM.

¹¹⁰ Segundo Silva (2013), o *bomb* mais do que um estilo, representa uma atitude, a de agir como um *vândalo* e não pedir autorização para grafitar. A noção nativa de *bomb* define que qualquer *graffiti* feito sem autorização deve ser classificado como pertencendo a este estilo, independente da técnica.

estética, mais a atitude foi a mesma, foi pintado na ilegalidade, sem autorização.
(Junim Diógenes)

As postagens se encerraram, mas a discussão a respeito dos *atropelos* nas ruas são de uma continuidade sem fim como Vampyro AC me replicou abaixo:

Eu queria que tu comentasse sobre esse lance de *graffiti* e *pixação* a disputa por muros?

Ju, quem veio primeiro foi o ovo ou foi a galinha? É difícil justificar isso. Quem que *atropelou* primeiro o *pixador* ou o grafiteiro, e onde começou essa guerra? Então é uma coisa que tá muito longe de acabar essa *guerra de tinta* de *pixação* e *graffiti*, sempre vai ter um acusando o outro, sempre as discussões vão durar anos, sempre tudo vai tornar uma volta e meia sem fim. É difícil falar quem tá certo, quem tá errado nesse jogo, eu acho que isso já faz parte da *pixação* e do *graffiti* esse *atropelo*. É triste, mas, é como eu te falei a *pixação* e *graffiti* era pra andar de mão dada e não algemada. Então essa relação de *atropelo* se tornou algo natural da paisagem.

Vampyro tem razão em afirmar que essa é uma questão difícil de responder e de se posicionar diante dos vários *atropelos* de *pixadores* ou de grafiteiros expostos nas ruas. Nas caminhadas pelo Benfica registrei alguns exemplos:

Fotografia 39 - *Graffiti* de Ioda MU e *atropelo* de Surf SF, av. Carapinima



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

É muito *foda* pq esse deu muito trabalho no sol muito quente o dia todo ficou *massa* só q aconteceu isto é não deu nem pra tirar a foto pq no dia o celular descarregou é muito *foda*. (Ioda MU¹¹¹)

¹¹¹ Conversa realizada no *Facebook* no dia 21 de dezembro de 2014.

Rolou os atrito aqui, os cara botaram no Face “cadê a humildade de vocês” e tal, né? Os cara que fizeram o *graffiti* perguntaram sobre a humildade dos SF, então não tinha como nós se justificar porque eu não entro no Face [...] então quer dizer que aqui era palco dos *pixador*, que tinha *pixação* antiga, eles [grafiteiros] chegaram e bumba fizeram isso aqui. Eu botei no portão, já tinha meu nome. (Surf SF)

Fotografia 40 – “Novos olhares”, Avenida Carapinima



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Eu acho que é covardia o que eles fizeram aqui, primeiro quem pegou foi nós *pixador* que pegamos primeiro, então quer dizer que eles deviam ter respeitado, né? Não respeitaram. Se o *graffiti* pega primeiro ou as propagandas ai é respeitado, mas ai eles *atropelaram*, oh, “novos olhares”, inclusive *tacaram* por cima do meu, então eu não *considero* mais não. (Surf SF)

Essa imagem aqui é como se acontecesse a discriminalização ainda da *pixação*, que eles falam muito a respeito da *pixação* ser uma forma de poluição visual, mas entenda bem uma imagem dessa, porque aqui tem altos cartazes, altos papel, altas propaganda que isso aqui também é uma forma de poluição, isso aqui eles não vê. Aí aqui também eu vejo como se tivessem *pixações* embaixo, aí fizeram um nome aqui “novos olhares”, eu acho que isso aqui podia ter mais uma forma de respeito até pela *pixação* do cara, talvez até podia ser encaixado em outro local. Mas o meu foco principal mesmo é sair dessa poluição de papel e cartazes, que assim pra mim eles não visam isso como uma poluição, mas, aqui, querendo ou não, isso aqui é. Da mesma forma então que a *pixação* é uma poluição isso aqui também pode ser. (Qroz VDM)

Fotografia 41 - Letreiro de publicidade, Avenida Eduardo Girão



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Aqui eu ainda vejo muito como esse lance de propaganda, uma coisa muita ainda poluição visual, que esses caras que abrem propagandas em determinados lugares, determinado estabelecimentos, ele não tem respeito nem pra *pixação* enquanto mente pra arte e pra *graffiti*. Então eles ainda se limitam como se fossem muito donos de muros, ele abrem esses quadrados escrevem o nome deles, e colocam lá o telefone, tipo pra quem passar, talvez, procurar o trabalho deles. Mas, assim, pelo que a gente vê na imagem aqui é um local que num tem dono, assim, entre aspa, num tem dono porque é um local abandonado, então aqui, realizar um trabalho de *graffiti* aqui num ia acontecer talvez nenhum problema, então eles usam muito esse lugar, apaga o que tem no muro pra abrir propaganda e num tem nenhum total respeito com isso. (Qroz VDM)

Essa de pintura é louco porque é a mesma forma, tem um cara de pintura que não pode ver um *graffiti*, ele não pode ver um *graffiti*. Teve um *graffiti* ali, às vezes ele espera tu pintar o muro, fazer o *graffiti*, passa uma semana, ele vai lá e pinta em cima. E vem dizer que tem autorização, muitas vezes é mentira e da braba. A gente já teve briga grande com cara que faz propaganda assim, grannde, de ele pintar de manhã a gente vai lá e *pufo*, apaga, por conta disso. Tudo, tudo é por conta do respeito. (Edu RAM)

Tem uma coisa interessante também na história do *graffiti*, da intervenção urbana é que às vezes você escolhe um lugar que é um lugar é um terreno baldio, é uma coisa que... não é uma casa, e ai você faz um *graffiti* dias depois já tem “Beatriz traz a pessoa amada”, ai dias depois já tem um cartaz de forró, ai depois vem a publicidade do num sei o quê pintor... “Junior Palhano pintor” ai você *inaugura um espaço*, você abre a porta pra galera... Ai às vezes é melhor você nem fazer. (Rafael Limaverde¹¹²)

¹¹² Entrevista realizada no Evento Limpeza Geral na Praça José Gentil do Benfica no dia 30 de agosto de 2014.

Fotografia 42 - *Graffiti* de Grud atropelo de Carinha SF e Surf SF, av. Treze de Maio



Fonte: Arquivo pessoal (jul. 2014).

Fotografia 43 - *Bomb* de SIG 100Crew, Avenida Eduardo Girão



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Aqui ta vendo? Era uma propaganda do Eunício para governador e o rapaz aqui do *bomb* botou por cima. Foi um evento, porque disseram que a propaganda política tava atropelando os *graffiti*, os *xarpi*...

E o que eles fazem [*graffiti*] não é o que nós fazemos? Não é também a mesma coisa não? Ai oh, eles [*grafiteiros*] não vê isso ai, eles fazem isso ai também, pegam as propagandas e pintam de novo pra fazer o *graffiti* deles, né não? Nós também não pega a *pixação* e se tiver propaganda de vereador ou outra a gente não rasga pra poder colocar nossas *pixação* ai também? Do mesmo jeito é a propaganda, o cara tem a *pixação* aqui, ele chega e cola a propaganda ali né? Não considerou o *pixador*,

por isso que nós também faz a mesma coisa. Então quer dizer que isso aí tá tendo uma rivalidade. (Surf SF)

Cobri esse anúncio político pois ele não respeita nossa expressão artística urbana, as gotas simbolizam o lamento o vermelho é o sangue que nós damos na rua por puro amor a arte... a frase condiz na *cara de madeira* desses caras.. que pedem nosso voto.. mas não respeita nossos *tramos!* já fizeram isso várias e várias vezes. (SIG 100Crew¹¹³)

A ocasião em que foi pintada a Imagem 43 aconteceu no evento Limpeza Geral organizado por Narcélio Grud no dia 30 de agosto de 2014. A convocatória foi através das redes sociais que dizia “Dia de apagar publicidade eleitoral das paredes da cidade de Fortaleza! Concentração na Praça da Gentilândia, às 9:00h. Traga seu Pincel!”, quase cem pessoas marcaram presença no *Facebook*, mas no dia se reuniram em torno de umas quarenta. A espera por mais participantes gerou uma rápida conversa entre uma repórter do jornal Tribuna do Ceará, eu, Grud e Rafael Limaverde, aproveitei a ocasião para ligar meu gravador e também fazer algumas perguntas. As opiniões de Grud e Limaverde eram sobre como a publicidade na cidade é algo violento e como também ainda aqui no Brasil o *graffiti* ainda está tentando mostrar que é uma coisa boa para cidade em relações a outras capitais mundiais que já incorporaram o *graffiti* como atrativo turístico.

Eu já interfeirei em lugares de publicidade, mas de político não, e eu tava vindo pra cá e pensando nesse saquinho¹¹⁴ né, a gente pode tudo com esse saquinho? Né, porque não é só o político eu tenho vontade de... tem tanta coisa que eu tenho vontade de passar tinta... publicidade, essas violências que a cidade recebe. (Rafael Limaverde)

E você tem que engolir né, porque tá ali imposta, a não ser que você seja cego. (Grud¹¹⁵)

Isso é péssimo, quando a gente entende isso enquanto normal é péssimo, porque tem alguma coisa errada sabe, é uma agressão à cidade. Uma arquitetura antiga aí vai o cara bota uma fachada moderna, no centro da cidade é cheio, *plota* uma fachada enorme aí aquilo ali é normal. (Rafael Limaverde)

A gente ainda no Brasil tá no bê-a-bá, “olha pessoal *graffiti* é uma coisa legal pra cidade, não é *pixação*” ainda tá nesse conscientizando as pessoas, é um estado muito, muito, muito primário ainda pra arte urbana, porque a arte urbana já tá em outro patamar, o Grud mesmo pode falar sobre isso porque perambula por Berlim, o próprio Londres né, porque Londres tem o roteiro de *graffiti*... (Rafael Limaverde)

Não só Londres vários países, é o roteiro de *Art Tour*... (Grud)

E tem gente que sai de casa viaja o outro lado do mundo pra ver o *graffiti*... (Rafael Limaverde)

¹¹³ Resposta de Lucas (SIG 100Crew) via *Facebook* no dia 09 de dezembro de 2014.

¹¹⁴ Na ocasião do evento Limpeza Geral, Narcélio Grud distribuiu um kit composto por cinco saquinhos de dindim com tinta látex.

¹¹⁵ Entrevista realizada no Evento Limpeza Geral na Praça José Gentil do Benfica no dia 30 de agosto de 2014.

Tem países que o que tem de mais interessante pra ver é arte urbana, em Praga na cidade histórica é o que tem de mais... uma amiga minha foi e falou que quando chegou no hotel foi perguntar “o que você me indica?”, “olha tem esse museu, esse museu, mas o que tem de mais legal é esse aqui” e deu um panfleto que era o *Street Art Tour*, que você paga lá, o cara fornece uma bike e vai uma galera... (Grud)

Fotografia 44 - *Atropelo* de propaganda política aos *pixos*, av. da Universidade



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Quem fez isso aqui tem raiva da *pixação*, então quer dizer quis *avacalhar*, ele quis mostrar uma propaganda que é de político e ao mesmo tempo tampando a visão do *pixador*. Quer dizer que quem fez isso aqui tem raiva da *pixação*, então isso aqui pra nós é uma *pirangagem*, né, que chama na gíria, é uma *pirangagem*. Então por isso que a gente não dispensa também, quando a gente pega propaganda de político a gente *taca* por cima, a gente rasga o panfleto, ta entendendo? Que ele não *considerou* o *pixador*. (Surf SF)

Fotografia 45 - *Graffiti* de Kel e Cris *atropelados* por cartazes, av. Carapinima



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Oh, dos cartaz que eu tava te dizendo oh, tá vendo oh, tá vendo isso daqui? Eles *tacam* num tá nem vendo, é...tá nem vendo sabe, se agente arrancar ainda....Aqui é dois RAM... Vixe é das meninas oh, da Cris e da Kel, elas faziam juntas. (Edu RAM)

Fotografia 46 - *Xarpí* de Carioca TDE *atropelado* por *graffiti*



Fonte: Gabriel Qroz VDM, postagem no *Facebook* (2013).

É lamentavel ver isso aqui acontecendo quando agente passa na rua e se depara com um negocio desses, quem vai *pagar o pato*? Logico quem ta pintando na rua porq um cara desse que faz um lance desse nao tem respeito nem um de ser chamado de graffiteiro porq nao sabe oq acontece na rua, talvez pensa que é so sair dr casa e sair *atropelando* todo mundo e pegando qualquet muro... Nao é bem assim nao, quem *leva o pato* de tudo sao os graffiteiros que estao na rua nao sao vcs que se dizem ter um estudozim e pegam um spray e saem por ai fazendo qualquer coisa... Graffiteiro sabe onde lhe cabe e a forma de respeito entre cada um seja de difetentes ideologias de manifestacao mais tem que ter o respeito.... (Gabriel Qroz¹¹⁶)

Mas isso aqui bicho, isso aqui é muito doido, porque o cara quer pintar, tem tanto espaço se você olhar, tem tanto espaço pros lados oh, o cara procurou *tacar* em cima do *pixo*. Isso, às vezes, o cara mal sai pra rua, eu fico puto por isso, porque tem uns cara que pega umas latas de spray, uns pincéis e... Porque eu tô muito chateado essa época porque tem muita gente se dizendo que é graffiteiro, como há um tempo atrás não abria a boca pra dizer que era graffiteiro. “Não, não sou graffiteiro”, e hoje em dia que tá mais aceito, vamos se colocar assim, tá mais aceito, não por todo mundo, hoje em dia é graffiteiro, hoje em dia “eu faço arte com *graffiti*”, aí isso que é foda. Mas assim é nisso aqui que às vezes o cara num tenta saber da história de como é, meu

¹¹⁶ Postagem de Gabriel Qroz VDM no dia 23 mar. 2013 em seu perfil no *Facebook*.

irmão eu vou... Eu num sou contra, longe de mim o cara pegar seus pincéis, uma latinha de spray e mei mundo de tinta e pintar não, num sou contra não, mas que ele respeite, respeite quem foi que chegou na parede primeiro, saca? Por ver essa foto aqui, e eu já tinha visto esse *trampo* pessoalmente, só que eu não sei quem é a pessoa, que no dia que eu souber quem é e eu me *trombar*, aí eu vou falar, meu irmão, como eu já falei pra alguns camaradas que fazem *graffiti* também, “ei meu irmão quando tiver na parede e tu for *atropelar pixo*, ou tu *chapa todo o muro*, ou então tu *oferece* pro cara”, se tu for *tacar* por cima dele, que isso não aceitável, mas ameniza, *oferecer*. Pô, *taquei* por cima de fulano de tal, então fulano de tal e a *galera* dele, pra amenizar um pouco a situação, né, porque o cara teve um *corre* também. (Edu RAM)

A Fotografia 46 gerou repercussão na rede, os comentários claramente diferenciam os que são *da rua* com os que são *de faculdade*, ou os que são grafiteiros e os que são artistas urbanos.

Vao jogar a bronca pra nois que ta na atividade...os "artistas" são fodas!!! (Igor Graffiti)

É aquela velha historia existem os academicos e os graffiteros (Julio Almeida)

Esses *trampo* ai e aqueles grupos q se organizam em faculdade e sai fazendo merda nao tem a *essência* da rua saca... (Rusman Oliveira)

Atropelos acontecem, em sua maioria, por três motivos: ou por um conflito entre *pixador* e grafiteiro que se desenvolve na “forma circular do troco”, por ter sido *atropelado* ele dá o troco *atropelando* o que gera novamente um *atropelo* e assim se dá um *contínuum*; ou por outras linguagens urbanas que não pertencem à *cena* da arte de rua como a publicidade; ou pelos sujeitos *outros*, no sentido de serem *outros* e não serem *pixadores* e grafiteiros que foram criados na/pela rua. Esses *outros* são denominados como “grafiteiros de faculdade” e são *outsiders*, pois não se iniciaram nas ruas, ausentes deste meio, desconhecem a história e cultura dos *pixos* e *graffiti*. Os *outros*, assim, não possuem a *essência*.

“A RUA *cobra*!!!” (Gabriel Qroz VDM)

Ordem no caus urbano! (Wisley Nunes de Vasconcelos)¹¹⁷

“A rua cobra” essa afirmação impera dentre os sujeitos da cultura de rua, pois participam dela e sabem que a rua possui seu sistema de regulação. Na perspectiva de *cena* o termo *rua* refere-se a eles mesmos, *pixadores* e grafiteiros, que estão imersos nesse microcosmo de vida, que estão *na atividade* e que assim dão conta dos acontecimentos, os *outros* são exteriores à *cena*. A *rua* irá cobrar também na forma de *atropelo*, portanto, o *atropelo* acaba se tornando uma maneira reguladora sobre o caos. “Ordem no caos urbano!”

¹¹⁷ Esses dois comentários também se referem à Fotografia 46.

soa contraditório, mas a fala se dirige ao ordenamento do sistema das linguagens de *rua*. Ordenamento este pautado numa diferenciação dos que não fazem parte dela.

A elucidação de *respeito* nessas discussões reflete a relação entre criador e cidade, bem como de criador e obra, a rua está para o grafiteiro/*pixador* assim como seus trabalhos estão para si. O valor de ter seu trabalho mantido/respeitado na cidade representa a íntima relação da rua com eles. A ética é um fio condutor que interliga os que são da *rua*, sujeitos que se reconhecem numa mesma história.

Então a *pixação* busca por um reconhecimento social também. Ela também é uma busca por identidade, porque todo mundo passa a vida, como você sabe todo mundo passa a vida procurando uma identidade. Os artistas nos seus traços, na sua arte e a *pixação* também é uma busca por uma identidade como ser humano. [...] e a amizade da *pixação* é diferente, porque na *pixação* você é o que você é, você é o que você faz, ta entendendo? Você é o que você trabalha pra ser. Diferente da sociedade que você é o que você tem, ta entendendo? Então na *pixação* a amizade é diferente ela tem todo um código de ética, todo um respeito... (Vampyro AC)

A rua é o cenário das suas representações, sociabilidades e, principalmente, o espaço de construção de si; como um reflexo deles mesmos, ela acaba sendo o melhor retrato que têm de si. “Faz teu nome” dizia um *pixo* encontrado na Praça da Gentilândia, a frase apresenta a cidade como possibilidade de liberdade para reconstruir outros trajetos de vida subvertendo as lógicas dos parâmetros de renda e classe social.

5.1.3 *Rasura*

A *rasura* é uma situação que representa mais explicitamente o atrito, porque a *rasura* é a negação daquele trabalho identificada através do X por cima do nome. Na Fotografia 47, nomeada por Vampyro AC como “Guerra de Tinta”, a *rasura* aconteceu através daquela ideia de que “a rua cobra”, o X de vermelho por cima dos *pixos* de Roco SF e Carinha JM é indício de que provavelmente um grafiteiro desgostoso com a situação primeira de *atropelo* (os *pixos* estão por cima do *graffiti* de Davi Favela) *rasurou* os nomes na intenção de anular e agredir aqueles *xarpis*.

Fotografia 47 - “Guerra de Tinta”, Avenida Carapinima



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Aqui o Carinha JM de novo, ele tava mais eu nesse dia aqui, tava nós três, aqui é o Roco SF. Ele *atropelou* os grafiteiro, ai o cara do *graffiti* não gostaram ai *rasuraram*. (Surf SF)

Ou seja, se eu ver que entre um *graffiti* cabe meu nome eu não vou *tacar* por cima de um *graffiti*, mas eu vou *tacar* de lado. Mas assim, naquele caso lá eu e o Carinha JM foi no caso do Davi Favela, o Carinha JM não *pixa* muito eu também não sou muito de *pixar* [em cima de *graffiti*] a gente passou e viu ai ele disse assim: “Roco ali no cabelo daquele boneco dá um *xarpi* da gente”, ai eu disse: “dá, a gente *taca* o nome e bate a foto”. Ai a gente *tacou* o nome e bateu a foto poucos dias depois apareceu *rasurado*. Isso aqui pra mim não quer dizer nada, pra mim eu vou continuar sendo o mesmo Roco SF, isso não vai me desmotivar, não vai me animar, isso apenas vai deixar uma coisa pra mim ver, que tem gente invejoso, ta entendendo, que vê o nosso nome e *rasura* mesmo que não seja no *graffiti* dele, ta entendendo. (Roco SF)

Mas assim, se o Davi Favela não te *atropelou* porque tu *atropelou* ele? Porque tu deciciu mesmo assim colocar nos cabelos se tu podia ter pego outro muro mais na frente?

Porque foi uma atitude da hora, foi porque a gente tava com a tinta e tava o local escuro pra riscar [o cabelo do personagem era preto] e com a tinta certa pra riscar em local escuro que é a *cromada* né, foi o que a gente fez. Agora a gente não escolheu porque FOI o *graffiti* do Davi Favela, foi uma coisa aleatória, a gente vinha passando eu nem sabia que era o *graffiti* dele também, eu nem imaginava. A gente passou e o Carinha JM disse assim “Roco vamos pegar ali no cabelo do boneco”, ai eu “vamo, vamo o cabelo dos Jogos Mortais”, ai a gente foi e pegou numa boa, mas jamais eu ia imaginar que iam *rasurar* que ia dar uma repercussão na mídia. (Roco SF)

Rasurar é uma das agressões sofridas dentro dessa cultura e causa conflitos de grandes proporções a depender dos sujeitos envolvidos, se ela acontece entre *pixadores* a *rasura* pode ser *cobrada* até com a própria vida, mas se a *rasura* acontece por sujeitos que

não pertencem ao *xarpi* não se concatena um conflito presencial por não haver uma forma de dialogar ou *cobrar*. Na Fotografia 48 a *rasura* ao nome de Vampyro AC pode ter acontecido por outro *pixador* como também pelo dono do estabelecimento, não sabemos com certeza, pois a população diante de seus muros *pixados* também se manifesta contrariamente *rasurando* as *pixações* ou *coabrindo-as*, o que significa pintar o muro novamente.

Fotografia 48 - *Rasura* no *pixo* de Vampyro AC



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Vampyro passou os olhos pela imagem acima, mas nada comentou, essa também não foi uma das cinco fotos de meu álbum escolhidas por ele, sobre isso, qual seria o significado de sua postura, indiferença ou maturidade? Geralmente, um *pixador* diante da foto de seu *xarpi* narra a imagem, relembra o dia da ação e comenta sobre as condições visuais de seu nome, não foi o que aconteceu neste caso. No entanto ao ouvi-lo numa conversa¹¹⁸ que durou quase duas horas, pude perceber o nível de entendimento que Vampyro tem sobre a cultura da *pixação*:

As pessoas, a grande massa, a nata mesmo ela não anda olhando pra rua, olha mais nem pro céu pra saber se ta bonito, é só pra frente parceiro, só pra frente e pro chão, pra frente e pro chão. Então, esse lance do *graffiti* e tal, a gente poderia fazer *graffiti* e umas parada mais de aceitação, ta entendendo? Só que **a gente vai no ponto em que as pessoas não olham mais, a gente vai na agressão visual, então a gente vai na sujeira, é só a sujeira que a gente quer que eles vejam, é uma denúncia**, é pra dizer que tem alguma coisa errada aqui, ta entendendo? É patifaria acontecendo por

¹¹⁸ Entrevista realizada presencialmente na praça José Gentil no dia 12 de dezembro de 2014.

debaixo dos véus, por baixo dos panos. Só quem tem poder pra falar é quem ta engravatado em frente às câmeras lá, mentindo, fazendo promessa política, então um mendigo, pessoa de rua ela pode ter umas ideias que vai mudar o mundo, ta entendendo? Mas ninguém vai ouvir a ideia dela, não vai passar da praça, a ideia dela não vai ser ouvida por ninguém ta entendendo? (Vampyro AC)

Vampyro em suas palavras convida os transeuntes da cidade a uma troca de posição de espectador passivo para alguém que observa os fenômenos e investiga as respectivas causas. Essa ideia é desenvolvida por Rancièrè (2010) contrariando a noção de espectador que o teatro desenvolveu:

O espectador permanece face a uma aparência, ignorando o processo de produção dessa aparência ou a realidade que a aparência encobre. [...] A espectadora fica imóvel no seu lugar, passiva. Ser espectador é estar separado ao mesmo tempo da capacidade de conhecer e do poder de agir. (RANCIÈRE, 2010, p.09)

O autor sugere que a distância entre espectador e espetáculo seja abolida, e que ele seja assim arrastado para dentro do círculo mágico da acção teatral de posse das suas energias vitais integrais (*ibid.*, p.13), isso acontece a partir de teóricos reformadores do teatro, como Brech e Artaud.

O teatro é uma assembléia na qual as gentes do povo tomam consciência da sua situação e discutem os seus interesses, diz Brech depois de Piscator. O teatro, afirma Artaud, é o ritual purificador no qual uma colectividade é posta a plena posse das energias que lhe são próprias. (RANCIÈRE, 2010, p.13)

Quando Vampyro afirma “a gente vai na agressão visual; vai na sujeira” está ai utilizando uma tática de chamar atenção da grande massa, de aguçar seus sentidos para chegar a uma reflexão. A *pixação* seria um instrumento de protesto que, inicialmente, chamaria a atenção nas ruas por meio da sujeira e num segundo momento, reflexivo, causaria a ação de emancipar os sujeitos de uma posição passiva, que só da a ver a aparência das coisas, para um poder de ação como um princípio vital.

O *pixo* diante de outras mídias de comunicação seria uma forma dissensual de comunicação e expressão. No seu gesto provocativo e agressivo ele perturba o arranjo do espaço urbano, deslocando posições pré-configuradas o que faz dele (*pixador*) também um espectador emancipado. Se assim veste a carapuça da sujeira é porque é a partir dela que produz uma experiência estética e política.

Pixo, graffiti, publicidade, propaganda política, *outdoor*, alguém anunciando numa rádio te acordando de manhã na tua casa, propaganda na TV pra mim tudo é a merma coisa, é a merma coisa, única diferença é que a *pixação* ela ta na margem, ela não se dispôs ao baixio dessas mídia ai que querendo ou não atinge as pessoas. A *pixação* é mais humana que a TV, que o rádio, que as alienação ai, porque ela não se deu a ser tão baixo que ser quase como alguém que te enfia aquilo, **que a *pixação* ta no muro tu olha se quiser**, ta entendendo, já as pessoas que estão condicionadas a assistir TV mesmo se quer que seja que ta passando, vão assistir o que ta passando.

Tu pode falar o que tu quiser que elas vão ouvir, vão ter aquilo como verdade universal, saca?

[...] a *pixação* pra mim se tornou, meio que um dever, eu me sinto obrigado a *pixar*, vendo a situação que o país ta hoje vendo a situação e vendo como a *pixação* tem ajudado algumas pessoas... Então acho que o Vampyro veio pra quebrar conceitos e preconceitos. (Vampyro AC)

Segundo Vampyro o *pixo* seria uma forma mais livre e democrática de expressão, ele lesaria menos que as outras comunicações, pois não te impõe a nada, não quer lucrar com a sociedade, ele não invade a casa, a privacidade e a mente do povo como a publicidade, a propaganda política ou a TV, a *pixação* “tu olha se quiser”. Seu discurso parece ter um desprendimento de ego para um projeto público que seria o Vampyro AC, talvez por isso a *rasura* ao seu nome seja uma expressão do dono do estabelecimento democraticamente aceitável por ele, enquanto ele, por sua vez, também se expressa. Seu *pixo* é uma micropolítica de resistência no sentido foucaultiano (1979), dos sujeitos que diante dos diversos poderes que o cessam, constroem táticas de fuga por intermédio de uma prática que expressa/busca liberdade.

A *pixação* seria o dissenso diante das mídias da publicidade, da televisão e da rádio, seria a comunicação de resistência dos sujeitos “sem parte” dentro da comunidade cuja partilha do sensível é desigual. O dissenso ou desentendimento se refere a percepção sensível dos sujeitos que segundo Rancière (2009) reconfigura as relações entre fazer, dizer e ver que circunscreve o ser em comum. O *pixo* de Vampyro é a sujeira nas fissuras de uma sociedade que se publiciza e se constrói com verdades criadas e quase nunca postas à prova.

Na *pixação* a ação se sobrepõe as intenções quaisquer que elas sejam (ideais, ego ou vaidade), Vampyro está comprometido a *pixar* porque segundo ele esta ação autônoma representa uma postura de dissenso e resistência.

[...] o cara pode *pixar* aqui por ego por ter mais nome... mas eu vou te falar uma coisa **o que vai valer** não é o que ele ta pensando não Ju, **é a ação** porque na rua, quem ta na rua, vai ver o *pixo* “ah aquele *pixo* ali o cara fez com os ideal”, “não aquele *pixo* ali só fez por ego”, “não aquele *pixo* ali ele só fez pra ganhar um nome com a gata dele”, então isso não vai ter mais valor, ta entendendo? *Pixa* parceiro, *pixa*, pode ficar pensando.. pode *pixar* por ego, *pixar* por amor, *pixa* por o que tu quiser o importante é o nome ta no muro, ta entendendo? (Vampyro AC)

A ação de *pixar* é válida, pois chacoalharia uma normatização da vida social que cega os olhos dos que não conseguem ver além do que se apresenta a sua frente, “a gente vai no ponto em que as pessoas não olham mais”.

5.1.4 Sufoco

Fotografia 49 - *Sufoco* no *xarpi* de Pirado GDR e Bafu GDR por Papa RM



Fonte: Icaro Marley postado na comunidade “Xarpi no Extremo” do *Facebook* (2014).

Porra mah ainda nem acredito que o papa fez isso. Pqp oh... (Pirado GDR)

Porra mah só os dois nomes tava *rxd* aew o papa vai lah e *sufoca*, e *foda*... (Pirado GDR)

kkkkk *pd*! Mesmo assim ta massa pq o *cromado* ver de longe!!! (Kajo RM)

Mais ai Onaicsat Pirado Gdr oq ta destacado são vc6....so vi o nome do papa pq foi de pertokkkk *tmj*.. (Icaro Marley)

Esse portão dificilmente pinta! É mais facil pintar o muro! O papa me disse que passou ai antes de vcs e o cotam¹¹⁹ abordou ele, ai quando foi ver vcs ja aviam riscado kskskskkk (Kajo RM)

Com todo respeito ao PAPA mais acho *paia* isso ai o. (Bruno Preá MV OA)

Tava massa só os dois nome lah mah, aí o papa vai lá e *sufoca*. E foda! (Pirado GDR)

qual e a graça de *sufocar* ? fica ali espremido sem espaco ! (Eduardo Nobre)

Galera veja bem vcs tão brigando pelo portão que pode ser de todos *sufoco* é *paia* mais veja bem se tiver eSpaço cabe uns 3 nome ainda afff as vezes a galera briga por besteira sem mancada vcs nu com corda com todo REPEITO (Edevando Toc)

É pq eu não curto essa parada de *sufoco*, e outra Edevando Toc ninguém tá fazendo confusão não mah, tenho mo *consideração* pelo papa mais achei *paia*. Principalmente pela visão de quem vem la do sinal só ver a manchinha do nome dele nem da pra entender quem é, só se for de perto. (Pirado GDR)

¹¹⁹ COTAM é sigla que significa Comando Tático Motorizado, é pertencente ao Batalhão de Polícia de Choque do Estado do Ceará.

Não sabia que ele portão ficava longe da avenida (Edevando Toc)

Fica uma parada *paia* toda manchada ninguém entendi nada. (Pirado GDR)

O *sufoco* como demonstrado na Fotografia 49 e nos comentários¹²⁰ acima acontece quando já havia *xarpi* no espaço de um portão ou muro, mas outro *pixador* também *taca* seu nome nos espaços que sobram, o resultado é um visual mal organizado esteticamente. Como em uma tela de pintura quando o artista vai produzir a imagem ele a coloca de forma equilibrada, tecendo uma composição harmoniosa. No exemplo acima o *xarpi* de Papa RM quebrou a estética dos *xarpis* no portão pego primeiramente por Pirado GDR e Bafu GDR.

Conversei com Pirado GDR presencialmente na 7ª Master Reunião e ele transmitiu constantemente essa ideia de uma estética do *xarpi*, uma escolha dos espaços antes de *pixar* para o resultado sair o melhor possível.

[...] eu acho *massa* quando é uma coisa bem feita, uma *pixação* bem feita que o cara ta com o *leiteiro* bonito e tal, faz uma parada bonita. Agora têm muitos também que ta começando agora que não sabe de fato o significado da *pixação*, não conhece a *essência*, não sabe nem um terço se quer da história da *pixação*, que vem lá de trás os anos 80, certo? Tem uns que chega *caga o muro véi* e *taca* um nome sem nem saber o que está fazendo, isso ai se torna feio a *pixação*.

Então não é todo muro que cabe a *pixação*? Tem uma escolha pra ficar mais bonito?

Pra ficar bonito exatamente! Tem a escolha tanto pra ficar mais bonito, como a questão da durabilidade, porque tem muro, tem muito meninozím que ta começando hoje que chega num muro brancozím qualquer *taca* o nome pra ele, ele *caga* aquele muro ali, pra ele ta lindo, pra mim já não é qualquer muro branco que eu *risco*, eu procuro pegar onde eu sei que o meu nome vai ter uma durabilidade boa, vai passar bastante tempo ali.

Então tu escolhe mais que tipo de muro, que tipo de estrutura? Portão?

De preferência se for portão, os portões mais antigos e de parede de preferência chapiscado e *permanente* que é os muros conhecido também como os muros de pedra, né. Que tem bastante aqui em Fortaleza, mas que vários, vários muros de pedra também já tão pintados e *crowdiados* a galera já ta chegando ao extremo de botar uns por cima dos outros. **[Como é que tu disse? *Crowdiado*? O que é isso?]** Muito nome na parede, já tem muito nome, eu dou essa palavra *crowdiado*¹²¹, vem da mesma coisa do surfe quando tem muita gente na praia surfando, o surfista diz que “ta mó *crowdi*” e tal. É quando tem muito surfista dentro do mar, ai pra mim é no caso da parede, quando já tem muito nome e a galera fica *tacando* um por cima do nome do outro e tal escolhe um espaçozím pequeninim, eu particularmente eu acho feio. Eu acho mais bonito um *permanente* que tenha os nomes grandes e organizados, uma certa distância de um pro outro, porque pra mim fica uma coisa mais bonita, eu passo ali eu vou saber quais os nomes que estão ali no caso, vou saber distinguir um do outro, vou saber quem é, ah ali é fulano e ali é beltrano e se for o caso um por cima do outro tipo vários nomes espremidos, você passa no ônibus, passa no carro, você não vai saber quem é quem ali, claro vai ter um ou dois

¹²⁰ Diário de campo no ciberespaço, comunidade Xarpi no Extremo, 24 nov. 2014.

¹²¹ Faz referência a palavra inglesa *crowd* que significa multidão.

que vai sobressair, mas fica bem difícil de saber quem é quem ali e até mais fácil de rolar o *atropelo* e as intrigas no caso.

A *pixação* também tem seu lado estético, a construção dos *xarpis* passa por uma etapa de desenvolvimento das letras do alfabeto da *pixação*. As capitais de São Paulo e Rio de Janeiro foram as primeiras que desenvolveram o *pixo*, cada qual com sua estética, a de São Paulo com traços mais angulosos e letras retas, grafia inspirada nos álbuns de rock da época que por sua vez se inspiraram no alfabeto céltico, hoje, a caligrafia do *pixo* paulista é chamada de *tag reto*.

Imagem 50 – Tipografia “Adrenalina” inspirada na *pixação* de São Paulo



Fonte: Gustavo Lassala <http://www.myfonts.com/fonts/brtype/adrenalina/>

O tag reto foi difundido pelos pixadores de São Paulo e é mais do que uma assinatura, já se tornou um estilo caligráfico. [...] Esse estilo é caracterizado por letras retas, alongadas e pontiagudas, pintadas com tinta spray ou rolo de tinta; letras que procuram ocupar o maior espaço possível no suporte. A ocorrência desse estilo de letras é típica e única no mundo. (LASSALA, 2010, p.63)

O *pixo* do Rio, por sua vez, possui formas mais arredondadas e *emboladas*, e influenciou esteticamente o *pixo* em Fortaleza, pois segundo os relatos dos *pixadores* da década de 80 e 90, a vinda do carioca Rape RM difundiu a cultura do *xarpi* por aqui junto com os documentários¹²² exibidos na Rede Manchete.

Cromado GDR explica o seu início na *pixação* pautado também nessa discussão de criação estética:

Bom, eu comecei a *pixar* no ano de 94 né, se eu não me engano no mês de junho, o ano da copa do mundo, eu sempre é, já tinha, como posso te dizer, era fã de *pixação*, via uma *galera* mais antiga, eu sempre achei legal, sempre achei bacana esse negócio do perigo de fazer o que, o ilegal né, questão do anarquismo. E a questão do *xarpi*, eu sempre gostei mais dum *leiteiro* meu *embolado*, entendeu, que fui aos poucos criando. Comecei na verdade só com um nome, depois fui juntando as letras, *embolando* um pouco, aí foi criando a *pixação*, e tudo né. E foi no passar do tempo, no decorrer dos anos praticando muito, fui aperfeiçoando, aperfeiçoando, e até que

¹²² Um desses documentários pode ser assistido no *Youtube*, postagem do dia 27 out. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FpQtcmFGWwc>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

chegou a esse ponto que você viu aqui na foto né, mas isso foi com muitos e muitos tempo de saída. A pessoa quando começa a *pixar*, ela nunca começa com *xarpi* bem, bem, bem bonito, *bem bolado* não, isso você pega, vai pegando com os anos de prática e saindo, e a *pixação* pra mim, eu sempre fui um amante da *pixação*, sempre gostei, sempre admirava os cara, eu via a *galera* que *pixava*, conhecia alguns, outros não, é pra mim sempre foi bacana, sempre gostei muito de fazer isso. Não sei de dizer o porquê, de onde foi que surgiu isso. (Cromado GDR¹²³)

Imagem 51 - *Xarpi* de Cromado GDR



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Bom, o meu *xarpi* ele é de letras *emboladas* e ele tem todas as letras do nome Cromado, explicar aqui oh. Aqui é o “c”, vou começar o “r” agora oh, o “r”, o “o”, o “m” dentro do “o”, vou puxar o “a” agora. Vou fazer o “d” agora, e o outro “o”. Aí, isso aqui que vou fazer agora é só pra finalizar, pra deixar ele um pouco mais *style*, entendeu. Com a argolazinha pra cima, argolazinha pra baixo, a fumacinha pra cima e a aqui a *rabeta*. Pra finalizar simbolozinho de registrado, a sigla GDR, e o 3M¹²⁴ que não pode faltar. (Cromado GDR)

O rito de iniciação na *pixação* é marcado por um processo individual de criação de um nome pessoal e intransferível. Esse nome é simbolizado por uma semântica e uma estética que englobam o imaginário dos gostos e valores na *pixação*, o que nos leva também a uma questão: *pixação* é arte? Foi o que perguntei a Vampyro AC e a outros entrevistados.

A *pixação* assim é uma arte dentro das questões dos padrões do que é arte no mundo, a *pixação* é arte por ela ter um processo de criação, uma preocupação com a estética, uma linguagem, apenas essas três coisas ela já se torna arte, ta entendendo. E outras questões, a *pixação* é a única arte no qual o *pixador* põe em prova sua integridade física, jurídica, social, ta entendendo, tem muito *pixador* ai morto, *pixador* preso, *pixador* que a família deixou, que as mulher, o próprio filho deixou.

¹²³ Entrevista realizada presencialmente na 7ª Master Reunião de *Pixadores* no dia 07 de dezembro de 2014.

¹²⁴ *Subsigla*, uma espécie de lema ou mensagem, neste caso 3M significa “mel, mulher e motel”.

E a *pixação* é uma arte, agora esse lance das galerias eu acho que a *pixação* não perde não. Eu acho que se a *pixação* é uma arte, pô tem muito grafiteiro ai que vem dos Estados Unidos que vem da Europa chega no Brasil, chega em São Paulo e vira *pixador*, entende a *pixação*, consegue ver essa nossa visão e vira um *pixador*. Lá fora, entende a *pixação* como arte. Se a *pixação* é arte eu não vejo de maneira nenhuma como negativo dela estar nas galerias agora eu acho que ela não é algo adestrável, tem gente que fala assim “ah não, não *pixa* não, a gente vai fazer um muro na cidade pra vocês *pixar*”. Eu acho que não é assim, eu acho que a *pixação* não pode se vender como o *graffiti*, que o *graffiti* se vendeu, né, *graffiti* se corrompeu totalmente, traiu o movimento totalmente. O *graffiti* veio da *pixação*, né, e a *pixação* e o *graffiti* era pra andar de mão dada, não algemada. (Vampyro AC)

Eu acho que se a *pixação* fosse liberada ninguém *pixava*, porque a *essência* é do ilegal. É legal uma pessoa reconhecer a *pixação* como arte, porque como eu te disse tem todo um processo de criação da tua letra, todo o processo da tua história, de cantos que você pega, que você visa... Eu achava legal uma mostra dentro do museu de *pixo*, mas assim como arte é impossível deles adotarem, né. (Saimo VDM¹²⁵)

Ao imaginário dos *pixadores* eles fazem arte, suas performances de escrita produzem uma arte específica construída através de meios ilegais. A arte que os representam não é igual ao conceito de arte institucionalizada. E nem desejam essa classificação, pois não estariam dispostos a se enquadrarem numa situação legal aos vários sistemas de poder existentes, como o dos críticos de arte, pelo contrário, os *pixadores* trafegam na contramão desses sistemas.

Quando Agamben (2012) narra o aparecimento na sociedade européia da figura do homem de gosto, em torno da metade do século XVII, é posto em questão o próprio estatuto da obra de arte. O homem de gosto é o homem dotado de uma particular faculdade, de uma espécie de órgão receptivo da obra de arte que o permitiria perceber o ponto de perfeição da obra, não faz parte da sua postura uma intromissão na concepção e execução da obra, como assim fazia os mecenas. A difusão dessa figura transformou a relação do homem com a arte: de uma experiência familiar a um mero espectador sempre mais passivo; transformando também o artista “que se move em uma atmosfera sempre mais livre e rarefeita, e começa a migração que, do tecido vivo da sociedade, o empurrará para a hiperbórea terra de ninguém da esteticidade”. (*Ibid.*, p.41)

O que o autor irá demonstrar é que em oposição a figura do homem de gosto, o homem de mau gosto é mais interessado, honesto e sensível à obra de arte. O homem de mau gosto não despreza a arte e nem é indiferente ao seu fascínio.

Tudo se passa, em suma, como se o bom gosto, permitindo, a quem tem o seu dom, perceber o *point perfection* da obra de arte, terminasse, na realidade, por torná-lo indiferente a ela; ou como se a arte, entrando no perfeito mecanismo do bom gosto,

¹²⁵ Entrevista realizada presencialmente na 7ª Master Reunião de *Pixadores* no dia 07 de dezembro de 2014.

perdesse aquela vitalidade que um mecanismo menos perfeito, mas mais interessado, consegue, no entanto, conservar. (*Ibid.*, p.45)

A partir daí Agamben (2012) narra uma mudança de postura e de pensamento, pois curiosamente o fenômeno do homem de gosto possui tendência ao impulso pelo o que o bom gosto reprova. “Os gêneros puros substituídos por gêneros menos nobres, mistos, cujo protótipo era justamente o romance, o qual, nascido para satisfazer as exigências do mau gosto, acabou por ocupar o posto central na produção literária.” (*Ibid.*, p.48-49) Os artistas também “começaram a introduzir, primeiro insensivelmente, mas depois de maneira cada vez mais declarada, o mau gosto na obra de arte.” (*Ibid.*, p.48)

A discussão de Agamben (2012) é importante para se entender a arte a um nível mais próximo e sensível à sociedade, ao nível da vida e menos a um *status* de elitização e genialidade. Esse deslocamento de conceitos permite outro fazer artístico e outras experiências estéticas, segundo o autor, mais honestas as nossas paixões.

“Parece que a arte prefere muito mais se dispor no molde informe e indiferenciado do mau gosto a se espelhar no precioso cristal do bom gosto.” (*Ibid.*, p.45) Assim, quando os *pixadores* nomeiam seus *xarpis* como arte, não estão buscando uma normatização ao *pixo*, pois como afirmou Agamben (2012) é visto que há uma verdadeira e autêntica contraposição entre poesia e gosto. A institucionalização do *pixo* seria um vazio estatuto de arte, que por assim anularia a essência dessa cultura.

A arte em si é uma questão complexa, as vanguardas, por exemplo, anunciam novas ideias, valores e modos de fazer, ao nível da ruptura estética e que por isso, na maioria das vezes, são compreendidas apenas décadas depois. Esse estar além/aquém de seu tempo é o que Agamben (2010) nomeia de contemporâneo.

Aquele que pertence de veras ao seu tempo, que é de veras contemporâneo é alguém que não coincide perfeitamente com ele nem se adapta às suas exigências e é por isso, nesse sentido, inactual; mas, precisamente por isso, precisamente através do seu distanciamento e do seu anacronismo, é capaz de perceber e captar o seu tempo melhor do que outros. (*Ibid.*, p.20)

O contemporâneo é aquele que se relaciona de forma reflexiva com seu tempo. Por meio dessa leitura e das reflexões sobre arte arriscamos afirmar que os *pixadores* são contemporâneos porque eles provocam uma ruptura, uma cisão, fratura no tempo da vida. Através dos seus modos de ser e fazer estão aquém do tempo presente como a vanguarda, e por esse motivo são vistos de maneira preconceituosa e vazia. O *pixo* não deseja ser o “precioso cristal do bom gosto”, na contramão dos moldes é que ele consegue imprimir a

representatividade da sua época, tempos em que o urbano reverbera suas tensões, deste modo, comunica uma arte com várias facetas: caligráfica, marginal, performática e política.

Pra mim eu vejo a *pixação* como arte porque eu vejo que poucas pessoas tem atitude de fazer aquilo que o cara faz, “pô o cara subiu lá no prédio e tacou um nome, pô mas esse cara podia ser um artista, não?” Porquê não? Se ele driblou toda a segurança de um prédio, as câmeras e fez a arte dele lá em cima, ou seja, a forma de protesto dele. Pra mim a *pixação* assim tinha que ser uma arte, não uma arte tipo pintura essas coisas, mas uma arte que fosse mais valorizada, não tão assim como colocada pra baixo, como hoje a *pixação* é colocada pra baixo, porque passa na televisão: “todo *pixador* é vagabundo”, “os cara tão armado”, “quem foi que roubou minha casa? Foi os *pixador*”, ta entendendo? Eu acho que eles não tão pensando a *pixação* como uma forma de arte, tão pensando na *pixação* como uma forma de apologia ao crime. (Roco SF)

Há de se reconhecer um grande avanço para o *pixo* a partir do momento em que são promovidos debates, encontros e discussões sobre a *pixação* no Brasil. Esse caminho foi desbravado por estudantes, professores e pesquisadores interessados em conhecer e não apenas pré conceber noções, desta forma a *pixação* se tornou objeto de investigação em diferentes campos de estudos, como na sociologia, na antropologia, na comunicação, na educação e na arquitetura. Este caminho foi impulsionado após o fato marcante da invasão à 28º Bienal de Arte de São Paulo, em 2008. Desde então caminhos foram abertos ao diálogo e às discussões com a participação dos próprios interlocutores, os *pixadores*. Eles estiveram presentes na 29º Bienal de Arte de São Paulo, em 2010, e também na 7ª Bienal de Berlim em 2012. Quando o debate se multiplica, multiplicam-se também as formas de propagação como com os documentários já produzidos: *Pixo*¹²⁶ (BRA, 2009) e *Luz, Câmera, PICHACÃO*¹²⁷ (BRA, 2011). Estamos chegando ao ponto ideal da questão sobre a *pixação*: não desejar que esta seja legitimada como arte e, conseqüentemente, legalizada, mas que seja discutida e desmistificada.

5.1.5 Cobertura

A *cobertura* é uma situação corriqueira na cidade de Fortaleza, muitas das vezes feita pelos donos dos muros que foram *pixados*, trata-se de *cobrir* o muro com tinta, pintar. Essa ação também é costumeira do *graffiti* que *chapa o muro* antes de iniciar sua produção.

¹²⁶Pixo. Direção: João Wainer, Roberto T. Oliveira. Produção: Luiz Fernando Souza e Silva. São Paulo: Sindicato Paralelos Filmes, 2009. (61 min.).

¹²⁷Luz, Câmera, Pichação. Direção e Produção: Gustavo Coelho, Marcello Guerra, Bruno Caetano. Rio de Janeiro: HAND, 2011. (102 min.).

Fotografia 52 – “Círculo Vicioso”, Avenida dos Expedicionários



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Alguns muros não possibilitam a *cobertura* por isso tornam-se mais valorizados no meio da *pixação* como os muros de pedra e os chapiscados. A *cobertura* é uma tentativa de apagar os *pixos*, porém um muro limpo é também atrativo para os *pixadores*, por isso Vampyro nomeou a Fotografia 52 como “Círculo Vicioso”, pois se trata de um ciclo de ações em consequência contínua.

Essa aqui é o retrato do dono da casa que tem o muro *pixado*, que mora na grande avenida que ta pintando sua casa, né. O que eu aconselho pra esse rapaz aqui é ele... como eu já falei né, a gente não ta entrando na tua casa, a gente ta *pixando* o teu muro que já está sujeito a tudo isso, né. Então isso é uma deficiência social que você vai ter que encarar como alguém que mora na favela e não tem saneamento básico, que mora perto dum rio e tem muito mosquito, pernilongo, é uma doença social, tá entendendo? Então aconselho a você a não gastar poços de dinheiro com acabamento na casa, ponha um cal, já vi muitas pessoas que põem cal na casa ai daí fica essas *pixação* assim meio subexposta; assim o *pixador* vê ai “ah não, não *pixa* ai não que aí pinta”, ta entendendo? Ai eles não *pixam*, ta entendendo, tem uns que ainda *pixam*, mas não é aquela coisa de ser *detonado* direto. Porque se tu fizer na tua casa um acabamento maneiro e tal, ai vem alguém e *pixa*, passa dois meses ai tu pinta legal tua casa, ai vem outro alguém e *pixa*, ai sempre vai ser assim um círculo. E assim não, quando você põe o cal, ta entendendo, certo que você se privou de acabamento legal na sua casa, mas como a pessoa também que se privou de ter um sono legal porque também tem um mosquito, é como uma doença social, ta entendendo? (Vampyro AC)

Por estarem praticando uma atividade ilegal que podem levá-los a vários riscos, os *pixadores* acabam optando por estruturas cujo *xarpi* tem tendência a permanecer, são muros cujos materiais são difíceis de limpeza ou de substituição, como a cerâmica, a pedra, o chapiscado e os portões de alumínio. Os muros de *cobertura* bem feita atraem *pixadores*, pois comparados a uma tela de pintura quanto mais bonita a moldura, mais bonita será a obra. Uma

saída apontada por Vampyro aos donos dos muros, é pintar com tinta cal, pois a *cobertura* de tinta cal além de não ter um visual atrativo para expor uma assinatura, também é indicativo de que o *xarpi* permanecerá menos tempo, pois provavelmente logo o muro receberá uma outra mão de cal. O muro caiado também é passível de confusão visual entre o *xarpi* que ainda está ali ou que já foi apagado, como na situação da Fotografia 53 narrada por Surf.

Fotografia 53 – Master AC e Porão SF, Avenida Carapinima



Fonte: Postagem na comunidade Xarpi no Extremo (2014).

Esse muro aqui tinha um dele, do Master AC. Esse outro aqui é um antigão da SF, é o Porão. Pintaram o nome dele Master, só que quando chove dava pra ver o nome dele, pintaram de tinta cal branca. Ele [Porão SF] aqui botou um nome, o Master pensou que ele *atropelou*, mas não *atropelou*, pintaram o nome do Master de tinta cal, quando chove da pra ver. Ai taí como ficou a *pixação*, uma em cima da outra, ai o Master achou que era *rasurado*, ai ele veio passou um X e botou oh, “*tamos kit*”. (Surf SF)

A tinta cal possui uma baixa qualidade de *cobertura* e acabamento o que resulta numa transparência entre as camadas de tinta. Um *xarpi* quase apagado de Master era um muro limpo para Porão, no entanto é preciso verificar bem o local aonde se vai *pixar*, pois segundo os *pixadores* até mesmos os rastros de tinta devem ser respeitados.

Existe nessa cultura uma ideia obsessiva de permanência de seus nomes, ter seu *xarpi coberto* significaria apagar mais uma presença daquele sujeito na cidade, como no ditado “quem não é visto, não é lembrado” os *xarpis* precisam existir e permanecer para que a própria rua conte a história deles, os *pixadores*.

5.2 As peles que habitam o muro: efemeridade e permanência

Nesse subcapítulo abordaremos de forma metafórica as linguagens urbanas como camadas de pele que envelopam os muros da cidade. Numa discussão que envolve espaço e tempo surgem as categorias *efemeridade* e *permanência*, percebidas nas falas dos sujeitos *pixadores* e grafiteiros. Trabalharemos com o desejo desses diferentes atores de se tornarem memoráveis e, em consequência, os conflitos envolvidos já expostos no subcapítulo 5.1 Estudo de casos.

Dentro da comunicação urbana alguns signos são construídos com o intuito de durarem o máximo possível, os *pixadores* querem ser memorados e para isso constroem uma representação imaginária de tornar seus *pixos* “*eternos*”, por sua vez o *graffiti* se submete a ser apagado na condição de ser renovado (SILVA, 2013, p.18), desta forma também reivindica uma permanência nos muros. Existe aqui uma forte diferenciação de sentido no uso do urbano que faz com que as relações entre *pixação* e *graffiti* sejam, em sua maioria, conflituosas. Essa agonística tende a chegar ao nível da normatização, pois é ou deveria ser entendida como parte da natureza das expressões de rua que necessitam de espaço como princípio fundamental para existirem.

O que acontece é que quando um *graffiti* ocupa um muro na cidade de Fortaleza geralmente aquele espaço fica demarcado para ele, adquirindo a legitimidade do uso daquele espaço. Isso acontece com frequência nos murais de *graffiti*, pois são feitos mediante autorização e muitas vezes têm o apoio da instituição que ocupa. Esses murais ocupam longos metros de pintura e chama a atenção dos que transitam por eles, o *graffiti* transforma a paisagem urbana positivamente de forma que aqueles locais tornam-se espaços atrativos na cidade. Deste modo, há um ganho de território por parte do *graffiti*, fazendo daqueles muros um espaço pré-reservado a ele. No Benfica, por exemplo, há vários murais de *graffiti* como nos muros do IFCE da Rua Paulino Nogueira e Marechal Deodoro e os muros da UFC nas avenidas Treze de Maio e Carapinima.

Mesmo sendo espaços autorizados à pintura de *graffiti* esses muros são constantemente renovados o que faz com que os trabalhos possuam um tempo de permanência que dura poucos anos. Essa renovação da pintura já é algo naturalizado e compreendido entre os grafiteiros, tanto que quando se vai produzir um novo mural não obrigatoriamente cada grafiteiro ficará com o espaço anterior onde tinha seu trabalho, há de certo modo um maior desprendimento de sua arte, Pirado GDR parece concordar com isso:

Porque o *pixador* tem esse desejo da eternidade?

No meu ponto de vista o *graffiti*, quando eles fazem o *graffiti* ou o *bomb* em si, aquele espaço é deles, se caso ficar velho, ou no caso quase sumindo, eles podem chegar lá e eles mesmo *renovar*, isso eu até acho que existe mais respeito de grafiteiro pra grafiteiro, do que de *pixador* pra *pixador*. Porque se for no caso da *pixação* a gente procura um [muro] que dure mais tempo pela questão do respeito. Porque se você for comparar tem muito mais *pixadores* do que grafiteiros aqui na cidade. (...) Nessa questão ai tem mais respeito do *graffiti* do que na *pixação*. (Pirado GDR)

Se você fizer um *bomb*, geralmente quem *renova* é você mesmo? Tem problema de outro grafiteiro *renovar*?

Tipo assim já aconteceu, eu tinha um *bomb* na Treze de Maio ai o Edu RAM ligou pra mim, e já tava velho, já tava apagando, ele ligou pra mim e perguntou “ei Saimo tem um *bomb* aqui teu *brother* eu queria fazer um *trampo* em cima, eu posso apagar?”, ai eu disse “não meu irmão, vá lá, pode, vá lá”, eu deixei ele apagar, ta entendendo. Ai se eu dissesse “não *macho*, deixa o *graffiti* ai”, ai ele tinha feito em outro canto. (Saimo VDM)

Mas se por um lado os grafiteiros sentem a necessidade de uma renovação do urbano especialmente de seus *graffiti* por causa da perecibilidade provocada pelo sol, pela chuva e poluição, os *pixadores* têm outra visão do urbano, necessitando uma permanência dos seus *xarpi*s, não aceitando que outros intervenham sobre o nome deles, há um radical e desafiador desejo subjetivo de “eternizá-los”.

Sempre tem que morrer alguma coisa, ai o *pixador* não se conforma com a *pixação* morrendo. Ele não se conforma, por exemplo, eu *boto meu nome* ali, pô eu não quero que meu nome saia dali porque ali é uma arte. Pra nós é uma arte, né? Ai eu não quero nunca que minha *pixação* saia dali. Então quer dizer que o *pixador* não se conforma, mas ali um dia vai se acabar. A não ser que ele vá lá e *renove*. [...] Se der pra mim cobrir eu cubro igual a eles aqui [imagem 54], né, *renova* de novo. Se não der, eu sei que pra mim ali um dia aquilo vai sumir, então o *pixador* não se conforma, ele não quer que suma. [Mas te dói saber que vai sumir?] Dói, dói porque a gente faz, a gente faz arriscando a nossa vida, faz por adrenalina, por arte também, que nem eu lhe disse o *pixador de corpo e alma* faz assim, os que não é, não fazem. Então quer dizer, por nós, nós queríamos que fosse *eterno*, mas nada é eterno, né? Nem o muro, nem nada vai ser eterno, aquele muro ta ali, mas um dia ele pode cair. (Surf SF)

Fotografia 54 – *Xarpi renovado* de Brasa GDR, Rua Joaquim Magalhães



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

A não conformidade de ver seu *pixo* se apagando faz com que novas estratégias sejam criadas, na Fotografia 54 Brasa GDR retorna ao local *pixado* para *tacar* seu nome novamente.

Assim, o que eu achei curioso é porque o *xarpi* que tá embaixo é o mesmo que tá em cima, qual foi a intenção aí?

Foi *acender o nome* que tava de vermelho, que é de frente pro sol, então esse muro, a tinta, o sol acabou com brilho da tinta vermelha, né, aí então se mais tempo passasse o sol ia apagar e esse canto ia ser preenchido por outro *pixador*, entendeu? Então como sempre passo por lá de madrugada, eu fui lá e tinha uma tinta azul e fui *acender esse nome* de novo. (Brasa GDR)

Oh aqui o Brasa *tacou* o nome, passou pouco tempo o nome sumiu, conseqüentemente, ele foi lá com uma tinta melhor e *tacou* por cima para ele não perder o espaço que ele sabe que demora, que passa tempo pra pintar no caso. Esse muro aqui ele renovou porque sabia que tinha uma durabilidade boa, que [o morador] não vai pintar tão cedo. E poderia correr o risco de chegar outro *pixador* e *tacar* por cima do nome dele aqui. (Pirado GDR)

Qual a ideia de cobrir o nome?

Porque assim, o nome do cara ta se apagando ai o cara [outro *pixador*] vem passando aqui “ah ta se apagando, vou *tacar* por cima”, se eu tiver *cobrido* o meu nome ele não vai *tacar* por cima. É por isso que eu to *tacando* assim agora, eu *taco* uma vez e cubro por cima porque quanto mais preto mais difícil vai ser de sumir, ta entendendo, eu to pensando com essa ideologia. (Roco SF)

Essas questões de efemeridade e permanência envolvem as duas artes de rua, o que nos faz retornar a uma discussão sobre o respeito. Quando se trata de fazer um *graffiti* a

pedido do morador, mas o muro está cheio de *pixos*, os grafiteiros encontram-se frente a uma situação delicada, pois sabem que irão desagradar os *pixadores*, mas não negam o serviço e esperam que os *pixadores* entendam de que se trata de um trabalho encomendado, de uma situação profissional.

Pronto, a ideologia que a gente tem muito da do *graffiti*, hoje em dia, é isso, é respeitar cada espaço no máximo possível e se acontecer de apagar a *pixação* é mais aquele lance mesmo de trabalho comercial porque às vezes o pessoal procura a gente pra realizar trabalho em determinados ambientes que a gente chega no muro, o muro tá todo *pixado*. Então já um lance mesmo de eles contratar teu trabalho quer que tu apague a *pixação* e faça um *graffiti* no muro deles, então assim, eu tenho pra mim que é uma forma de entender do *pixador* isso, porque eles pegam, num tem autorização, então o cara te chama pra fazer um trabalho desse é uma coisa muito comercial, então tu num vai dizer não?, “não vou fazer porque tem *pixação* aí”, tu vai ter que realizar o trabalho e ter que explicar como que aquilo foi realizado. (Qroz VDM)

Mas parece que *pixador* não perdoa, né, mesmo assim, ele sempre quando deixa uma marca se lembra que ali tinha o nome dele e aí começa a complicar.

É tem muito disso, acho que a mente de cada um é muito fotográfica e guarda muita coisa, muita informação, como do grafiteiro que sabe onde é que tem o seu *graffiti*, como do *pixador* também, ele guarda muito disso. E o *pixador* ele ainda é muito mais agressivo, então ele sempre vai querer aquilo dentro dele aquele lance de *costrar*. Tipo se ali tinha uma *pixação*, ali, e alguém apagou ele vai querer ir lá e vai querer fazer por cima de novo pra querer mostrar uma forma mesmo de respeito dele, de querer dizer que ele tava ali então ele vai continuar ali. (Qroz VDM)

Se *graffiti* e *pixação* são *irmãs de tinta*, como foi falado anteriormente, algumas vezes vão se reconhecer filhas da mesma mãe rua e andarão lado a lado, noutras brigarão e discutirão tal quais fazem os irmãos, cada um querendo que suas razões prevaleçam.

Qual a importância da permanência?

Então eu acho que o grafiteiro quando alguém for pintar o muro dele ele vai ficar abalado também, foi um trabalho perdido, foi todo um tempo gasto, dinheiro. Porque o grafiteiro mesmo, ele próprio, na maioria das vezes, que sustenta seu trabalho, é um auto investimento. O grafiteiro também tem a necessidade de ver o trabalho dele por muito tempo. Mas a *pixação* ela tem essa carência maior por ela ser mais ousada, a trilha daquele *pixo* entre aspas que ta no beiral de uma casa com cerca elétrica, pega-ladrão e cachorro, ou no pico de uma casa, de um triplex no meio de uma avenida movimentada que há cinco anos que ta lá e resiste e teve toda uma dificuldade, é maior, é naturalmente que seja maior, porque o grafiteiro geralmente faz trabalho no baixo, mas acessível, que ele fala diretamente com o público, o público que olha pro muro. (Vampyro AC)

Nas palavras de Vampyro o *graffiti* demanda permanecer nas ruas por seu dispêndio de tempo e dinheiro, ao passo que a *pixação* tem maior carência por conta da sua dificuldade e perigo enfrentado. Particularmente, a necessidade de se legitimar sobre um território na *pixação* se choca com uma especificidade técnica: a efemeridade do material,

neste caso a tinta. Como se estabelece no imaginário social dos *pixadores* a construção de um desejo de permanência/eternidade face ao caráter efêmero da *pixação*?

Não tem sentido o *pixador* *pixar* e esquecer a *pixação* não, ele *pixa* porque ele quer ver a assinatura dele lá e a dos outros, quer ver quem ta se garantindo igual ele, por exemplo, tem cara se garantindo igual eu, o Cipó, o Falso, então eu ando e olho as *pixações*, eu quero ver quem ta se garantindo igual eu ou mais do que eu. (Surf SF)

Porque assim a gente se arrisca tanto, tanto faz o cara subir numa altura como ficar embaixo o risco é o mesmo, talvez até no *rodapé* o risco seja maior pela visibilidade ser maior também, né, a questão dum tiro, questão dum *pinote*, duma *pisa* e tal, se torna mais fácil. Ai assim a gente já passa tanto perigo assim pra poder *tacar* um nome aqui e passar dois, três meses e o nome sumir? Por esse motivo eu prefiro escolher, selecionar melhor os locais onde eu pego que é pros meus nomes durarem mais tempo, não a questão que vai ficar ali pra *galera* ver mais não. Até mesmo pra mim, eu passo aqui hoje e *taco* meu nome, se eu passar daqui a um ano e meu nome tiver lá eu vou lembrar “pô foi tal dia, tava eu e fulano, essa saída foi massa, é... o meu nome ali ainda tá e tal”, pra mim é prazeroso e gratificante isso ai. (Pirado GDR)

Porque que vocês quando fazem um *xarpi* querem que ele fique pra sempre no muro?

Que ele quer que fique lá pra quando você passar ver sempre ali no muro, e às vezes tem canto que você pega que você não pode mais subir lá, que às vezes o dono bota uma cerca, às vezes bota um empecilho que tu não vai subir. Ai às vezes é um canto difícil e você quer que fique, não quer que a pessoa pinte, que apague, quer sempre ver seu nome... (Saimo VDM)

A ilegalidade da *pixação* relaciona-se com o desejo da permanência, a transgressão da norma envolve-se com o desafio de *pixar* que por sua vez cria no imaginário coletivo a valorização daqueles que superam as leis. O *pixador* é um herói às avessas seu feito é uma marca de superação que fica exposta na cidade, uma espécie de *ranking* dos vencedores de uma acirrada disputa. Essa competição está em constante acontecimento o que torna mais difícil ainda o desafio de manter-se *considerado*. A cada década identifica-se uma nova geração, deste modo, os *pixadores* se dedicam a “fazer seu nome” no tempo da sua história para que talvez um dia recebam as homenagens que os fazem *eterno*.

Fotografia 55 – “Esquina Memori”, av. da Universidade com Domingos Olímpio



Fonte: Vampyro AC (2014).

Legenda: Algumas pixações de finados, o ponto comercial se revela uma *CRIPTA* que só terá vigência na consciência dos que portam a cosmo-visão da pixação. [Grifo nosso]

Quem fica na memória de alguém não morre #xexeueterno. (Denisson Ferreira¹²⁸)

É DIFÍCIL ACREDITAR NA MORTE DAS PESSOAS QUE GOSTAMOS NA REAL NUNCA MORRE DENTRO DE NÓS. (Pirata RM¹²⁹)

¹²⁸ Postagem na comunidade *Xarpi no Extremo* dia 25 nov. 2014.

¹²⁹ Postagem na comunidade *Xarpi no Extremo* dia 25 nov. 2014.

Fotografia 56 – Homenagem à Master AC¹³⁰, Bairro José Walter



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Quería que tu falasse um pouco da ideia que vocês colocam no muro sobre os amigos falecidos, tipo “para Master, eterno”.

Assim, é o respeito que agente tem pela pessoa, não pelo *pixador*, primeiramente pela pessoa, né. E como ele era *pixador* que ele fique *eterno*, que *eternize o nome dele*, que ele sempre vai ser lembrado pela a *galera*, entendeu. É uma forma de respeito, eu vejo como uma forma de respeito. (Cromado GDR)

E porque geralmente quando o *pixador* falece os outros às vezes fazem a mesma *pixação* dele no muro?

É porque é uma pessoa que teve mais intimidade com ele, da própria *sigla*, né, tinha uma amizade mais forte ali com ele, né, e que gosta de mostrar sua idolatria por ele também. (Brasa GDR)

Olhar a cidade e se reconhecer escrito nos *xarpis* é esse jogo envolvente que faz da *pixação* algo maior do que o ato de riscar como pensa o senso comum. Não se trata apenas de por nomes sobre as superfícies, a *pixação* não se encerra após o ato de *pixar*, pelo

¹³⁰ Master AC foi homenageado na 7ª Mega Reunião de *Pixadores* de Fortaleza, no José Walter, em *pixações* dedicadas à ele, como na imagem. Por ocasião de sua morte no dia 29 de novembro de 2014, foi alterada a data da reunião para 07 de dezembro de 2014, também mudaram o título da mesma para 7ª Master Reunião *Pixadores* de Fortaleza; uma faixa no local com o título marcava essa homenagem, além de várias postagens nas redes sociais.

contrário, ela tende a reverberar por toda a cidade através dos próprios *pixadores* que carregam na memória o que a concretude dos muros não consegue eternizar.

Fotografia 57¹³¹ – “Tempo-denúncia”, Avenida Treze de Maio



Fonte: Arquivo pessoal (2014).

Quando você vê um muro com *pixação* assim anos 80 [imagem 57], nossa! *Pixação* há trinta anos atrás, nossa isso ai faz parte da história da cidade. A *pixação* já torna aquilo um... já ta tombado na *pixação*, vira uma *cripta* por muitos *pixadores* dos anos 80 já não existirem mais. Então aquilo passa a ser uma *cripta*, uma espécie de memorial, e também pra própria cidade porque faz parte da história da cidade querendo ou não. [...] Isso aqui, nossa isso aqui é uma raridade, isso aqui é coisa linda de se ver, que a influência estética do *pixo* nos anos 80 como ela veio do Rio, né, ta bem mais ascendente essa ideia da *pixação* carioca os traços arredondados, as nuances de formas. Já com os anos 90 a *pixação* foi ficando diferente, os traços foram ficando mais pontiagudos, existiram outros pioneiros estéticos, outras pessoas lançaram outras influências. (Vampyro AC)

Bom isso aqui é uma altura lá na Treze de Maio do Shock, do Bomba e de alguns outros GDR que eu não me lembro o nome. [...] Eu sou um cara que presto muita atenção onde eu vou *tacar* meu nome, então se eu ver que tem um nome ali do cara se apagando, um cara antigo eu não vou *tacar* por cima, porquê? Primeiramente se você for ver a história daquele *pixador*, aquele cara *pixou* há muitos anos atrás, hoje em dia ele tem família, tem filhos, hoje em dia ele não quer nem saber disso. Então, a marca desse cara aqui vai ta pra sempre na nossa memória e eu vou ganhar o quê com isso, indo lá e colocando a minha marca em cima da marca dele? Eu escolhi essa foto aqui porque essa são uma das poucas alturas que a galera ainda ta

¹³¹ Altura na Avenida Treze de Maio composta pelas *pixações* de Sicatriz VPC, Shock GDR, Buiu VPC e Solon VPC segundo informação de Fuga RM.

considerando os antigos. Que eu acho que é um ponto chave assim pra galera de hoje se tocar e ver que um dia eles também vão envelhecer, um dia o nome deles vai se apagar e um dia eles vão querer ser respeitados, ta entendendo? Então aquele negócio “ah ta se apagando, eu vou *tacar* por cima”, mas um dia o teu vai ta se apagando, ai vai vir outro e vai dizer assim “ah ta se apagando, eu vou *tacar* por cima” e você não vai gostar. (Roco SF)

[...] e aqui nessa *pixação* antiga, esse lance da influência estética arredondada e própria de cada um é muito vigente, cada um é bem diferente da outra. E a tinta que era feita era à base de óleo, então muitas *pixações* hoje que você vê que ta assim não era a cor dela, era preta, e aqui é a cor dela que já saiu e aqui é óleo, somente óleo. E hoje em dia isso não existe mais isso é uma virtude dos antigos. (Vampyro AC)

A tinta spray *Coralit* é um material reverenciado e saudoso pelos *pixadores*, à base de óleo e destinada para pintura de automóveis, o contra-uso para a *pixação* lhe rendia um alto poder de fixação e durabilidade nos muros. Com esse produto os *pixadores* podiam ver seus *xarpis* durarem duas décadas ou mais, a *Coralit* azul del rey e preto Cadillac permitiu seus nomes tornarem-se relíquia na cidade.

Porque ela é uma tinta chamada *Coralit*, essa tinta ela, com certeza, era uma tinta preta aqui [imagem 57]. E por ela ser tão boa, de preto ela vai, ficou verde aqui, e aqui até... Dura muito tempo ainda pra sair, coisa que as tintas hoje em dia não tem essa qualidade da *Coralit*, entendeu, acho que as que chega mais próximo da qualidade da *Coralit* é a Colorgin. E a questão de você *pixar* o muro e querer que fique, como cê falou, pro resto da vida, *eterno*, isso num muro desse branco não vai acontecer, porque ou ele vai ser pintado, a tinta vai sair mais fácil, pelo fato da tinta cal ela mesmo sair do muro, com o tempo de chuva e vento, chuva e sol que vai pegando. Isso é mais fácil de acontecer nos muros de pedra, com a tinta boa, com spray bom, de marca boa, aí pode ser que ele dure um pouco mais, mas nada comparado com a qualidade da *Coralit*, entendeu, durava muito mais. Muitos e muitos anos aqui, melhor tinta que o *pixador* poderia comprar. (Cromado GDR)

Porque a *pixação* eu vou dizer, é uma relíquia viu? É uma relíquia, tem muito *pixador* ai que já morreu e ainda tem *pixação* dele... (Surf SF)

Se a tinta spray, hoje em dia, não ajuda na permanência dos *xarpis*, uma nova ferramenta foi incorporada a essa cultura, a internet, através dela as imagens e histórias da *pixação* e também do *graffiti* estão sendo recontadas e memorizadas. De início *blogs*, *fotologs*, *Orkut*, na atualidade, *Youtube* e *Facebook* são as redes sociais mais utilizadas para a comunicação das artes de rua, uma comunicação que nos anos 80 e 90 era local, hoje, é uma comunicação a nível mundial.

Em relação a esse tempo “90”, que praticamente não tinha internet ou estava começando a internet, como era comunicação, como era na tua época pra vocês se reunirem? Porque também não havia celular, né?

É, não tinha, a gente passava de um pro outro, de qualquer forma os terminais [de ônibus] era o centro de comunicação pra gente pra passar um pro outro, e o terminal do Siqueira era um dos que mais acolhia *pixadores* que passava por ele e o da Messejana. Então tudo que a gente escolhia, pensava, a gente “vai ter reunião tal dia” e passava pra todos lá dentro do terminal, boca a boca, encontrando e

espalhava, e dava certo entendeu, e dava certo esse termo de terminais, ia pra Messejana, Parangaba, era assim que eles se comunicava. (Brasa GDR)

Com um maior acesso à tecnologia o ato de *pixar*, na maioria dos sujeitos, está atrelado ao ato de fotografar. O *pixador* assim que encerra com o spray, ativa sua câmera e registra o momento, alguns são até mais ousados e se filmam durante a ação postando os vídeos livremente nas redes sociais.

Com a inclusão digital, com *Facebook* todo mundo voltando né, porque a *pixação* agora ganhou outra ferramenta, ta entendendo? Porque a *pixação* por ela ser uma intervenção efêmera, ela vai ser apagada um dia, uma hora ou outra ela vai ser apagada, então a única forma de documento são fotografias e filmagens. E com o *Facebook* as coisas ficam mais... é... tangíveis, ta entendendo? Porque ela vai circular, a *pixação* agora é digital, neguinho *pixa* um muro aqui bate uma foto, pô tu nem precisa sair de casa, mas tu vai ver aquele *pixo*. (Vampyro AC)

Mas essa inovação dentro da cultura do *xarpi* trouxe vantagens e desvantagens, ao passo que a fotografia permite uma memória daquele trabalho, a incessante ideia de fotografar e postar essas imagens acabam por transformar o ato de *pixar* em uma exibição online. Essa artificialidade dos praticantes é ironizada, assunto que já foi exposto no subcapítulo 3.3 “Representações e usos das linguagens urbanas: publicidade, *graffiti* e *pixações*”.

Imagem 58 – “Esqueci minha câmera”



Fonte: Comunidade Xarpi [Oficial] (2014)

A busca incessante da permanência vem justamente da ciência de saber que nada é para sempre, deste modo, a utilização em maior escala dos registros fotográficos tanto na *pixação* como no *graffiti* ajudaria a suprir a necessidade de uma permanência do trabalho.

Então eu acho que naturalmente há toda uma necessidade que aquele trabalho se perpetue, que seja vivido por outras gerações, ver nossa ousadia naquele nosso tempo. Porque muitos *pixadores* de hoje fazem coisas que há muito tempo atrás não

faziam, a ousadia ficou maior, ta entendendo? E pode ser que no futuro, quando a *pixação* entra em decadência, ela morra. Porque esses muros, esses beirais, essas fachadas, esses bicos essas intervenções mais fervorosas elas vão ser apagadas e isso serve de influência pra quem ta começando, pra quem ta no meio. Então se as pessoas não vão ver aqueles nomes lá pra eles a *pixação* não é aquilo, não existe aquilo, ta entendendo, então eles vão fazer só no que eles estão vendo, só nos muros. (Vampyro AC)

Não se esquecendo que as falas desses sujeitos constroem uma ideia constante do respeito a quem por direito tem legitimidade sobre o muro, na lei das ruas significa quem chegou primeiro. Parece que ir se apagando pelo tempo natural de vida da tinta é uma forma aceitável de se “morrer”, mas ser apagado de forma arbitrária e desrespeitosa é uma afronta sem perdão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nasceu do olhar sobre as paisagens urbanas de Fortaleza, mais especificamente de muros e equipamentos urbanos no bairro Benfica. Um olhar observador que se deleita pelas linguagens nas ruas e capta os entremeios dessas diferentes comunicações. Das linguagens que fazem das paisagens um lugar de existência, a *pixação* e o *graffiti* são práticas habituais de contra-uso da cidade. Passíveis de qualquer acontecimento as artes de rua são efêmeras, se traduzem e se constroem pelo diálogo dos gestos, olhares, ações e pensamentos dos que freqüentam a cidade. Mesmo na situação de estar à deriva *pixação* e *graffiti* reivindicam uma permanência na cidade, interessadas na potência de visibilidade do urbano estas acabam competindo pelos espaços e assim se envolvendo em conflitos.

O recurso metodológico da fotografia foi fundamental para registrar os muros, reconhecer sujeitos, tecer discussões e viabilizar encontros. Nestes viu-se um diluir das fronteiras conceituais ao dar conta que alguns desses sujeitos são também produtores e pesquisadores da cultura do *xarpi*. Dessa forma, a prática antropológica da pesquisa desenvolveu aproximações, trocas e compartilhamentos.

O Benfica é reconhecido pelos interlocutores como o bairro *ibope* para as intervenções de *pixos* e *graffiti* por conta de sua visibilidade. O conceito de visibilidade empregado nesta pesquisa tem relação com a ação de se tornar visível, de ser visto, portanto, os espaços da cidade são esses lugares de visibilidade e isso também faz com que a publicidade se impregne no urbano a partir da lógica de fluxo e consumo do local.

As observações de campo resultaram na construção de um mapa dos pontos de *pixo* e *graffiti* no Benfica, a análise da imagem sugeriu uma cena de *pixação* mais intensa do que a cena do *graffiti*. A análise encontrada que justifica os inúmeros rabiscos na cidade é a forma de produção da *pixação*. Em formato de teia, a *pixação* envolve um maior número de sujeitos que se congregam e se comunicam através dos muros, além de construírem uma nova forma de poder que enaltece os mais *considerados* dentro dessa cultura. Os *graffiti* observados estavam deteriorados pela ação do tempo, datavam entre 2008 e 2012; esses dados trouxeram o questionamento de porque que novas pinturas não foram feitas? A resposta refletiu no fator econômico e em outros desdobramentos dessa prática, como os trabalhos comerciais. Muitos grafiteiros que iniciaram pintando nas ruas, hoje em dia, estão trabalhando em atividades cujo caminho traçado pelo *graffiti* os levou: encomendas de pinturas em geral,

escritórios de design, estúdio de tatuagem, oficinas em instituições públicas, dentre outras ocupações que possibilitem “tirar uma grana”.

Para compreender as relações tecidas entre *pixação* e *graffiti* trouxemos a história destas intervenções e analisamos como cada uma pratica o urbano. Ambas possuem uma mesma gênese, da representação de assinaturas em Nova Iorque na década de 70, mas os caminhos se bifurcaram a partir da institucionalização do *graffiti* como arte. Assim, no Brasil, a *pixação* seguiu sua essência contraventora; no entanto, o *graffiti* também cambia entre legal e ilegal, como quando faz *bomb*.

Pautados na história os interlocutores discursam para uma relação de amizade entre essas artes de rua, “somos irmãs de tinta”, “*graffiti* e *pixação* tem que andar lado a lado”, porém essas ideias se esbarram na forma de produzir de cada uma. Para fazer um *graffiti*, justifica o grafiteiro, seria necessário um maior espaço no muro e mais quantidade de tinta spray, em contrapartida o *pixador* reivindica espaço se justificando na ilegalidade, “a gente faz arriscando a nossa vida”. Essa diferenciação de produção choca-se nos muros revelando relações de atrito, como o *atropelo*, a *rasura* e a *cobertura*. Algumas exceções puderam ser vistas o que demonstrou momentos harmônicos entre *pixo* e *graffiti*, como no exemplo da *costura*.

Importa saber que a forma transgressiva desses jovens se expressarem os tornam sujeitos ativos nas relações de poder da vida social, eles transpõem uma postura passiva de “assistir a vida passar diante dos olhos” para ser um espectador emancipado. (Rancière, 2010) As artes de rua são dispositivos de poder (Foucault, 1979) que produzem cenas de dissenso (Rancière, 2009) que por sua vez embaralham as ordens de ver, produzir e estar no mundo.

Importa mais ainda saber que a classificação do *graffiti* como arte e da *pixação* como vandalismo é uma maneira institucionalizada e midiática de construir percepções sobre estas. Essas classificações *atropelam* os modos de ser grafiteiro ou ser *pixador*, *atropelam* o direito deles próprio significarem suas práticas, esse poder que vem de cima *joga* com esses sujeitos, colocando uns contra os outros.

Dessa maneira, este estudo tentou olhar para essas práticas de modo imparcial e despido de pré-noções, e essa é a maneira como sugerimos que olhem as ruas, “tapem os

ouvidos e abram os olhos”, a vida que se constrói nas micropolíticas é muito mais honesta e apaixonante do que o refinamento da vida ordinária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo. *In:* _____. **Nudez**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2010. p. 19-29.

_____. O homem de gosto e a dialética da dilaceração. *In:* _____. **O homem sem conteúdo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 35-56.

ARGAN, Giulio Carlo. O espaço visual da cidade. *In:* _____. **História da arte como história da cidade**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 225-241.

BARROSO, Francisco de Andrade. **O Benfica de ontem e de hoje**. Fortaleza: Editora LCR, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. Kool killer ou a insurreição pelos signos. **Revista Cine Olho**, São Paulo, n. 5/6, jun./ago. 1979. Disponível em: <https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=+Kool+Killer+ou+a+Insurrei%C3%A7%C3%A3o+Pelos+Signos&author=BAUDRILLARD+Jean.&publication_year=1976>. Acesso em: 20 dez. 2014.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996b.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. *In:* _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 17-58.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1996a.

BRASIL. Lei Federal nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 2 set. 1981. Seção I, v. 119, p. 16509, Fasc. 167. Disponível em: <<http://www.proamb.com.br/downloads/ft4vc0.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

_____. Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 13 fev. 1998. Seção I, v. 119, p.16509, Fasc. 167. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm>. Acesso em: 24 mar. 2015.

BRISSAC, Nelson. **Paisagens urbanas**. 3. ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.

CALDEIRA, Teresa. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 94, p. 31-67, 2012.

CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. **Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano**. 2007. 510 f. Tese (Doutorado em Antropologia Visual) – Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

_____. **Porque pintamos a cidade?: uma abordagem etnográfica do graffiti urbano**. Lisboa: Fim de Século Edições, 2010.

_____. Identidade, imagem e representação na metrópole. *In*: _____. **Um cidade de imagens**. Produções e consumos visuais em meio urbano. Lisboa: Mundos Sociais, 2011. p.15-30.

_____. **Introdução à cultura visual: abordagens e metodologias em Ciências Sociais**. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2013.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

_____. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos da metrópole**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. *In*: DURHAM, Eunice *et al.* **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 95-105.

CHAGAS, Juliana Almeida. **Imagens e narrativas: a cultura nômade dos pixadores de Fortaleza**. 2012. 87f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpus juvenis: o tatame, o jogo e o baile**. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. **Signos urbanos juvenis: rotas da piXação no ciberespaço**. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 22, n. 22, p. 45-61, jan./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47026>>. Acesso em: 4 set. 2014.

DIÓGENES, Glória; HIGINO, Aparecida. **Antropofagia e o destino das imagens: um banquete entre Grud e Rancière**. Fortaleza, 2014. Texto utilizado em sala na disciplina “Sociologia Urbana” ofertada para a Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, em 2014.1, ministrada pela Prof^a Glória Diógenes.

FARIAS, Talden Queiroz. Publicidade e propaganda no código de defesa do consumidor. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. 9, n. 28, abr. 2006. Disponível em:

<http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1082>. Acesso em: 10 ago. 2014.

FARIAS, Carla Galvão. **Arte urbana: um passeio enativo com Acidum**. Fortaleza, 2014. Proposta de Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, como parte integrante do Exame Qualificação, Fortaleza, 2014.

FEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

_____. **Leituras sem palavras**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FERREIRA, Jordan Bruno Oliveira. **Não, não sou quem eu represento: notas sobre a escrita de si**. Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2013. Artigo Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/jordanbruno/notas-sobre-a-escrita-de-si>>. Acesso em: 29 dez. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANCO, Sérgio Miguel. Deriva contemporânea...: memória para quem? *In: DERIVAS E MEMÓRIAS CONTEMPORÂNEAS NA PIXAÇÃO*, 1., 2013, Salvador. **Palestras...** Salvador: UFBA, 2013.

FUGANTI, Luiz. Criação de si como obra de arte. *In: ESCOLA NÔMADE DE FILOSOFIA*, 1., 2013, Uberlândia. **Palestras...** Uberlândia: UFU, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8jMcywa-HUE>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. A entrevista. *In: _____*. **Métodos em pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 237-268.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Rouch compartilhado: premonições e provocações para uma antropologia contemporânea. **Iuminuras**, Porto Alegre, v.14, n.32, p. 113-122, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/37743/pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

LASSALA, Gustavo. **Pichação não é pixação**. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.

MAGNANI, José Guilherme C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov. 2005.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. *In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lílian de Lucca. (Orgs.). Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo: EDUSP; Fapesp, 2008. p. 12-53.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In: _____*. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974. v. 2.

MOLES, Abraham. **O cartaz**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

OLIVEIRA, Ana Karina de Carvalho; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Cenas de dissenso e processos de subjetivação política na poética enunciativa das pixações. **Líbero**, São Paulo, v. 17, n. 33A, p. 71-84, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/08/08-Ana-e-Angela.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

PAIS, José Machado. Traços falantes : a cultura dos jovens graffifers. *In*: _____. **Traços e riscos de vida**. Lisboa: Ambar, 2000.

_____. **Nos rastros da solidão**: deambulações sociológicas. Porto: Âmbar, 2006.

PALLAMIN, V. M. **Arte urbana**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

PENNACHIN, Deborah Lopes. Signos subversivos: das significações de *graffiti* e pichação. Metrôpoles contemporâneas como miríades sígnicas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/114953502668582838768987458002518756998.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

PEREIRA, Aleksandra Previtalli Furquim. **O Benfica dos grafites nos anos 2000**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. **Lugares no bairro**: uma etnografia no Benfica. 2008. 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

_____. **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org: Editora 34, 2009. 72 p.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. **Revista Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, n. 51, p. 1-19, 2002.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SANTIAGO, Naigleison Ferreira. **Gangues da madrugada**: práticas culturais e educativas dos pichadores de Fortaleza nas décadas de 1980 e 1990. 2011. 96 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SILVA, Lara Denise Oliveira. **De olho nos muros**: itinerários do *graffiti* em Fortaleza. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à ‘regeneração’ urbana como estratégia urbana global. *In*: BIDOUE-ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de ‘revitalização’ dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. p. 59-87.

SOUSA FILHO, Alípio de. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUSA FILHO, Alípio de. (Org.). **Cartografia de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 13-26.

SPINELLI, Luciano. Pichação e comunicação: um código sem regra. **Logos: Comunicação & Universidade**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 26, 1º sem. 2007. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/26/LOGOS_N26.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária, Comissão de Normalização. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2013.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. **“Quem é de Benfica”**: o bairro como lugar da sociabilidade e espaço das práticas de resistência. 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1999.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: _____. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 121-132.

VIANA, Waldiane Sampaio. **Manifestações homofóbicas em espaços públicos**: praças da Gentilândia em Fortaleza. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

WAINER, João. **A escrita dos invisíveis**. [S.l.], 2009. Disponível em: <<http://joaowainer.wordpress.com/2009/09/06/a-escrita-dos-invisiveis/>>. Acesso em: 8 maio 2014.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. *In*: DURHAM, Eunice *et al.* **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 107-125.

GLOSSÁRIO

- **Acender o nome** (p.124): avivar a tinta do xarpi, restaurar um *xarpi* de forma a riscar novamente sobre ele.
- **Área** (p.51): lugar de pertencimento de grupo de pessoas, no sentido de prática do espaço, ou pessoas de uma mesma região, bairro. Ex. “o cara é das área”, “essa é minha área”.
- **Arrebeitar** (p.83): fazer sucesso, se garantir.
- **Atropelo** (p.17): termo nativo utilizado por *pixadores* e grafiteiros, é uma situação que acontece nos muros quando uma linguagem urbana é construída sobre outra, visivelmente pode-se ver a intercessão das grafias que se sobrepõem.
- **Avacalhar** (p.71): esculhambar, denegrir.
- **Bem bolado** (p.116): algo bem feito.
- **Bomb** (p.86): estilo de *graffiti* feito sem autorização. “*Graffiti* de natureza ilegal”. (CAMPOS, 2010, p.299)
- **Brother** (p.78): amigo, companheiro.
- **Cabeça** (p.83): líder de uma *galera* de *pixação*.
- **Caga o muro** (p.114): estragar o muro, deixá-lo feio.
- **Cana** (p.96): policial militar.
- **Cara de madeira** (p.104): cara de pau.
- **Chapar o muro** (p.107): pintura de base para produção de *graffiti*. Pintar o muro por completo apagando qualquer intervenção anterior.
- **Cobrar** (p.92): significa tomar satisfação por um acontecimento desagradável ou, também, de uma forma menos argumentativa, “dar o troco”.
- **Cobrir** (p.84) ou **cobertura** (p.94): colocar por cima, preencher com tinta.
- **Colar com sicrano** (p.86): sair junto com alguém.
- **Consideração** (p.83): respeito.
- **Considerado** (p.69): termo nativo freqüentemente utilizado significa ser reconhecido como importante na cultura da *pixação* ou por antiguidade na prática ou pelo seu desempenho de possuir um grande número de *xarpis* pela cidade. Também simboliza um *pixador* ou grafiteiro respeitado.

- **Costura** (p.95): *costurar, anexar* é uma situação de respeito à linguagem já existente no muro, a *costura* agrega duas intervenções sem que haja *atropelo*.
- **Crew** (p.31): grupo de grafiteiros que pinta em conjunto, formando uma equipe que adota uma sigla que a identifica no meio.
- **Coralit** (p.130): tinta famosa no meio da *pixação* pelo seu alto poder de fixação e durabilidade, fora de fabricação. Suas cores prediletas pelos *pixadores* eram o azul del rey e o preto Cadillac
- **Cria do mesmo bagulho** (p.99): sujeitos de mesma origem ou prática.
- **Cripta** (p.127): espécie de memorial das *pixações*.
- **Cromada** (p.109): cor de tinta bastante utilizada pelos *pixadores*, pois contrasta com fundo escuro e reflete a incidência de luz.
- **Crowdiado** (p.114): de origem na palavra inglesa *crowd* que significa multidão. Neste caso, um muro crowdiado é um muro cheio, lotado de *xarpis*.
- **Dar o troco** (p.17): expressão nativa que significa uma troca de ofensas entre dois sujeitos. O sujeito que se sentiu prejudicado seja por agressão, dano ou insulto pratica um ato de mesma natureza contra o sujeito que outrora o atingiu.
- **Dedicatória** (p.83): o mesmo que *oferecer*.
- **Detonado** (p.120): destruído, estragado.
- **Embolado** (p.115): tipo de caligrafia do *xarpi* carioca que influenciou o alfabeto do *xarpi* de Fortaleza. Letras curvilíneas e sobrepostas.
- **Escancarando** (p.83): arrebentar, extrapolar, se garantir, ser muito bom numa prática.
- **Essência** (p.90): âmago, cerne, fundamento. Neste caso, *essência da pixação* significa as regras, simbologias e relações que perfazem a vivência dessa cultura.
- **Estêncil** (p.26): técnica de arte urbana muito utilizada pela precisão e rapidez de produção, são máscaras vazadas, de plástico vinil ou papel cartão, onde a tinta *spray* preenche esse vazio, formando o desenho, símbolo ou palavra no muro.

- **Eterno** (p.122): expressão escrita nos muros para homenagear um *pixador* falecido. Desejo simbólico dos *pixadores* se eternizarem na cultura através dos seus *xarpiis*.
- **Fazer presença** (p.96): atitude de respeito no muro. No caso, Edu RAM não só considerou as *pixações* como fez uma pintura que envolvia os *pixos*.
- **Fazer um corre** (p.92): fazer um trabalho, pintar na rua.
- **Finta** (p.91) ou **Fita** (p.99): “*estar na finta*”: pessoa que está presente na cena, participando de algo.
- **Foda** (p.20): difícil, complicado.
- **Freelancer** (p.88): profissional autônomo.
- **Furo** (p.92): conflito, problema.
- **Galera** (p.33): grupo de *pixadores* que *pixam* em sob a alcunha de uma sigla. Sinônimos: sigla, família ou gangue de *pixação*.
- **Guerra de tinta** (p.100): situação conflituosa que envolve as artes de rua.
- **Ibope** (p.51): Termo utilizado por *pixadores* e grafiteiros para significar algo que promove fama, sucesso, prestígio. Muro ou estrutura física valorizado para a prática de *pixação* ou *graffiti*.
- **Inaugurar um espaço** (p.102): ser o primeiro a pintar no muro.
- **Lambe-lambe** (p.26): o cartaz *lambe-lambe* também conhecido por pôster *lambe-lambe* (em sua utilização artística) tem em sua singularidade o emprego da cola ou grude (cola artesanal). O cartaz pode ser feito de maneira seriada quando do uso de fotocopiadoras ou serigrafia, ou artesanalmente. É uma linguagem popularmente utilizada pela publicidade e pela arte urbana.
- **Lançar a parada** (p.50): o sentido empregado na fala de Edu RAM é de “pintar o *graffiti*”.
- **Letreiro** (p.114): tipo caligráfico da *pixação*, as letras são escritas em caixa alta e separadas, como em um letreiro de publicidade.
- **Macho** (p.123): termo típico cearense de se referir a um homem.
- **Mancada** (p.99): erro, vacilo.

- **Massa** (p.83): muito bom, muito legal.
- **Mural** (p.25) / **Murais** (p.56): muros preenchidos por *graffiti*.
- **Oferecimento** (p.83) / **Oferecer** (p.107): dedicar o *xarpi* ou *graffiti* para alguém ou um grupo, é simbolizado com o “P/” no muro.
- **Old school** (p.94): termo utilizado pelos grafiteiros para simbolizar a vanguarda do *graffiti*, os pioneiros nesta prática urbana.
- **Pagar o pato, leva o pato** (p.106): levar a culpa de alguma coisa que não cometeu.
- **Paia** (p.113): coisa sem graça, sem valor, mal feita, ruim.
- **Pdc** (p.113): abreviatura de *pode crer*, frase de afirmação.
- **Permanente** (p.77): muro de pedra. É dado esse termo porque o *xarpi* feito nesses muros tem tendência a durar mais tempo porque geralmente não são pintados.
- **Pinote** (p.126): situação difícil, encrenca.
- **Pirangagem** (p.105): algo feito por pirangueiro, pirangueiro é um sujeito insignificante, píffio.
- **Pisa** (p.126): surra.
- **Pixador de corpo e alma** (p.71): aquele que tem o sentido do jogo da *pixação*, que conhece a história que possui a *essência*.
- **Plota** (p.104): de plotagem, impressão de larga escala.
- **Point** (p.50): local de encontro de um determinado grupo de pessoas, neste caso, o *point* dos *pixadores* era a Praça da Gentilândia.
- **Rabeta** (p.116): adereço estético ao *xarpi*. Como um rabo, é um traçado que sai do *xarpi* e segue para baixo.
- **Ranço** (p.26): mal estar.
- **Rasura** (p.90): sinônimo de *atropelar*. Também a *rasura* é identificada como um X por cima do *pixo* ou do *graffiti*.

- **Renovar** (p.123): tornar novo, restaurar.
- **Réu** (p.84): abreviação de reunião, neste caso *réu de pixadores*.
- **Risco** ou **riscar** (p.66): *pixar*.
- **Rochedo** (p.65): “De rocha”, “rochedo” ou “roxedo” é uma expressão oral e gráfica (CHAGAS, 2012, p.58) utilizada por vários jovens em Fortaleza, não necessariamente *pixadores*. É uma expressão de exaltação como algo muito bom ou “massa”. O termo também aparece abreviado como “*rxd*”.
- **Rodapé** (p.126): muro baixo.
- **Rolê** (p.85): saída para riscar ou pintar.
- **Sigla** (p.33): o mesmo de *galera*.
- **Sticker** (p.18): adesivo de pequeno tamanho contendo desenhos, símbolos ou palavras. Podem ser feito manualmente ou através de impressão gráfica. Corresponde a uma das técnicas de arte urbana.
- **Subsigla** (p.116): iniciais de um lema ou mensagem, é comum a subsigla ser uma mensagem criada a partir da repetição de letras, como: 3T “Tinta Todo Tempo” e 3M “Mel, Mulher e Motel”.
- **Sufoco/sufoca** (p.113): ato de *tacar* outro *xarpi* num espaço muito pequeno, resultando em um visual espremido, desorganizado.
- **Tacar** (p.79): jogar, lançar.
- **Tag** (p.61): nomenclatura americana do glossário da cultura *graffiti* que significa o pseudônimo do *writer* ou assinatura. A equivalência desse termo no Brasil é *pixação*.
- **Tag reto** (p.115): nome dado a caligrafia do *xarpi* de São Paulo.
- **Tamos kit** (p.121): expressão que marca um acerto de contas.
- **Trampo** (p.52): trabalho ou resultado do trabalho como, por exemplo, o *trampo* do grafiteiro é o *graffiti* e o *trampo* do *pixador* é a *pixação*.
- **Tmj** (p.113): abreviatura de *tamo junto*, expressão dita por companheiros de um mesmo grupo ou cúmplices de uma situação afim.

- **Treta** (p.98): problema, confusão.
- **Trombar** (p.107): encontrar, bater de frente, chocar-se, esbarrar.
- **Vacilo** (p.17): termo coloquial muito utilizada pelos jovens cearenses, significando que o sujeito cometeu um erro ou “deu bobeira”.
- **Vybe/vyber** (p.20): termo do inglês utilizado de maneira informal, “a vibe de uma pessoa é a vibração ou sensação que uma certa pessoa transmite, como uma espécie de aura. Essa vibe é refletida nas atitudes da pessoa em questão”. (Disponível em: <<http://www.significados.com.br/vibe/>> Acesso em: 30 mar. 2015.)
- **Wild Style** (p.92): “ou estilo selvagem cuja característica principal é a intersecção das letras e o uso de setas. O resultado é algo indecifrável para quem é leigo no *graffiti*.” (SILVA, 2013)
- **Writer** (p.60): “É alguém que pinta a aerossol, de acordo com uma série de regras e convenções do *graffiti* de tradição hip hop.” (CAMPOS, 2010, p.26)
- **Xarpi** (p.16): *Xarpi* ou foneticamente *xarpi* deriva da palavra *pixação* e simboliza o pseudônimo ou assinatura do *pixador*. Resulta de um dialeto de *pixador* criado no bairro do Catete no Rio de Janeiro e difundido para outras capitais do Brasil, como Fortaleza. Consta em separar as palavras por sílabas e agrupá-las de trás pra frente. A inversão das sílabas era utilizada como código para viabilizar uma comunicação segura entre os eles, como por exemplo, “cialipo” significava polícia e “jousu” significa sujou.

APÊNDICE A - Diário de campo: 06 de janeiro de 2013

Evento – 4ª Mega Reunião de Pixadores de Fortaleza na Praça da Cidade dos Funcionários

Pelo Facebook na comunidade *Xarpi no Extremo* através de postagem fiquei sabendo que iria acontecer a 4ª Mega Reunião de Pixadores, perguntei *inbox* a um dos organizadores, Galo UG, se eu poderia ir, expliquei um pouco que era estudante da UFC e que gostaria de conversar com alguns pixadores, ele foi super solícito e disse que não tinha problema que quando eu chegasse lá procurasse por ele ou por Smith TDE, também organizador do evento.

Cheguei por volta das 16hs, estacionei na praça mesmo, que é bem grande, de longe vi vários jovens, fui me aproximando e reconheci Galo que me cumprimentou, perguntei se podia entrevistá-lo e de pronto ele disse que sim, sentamos ali no banco enquanto eu aplicava meu questionário. Muitos jovens se aproximavam pedindo para Galo assinar suas agendas, ele pediu um tempo porque estava conversando comigo e disse que assinaria daqui a pouco. Conversamos tranqüilo e ele foi me indicando outros antigos pixadores que estavam por ali. Galo estava com um pixador ao lado que se intrometia nas respostas, foi um pouco frustrante nesse ponto, pois ele ouvia também a pergunta e acabava complementando ou respondendo no lugar de Galo.

Isso fez com que meu próximo entrevistado fosse ele próprio, Dengo UR, que já estava por ali. Depois me apresentaram o Onerip GDR, 39 anos, começou com 15, 16 anos e parou em 2000. Falou do estilo caligráfico de Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo. Fez muito amizade através da pixação. “A pixação é um intermédio de comunicação, conhecer as pessoas que você nunca viu na vida”. Foi uma entrevista muito boa.

Em seguida entrevistei Godo UR, 38 anos, que iniciou em 89, que me contou um pouco da sua história. Depois falei com Seco UR, que já era meu conhecido quando o encontrei na Reunião da GDR no Cuca da Barra em 04 de março de 2012. Pango SA e Faísca DG estavam todos ali por perto. Seco falou da importância das reuniões, importância de sua agenda e, também, sobre as dedicatórias aos pixadores falecidos.

Alguns pixadores mais novos chegaram próximo de mim e me perguntavam se ia sair na televisão, até ficaram interessado na minha pessoa como uma estratégia de visibilidade. Minhas próximas entrevistas foram com Skipe OS e Bison NP.

Pango SA estava próximo e me contou brevemente sobre um pixo que tacou na Base Aérea. Pango também conheci e entrevistei anteriormente na reunião da GDR em 2012.

Pango me apresentou a Faísca DG, iniciou em 87, gente finíssima, também citou a tinta Coralit, a mais querida dos pixadores por causa de sua duração. “A pixação se for liberada não presta, se for liberada eu paro de pixar”.

Depois falei com Pamonha MP, indicado pelos pixadores que estavam ali por perto. Já estava à noite e eu buscava saber de algumas mulheres pixadoras. Me aproximei de outros grupos e encontrei Silvia, esposa do Prata EM, que já tinha lido no Facebook seus depoimentos sobre a

prática do seu esposo, que era difícil de conviver e que ela realmente achava que pixar era um vício. Pedi que ela conversasse comigo e me desse sua opinião como alguém de fora da prática da pixação mas ao mesmo tempo próxima, as teias de influência do xarpi a partir da relação com seu esposo. Foi interessante ouvir seu depoimento a partir de seu estranhamento e ainda seu receio diante dessa prática por causa que agora Silvia e Prata tem um filho.

A partir daí fui conversar com Prata EM que estava ali ao lado, Prata tem 23 anos e iniciou na pixação desde os 15. Pedi que me contasse sobre sua história na pixação, Prata me relatou vários incidentes seus com pixação (quedas, fraturas), mas que não consegue mais parar de pixar não. Inclusive tem uma tatuagem no pé de sua galera EM. “O bagulho é doido”, “tá no sangue a tinta”. Fui fazendo minhas perguntas mas Prata não desenvolvia as respostas, então Silvia entrevistou dizendo “amor ela quer que tu explique pra ela o que é OH Os Humildes, ela quer que tu explique a diferença de galera pra galera”, ele retrucou “explicar como, mah?”, então rimos. Daí Silvia começou a me dar exemplos e me explicar. Quando Silvia me explicou sobre sigla e subsigla se referia a sigla OA “Os Azilados” e deu como exemplo Ághata TDA+OA, “tipo uma menina agora que ela é a primeira garota OA, que é a Ághata, ela tá com uma bonequinha [estética da pixação dela], ela é totalmente azilada, foi por isso que eles chamaram ela pra tacar OA”. Então voltei a fazer perguntas ao Prata.

Partindo daí perguntei por Ághata e Silvia me levou até ela nos apresentando. Ághata me contou um pouco de sua trajetória no xarpi, disse que inventou a bonequinha pq achava xarpi muito feio, disse que morava no Curió e que lá havia muito pixadores, “lá é um bairro que só tinha pixador, você não ser pixador era impossível”. TDA “Terroristas de Atitude” é uma sigla só de mulheres, com Morena, Meg, Danada, sendo a maioria do Curió. Não soube me dizer a quantidade de integrantes, “hoje em dia mulher é assim vai começar a tacar nome e para”. Continuamos a conversar, fiz outras perguntas do meu questionário, me comentou que sua família não sabe que ela pixa, tenta não divulgar nas redes sociais, ela possui um perfil só para usar entre as comunidades e perfis de pixadores.

Com a entrevista da Ághata encerrei minha ida à campo, saindo da pracinha umas 19:30h.

APÊNDICE B - Diário de campo: 04 de abril de 2013

Evento - Diálogos Juvenis no auditório das Ciências Sociais da UFC.

Evento super bacana proposto pela minha professora e orientadora Glória Diógenes através do Laboratório das Juventudes –LAJUS/UFC. Das 16h às 18h nos reunimos diante de um auditório quase lotado de alunos, pixadores, pesquisadores e interessados no assunto. Eu convidei para compor a mesa os pixadores Seco UR, Pango SA+GDR e Faísca DG e minha amiga pesquisadora de graffiti Lara Silva convidou os grafiteiros Qroz VDM e Saimo VDM.

Eu me apresentei brevemente falando do meu interesse sobre pixação e depois Lara fez o mesmo falando sobre sua pesquisa em graffiti, daí pedimos que cada um dos interlocutores das práticas falassem um pouco de sua história e trajetória.

Foi uma tarde/noite bem proveitosa, onde várias pessoas da platéia interviram com suas falas, experiências e perguntas, como Tubarão VTS, Mutreta e alunos da UFC.

Ao final tínhamos dois cartazes em branco para que ambos sujeitos grafiteiros e pixadores deixassem suas assinaturas, *tags*, *xarpis* e etc. Levei os cartazes para casa como parte da minha coleção de *tags*.

APÊNDICE C - Diário de campo: 10-18 de maio de 2013

Evento – Oficina “Arte de Rua” ministrada pelo grafiteiro Tubarão VTS no Cuca da Barra do Ceará.

Fiquei sabendo pelas redes sociais que meu amigo Tubarão VTS, que já foi pixador e há alguns anos é grafiteiro, irá ministrar essa oficina Arte de Rua no Cuca da Barra. Mesmo já passado o período de inscrições pedi a ele para eu ir assistir como ouvinte até porque soube que o público alvo era de pixadores.

No primeiro dia de curso, dia 10 uma sexta-feira, cheguei antes das 18hs no Cuca e logo mais o curso iniciou, Tubarão se apresentou disse que de 1997 a 1999 foi pixador e que o graffiti do Flip Jay, que hoje é DJ, foi o primeiro graffiti que ele viu em Fortaleza, na avenida Godofredo Maciel. Depois pediu que cada um se apresentasse e dali eu já prestava atenção nas falas, vi que tinha jovens pixadores e que já pixaram participando da oficina, me apresentei como participante de um grupo de arte urbana e também como curiosa e pesquisadora de pixação. Tubarão explicou os estilos de graffiti (*wild style*, *throw up*), falou da história do graffiti nova-iorquino, falou dos primeiros nomes (*writers*) nos EUA, década de 70, (T-Kid, Cope2, Phase 2, Tak 183, Seen, Futura) e dos primeiros nomes brasileiros na década de 80 (Os Gêmeos, Zezão, Speto, Binho, Tinho).

Disse que no Ceará o graffiti se iniciou em 1993 e os primeiros nomes foram (Flip Jay, Bobi, Del, Def, Piter, Selo e Fly), que o graffiti dessa época estava limitado à eventos de Hip Hop. Então os grupos que surgiram ligados a esse movimento foram MH2O e MCR “Movimento Cultura de Rua”.

Tubarão disse que de 1993 a 2006 o graffiti em Fortaleza se deu de forma lenta. Em 2006 Tubarão criou com Mils a VTS “Viciados em Tinta Spray”. Em 2007 foi organizado o 1º Encontro de Graffiti no Beco da Poeira, os convites se deram via telefone e Orkut, no total foram vinte e cinco pessoas, eles não tiveram apoio financeiro e nem autorização para pintar os muros, mas fizeram graffiti naquele dia. Infelizmente tive que sair mais cedo da aula por volta das 20hs, pois tinha um casamento para ir.

No dia 11 um sábado houve aula pela manhã mas eu não fui.

No dia 14 uma terça-feira houve aula à noite das 18:30 às 21:30h. Tubarão mostrou em lousa o alfabeto *throw-up* e pediu que nós copiássemos, depois deveríamos exercitar a caligrafia das letras escrevendo a palavra “amor” e colorindo-a. Essa aula foi prática e fez com que as pessoas se aproximassem pela troca de material. Eu conversei com alguns jovens e anotei informações sobre seus xarpis, alguns foram George (Xereta AB), Lucas (Mero FOX) e Daniel (Urso LDP).

No dia 15, uma quarta-feira, eu faltei a aula da oficina.

No dia 16, uma quinta-feira, fui para a aula. Tubarão passou um documentário sobre arte de rua chamado *Graffiti Wars* (2011) com duração de 47’, que pode ser encontrado no *Youtube*.

Comentou sobre King ADZ um diretor e produtor de vídeos sobre arte de rua como [“The Urban Cookbook”](#) (2008) e [“Blek Le Rat - Original Stencil Pioneer”](#) (2006).

Tubarão fez alguns discursos sobre que arte de rua é diferente de grafitar, para ele o graffiti é quando usa essencialmente a ferramenta do spray, uma visão tradicional da questão. Comentou que a tag no graffiti se assemelha à pixação. E partindo da discussão sobre o vídeo “Graffiti Wars”, ele tachou o artista Banksy como cópia.

No dia 17, uma sexta-feira, fui para a aula e foi bem interessante hoje porque Tubarão convidou dois pixadores antigos para falar sobre a história dessa cultura, um foi Fuga RM, que eu já conhecia, um interlocutor rico em narrativas e com bastante interesse em resgatar a história da pixação, Fuga produz vídeos de entrevistas com antigos pixadores de Fortaleza e disponibiliza os vídeos no *Youtube*. O outro convidado foi Pirata RM, que eu não conhecia, mas figura muito simpática com bastante conhecimento sobre essa prática e que é inclusive historiador. Pirata falou que a RM era uma galera que muitos queriam entrar, então eles adotaram como estratégia o número de letras do nome “Rebeldes da Madrugada”, 19 letras ou seja, a RM só poderia ter 19 membros. Segundo a fala de Fuga em Fortaleza não existia a pixação de letras emboladas como o pixo do Rio de Janeiro, a figura de Rape RM foi essencial para o início do processo, este viu que em Fortaleza só havia frases e palavras de protesto como “anarquia”, mensagens para namoradas e etc., ele então trouxe o desenvolvimento da cultura da pixação e onde tudo se iniciou foi na praça matriz da Messejana. “Foi como se fosse assim uma epidemia, num foi?”, Pirata complementa, “foi após a exibição do documento especial da Rede Manchete sobre pixação, quando foi lançado na televisão no início dos anos 90, pronto aquilo ali virou ‘febre’, uma boa parcela da juventude de Fortaleza começou a pixar, começou a se reunir em praças e começaram a aparecer várias pixações”. Eu gravei a narrativa deles que durou toda a aula, depois foi aberto um espaço de tempo para perguntas, também registrei em fotografia esse momento.

No dia 18, um sábado, foi o encerramento da oficina com a prática. Fomos para o Vila do Mar, calçadão à beira mar no lado oeste da cidade, nas proximidades do Cuca Barra do Ceará, numa praça pintamos as costas da arquibancada de uma quadra de futebol. Primeiro foi distribuído o material de rolinhos e tinta látex, preenchemos o muro na cor azul. Esse primeiro preparo do muro demorou bastante tempo, aproveitei o momento para fazer algumas entrevistas com os jovens participantes da oficina e que tinha relação com a pixação. Previamente no dia anterior elaborei um questionário para facilitar minha conversa com eles. E fiz uma rápida estatística entre o total de jovens, 11, e o número deles que pixam, 6. Dos seis que pixam entrevistei apenas quatro por uma questão de tempo e disponibilidade.

Após a preparação do muro fizemos rápidos exercícios de manuseio do spray como criar traços, bolas, triângulos e quadrados. Depois Tubarão escreveu com letras do alfabeto *bomb* a frase “Juventude Vila do Mar” e os integrantes da oficina se distribuíram nessas letras para pintá-las e fazer os detalhes de luz e sombra. Tubarão também recebeu ajuda dos seus amigos grafiteiros Mils e Vivi ambos da crew VTS, pessoas que eu também conhecia e que deram grande força no resultado do muro. Já era noite quando a atividade se encerrou, registrei em fotos o muro e os participantes, ao final cada um também pode levar os sprays remanescentes.

APÊNDICE D - Diário de campo: 20 de novembro de 2013

Evento – Festival Concreto, mesa redonda “Pixação: arte urbana ou vandalismo?”

Recebi o convite para essa mesa redonda da organização do Festival Internacional de Arte Urbana – CONCRETO que realizou aqui em Fortaleza durante os dias 15-23 de novembro muitas ações de arte urbana como pinturas, oficinas e discussões com a participação de grafiteiros de vários países. Ajudei Carmem de Lazari a compor a mesa convidando alguns pixadores, alguns confirmaram mais não foram, ao final tínhamos presente Seco UG e Pirata RM, que de surpresa também trouxeram o *considerado* Ameaça GDR. Junto conosco deveria ter estado Águeda Muniz, secretária do Meio Ambiente (SEUMA), mas esta faltou ao evento.

Preparei minha fala que discorreria sobre o tema “Pixação: arte urbana ou vandalismo?”, também levei um *pendrive* com imagens. O evento estava marcado para acontecer às 14:30h no auditório do Dragão do Mar, cheguei por lá e fui apresentada a Ameaça.

Iniciei minha apresentação contando sobre pixação através do meu olhar de pesquisadora, preparei nada menos que 7 páginas de fala, mas uma senhora na platéia recorrentemente me interrompia com perguntas, com isso veio a fala dos pixadores também e suas respostas, pois as indagações eram do tipo “porque vocês pixam? Qual a ideia de sujar a cidade? Porque não fazem graffiti?”. Não tinha como eu retomar minha fala e meus pensamentos, resolvi mostrar minhas imagens que narrariam minhas questões.

Seco também apresentou imagens de seus xarpis e enfatizou os pontos positivos que a pixação lhe trouxe como a técnica da escrita caligráfica, sendo ele hoje um cartazista de uma rede famosa de supermercados. A platéia também participou com perguntas, chegando a responder a própria senhora que teimava em marginalizar a pixação. Finalizamos o debate às 17hs pois ainda haveriam outras programações do evento Concreto.

Ao final Pirata sugeriu que fossemos comer uma pizza, então os levei até a lanchonete Trópicos no Jacarecanga onde eu, Pirata, Seco e Faísca (que estava na platéia) conversamos sobre pixação e as ideias de re/construir essa história, Pirata me contou do interesse em fazer um documentário, que já tinha um amigo que foi pixador, Ligado GU, que estaria fazendo um rap para o vídeo. Foi uma conversa bem agradável fechando um dia em progresso para meus estudos.

APÊNDICE E - Diário de campo: 08 de junho de 2014

Evento – 6ª Mega Reunião no Ginásio da Parangaba

A reunião estava marcada para às 15h, cheguei quase 16h, estou morando próximo, então isso foi muito favorável para minha presença. Chegando lá estava tendo um jogo de futsal, mas já haviam muitos pixadores que ocupavam a arquibancada, fui caminhando tentando avistar alguém conhecido, cumprimento Snow TB, Smith TDE.

Fiquei sentada observando a movimentação, você consegue reconhecer quando um pixador é *considerado* quando há vários outros ao seu redor esperando que suas agendas sejam assinadas. Pergunto quem é, e me dizem que é o Feroz SF, me aproximo e converso um pouco com ele sem gravar, diz pra mim que é da geração de 88. Dentre seus amigos ele me apresentou Seya SF do qual também ganho uma assinatura. Me falam do Spirro GDR como o *cabeça* da “Garotos de Rua”, vou falar com ele e o mesmo aceita que eu faça algumas perguntas, peço que a gente saia dali para um lugar mais tranqüilo, e vamos sentar do outro lado.

Spirro me conta sua história na pixação, as galeras da qual participou, percebo um certo receio na sua fala em me contar as histórias, diz que agora é evangélico e que já não pixa mais, fala de alguns problemas que podem envolver a pixação como as drogas, ao final assina meu diário de campo com seu xarpi, explicando as letras. Quando termina a entrevista a gente se cruza com Fuga RM, e eu peço aos dois para tirar um foto com eles, fico muito feliz e agradecida.

Volto para dentro do ginásio sem objetivos específicos, agora já não tem mais futsal e os pixadores ocupam além das arquibancadas a quadra. Faço algumas fotos, inclusive do teto do ginásio que está curiosamente pixado, alguém teve coragem de escalar a estrutura do teto para deixar sua xarpi no local mais alto do ginásio da Parangaba. Me cruzo ainda com Babaca GDR, Malina GG e Tatu SF, não os entrevisto, converso rapidamente sobre idade e quando iniciou no xarpi e recebo as assinaturas deles no meu caderno. Já é noitinha quando volto para casa.

APÊNDICE F - Diário de campo: 13 de julho de 2014

Evento – Caminhada pelo Benfica, 1º percurso.

Hoje acordei cedo por motivos pessoais, mas isso acabou incentivando minha saída cedo para fotografar o bairro Benfica local de minha pesquisa de campo. Saí de casa às 7:40 e antes das 8h já estava no Benfica, iniciei minhas fotos na av. dos Expedicionários, estacionei o carro na farmácia Pague Menos, como hoje é domingo, encontro-me com ruas tranqüilas, quase vazias de veículos. Tratei de vir com roupa bastante simples, chinelo e sem jóias, short de bolso para câmera, chave do carro e celular no máximo.

E iniciei olhando as paisagens, andando quarteirões vasculhando muros e identificando seus tipos de intervenções. Uma mulher na calçada me olha desconfiada, ela está abrindo o portão para um homem que tira o carro de dentro da casa. Nenhum problema, passo por eles e continuo a fotografar da calçada, ou do meio fio, sempre guardando a máquina no bolso do short antes de caminhar mais um pouco.

O carro continua lá na farmácia e eu ando pela av. Expedicionários até a 13 de maio, na pracinha do 23º Batalhão, atravesso a avenida, mais fotos, até que tomada pelo susto escuto alguém me chamar do carro, o sinal estava fechado e eu atravessava essa rua, ufa!, não era nenhum constrangimento, era um conhecido do trabalho. Continuo a caminhar até em frente ao IFCE, há bastantes fotos para tirar aqui, as lojas estão fechadas e a maioria de suas portas de ferro estão pixadas, resolvo voltar para o carro para trazê-lo para mais próximo.

Pego o carro mas resolvo seguir pelo caminho oposto, indo em direção à av. Eduardo Girão, mais fotos, aqui parecer ser mais intimidante, posto a olhar mais vezes antes de fotografar. A imagem da av. Eduardo Girão é degradante, é uma área abandonada onde vivem mendigos, mas no momento não os vi, só móveis velhos na calçada, muitos pixos e cartazes eleitorais, faço esse percurso dentro do carro e como o trânsito está tranqüilo tiro fotos de dentro dele pela janela.

Chego na rua Marechal Deodoro vejo também muitos pixos e resolvo estacionar mais a frente num mercadinho que estava aberto. Desço e faço muitas fotos até o estádio Presidente Vargas, mas resolvo voltar para o carro para levá-lo mais pra frente. Estaciono próximo a pracinha da Gentilândia e vejo que hoje é dia de feira isso torna minha estadia no campo muito mais agradável e comum, pois aos olhos dos outros pareço uma moradora do bairro, fotografo os muros do IFCE que são bastantes preenchidos por pinturas, graffiti, pixos e cartazes, mas não é um muro apreciável, essas intervenções estão velhas, sujas e desgastadas até encontrei uma intervenção minha de 2009 que fora feita junto com toda essa turma. Na calçada da praça sinto-me segura e empolgada, feliz de ter tido a coragem de sair de casa tão cedo num dia de domingo, vejo as pessoas e toda a movimentação da feira, me sinto tão bem que não tenho medo nesse momento de assalto, sigo andando até a av. 13 de maio e logo ali, nas pistas de skate, vários jovens praticam o esporte, nas rampas alguns graffiti do tema, bem como a frase “Ande de skate ou morra”. Paro para vê-los em suas manobras e fotografá-los, alguns percebem minha presença, mas minha ação acontece normalmente.

Chego a av. 13 de maio novamente e sigo para os muros da UFC local onde se renovam os graffiti e de bastante destaque pois são longos metros de pintura preenchidos por cores. Poucas pessoas nas ruas, algumas nas paradas de ônibus, caminho pelo estreito meio fio, hora fotografando à direita, ora à esquerda e sinto-me presenteada com o graffiti do meu amigo Doug, mas mais ainda com a pixação que não o atropela, e assim escreveu “Considerarei...”. Perfeito essa é uma das relações que eu procuro, graffiti e pixo em harmonia nos muros, cada qual com seu espaço.

Fotografo e antes de chegar na av. da Universidade prefiro voltar pro carro para levá-lo mais adiante, mas antes entro caminhando na rua Waldery Uchôa onde existe a outra praça do bairro, essa mais arborizada, por isso mais fechada e escura e concentra moradores de rua, isso me faz ter medo, mas vou caminhando devagar pelo seu entorno e decido entrar pois vejo bustos pixados que necessito fotografá-los. Os mendigos decidem se afastar e isso facilita para que eu cruze a praça e alcance a rua Paulino Nogueira, onde decido voltar para o carro.

Com o carro sigo para a Paulino Nogueira onde observo a Residência Universitária pixada em seu topo, graffiti na rua João Gentil, inclusive feito pelo meu grupo Selo Coletivo, e o graffiti do Grud que foi atropelado por uma placa que proíbe colocar lixo na calçada. Volto para Paulino Nogueira e chego a calçada de minha faculdade, o departamento de Ciências Sociais, que está nesse momento bem pixado, fotografo e percebendo que já fiz bastante fotos resolvo ligar para minha mãe para saber onde eles (pais) passarão o domingo. Pego o carro e estaciono na av. da universidade em frente a faculdade de História, saio caminhando nessa avenida que possui muitas placas e letreiros de publicidade, sinto um pouco de medo, não existe nenhum estabelecimento aberto no momento, na rua Juvenal Galeno onde existem graffiti e pixos, uma rua esquisita e ainda acontece de um casal passar por mim e a moça dizer “num instante roubam”, eu fiquei danada, pois já estava com medo e tomando bastante cuidado, olhando de um lado para o outro antes de fotografar e essa moça ainda me augora! Resolvo caminhar de volta para avenida e sigo com a câmera no bolso, até chegar num ponto onde o vigia me cumprimenta e vice-versa, eu falo o que estou falando e ele também fala do perigo, mas preciso continuar e entro na rua Senador Catunda para enfim fotografar na av. Carapinima.

Na Carapinima faço algumas fotos e com necessidade de ir ao banheiro resolvo entrar no shopping que mesmo já sendo depois das 10h ainda está fechado, talvez alguma relação com a final da Copa mais tarde, não sei. Sigo fotografando muitos estão na parada do ônibus e me olham. No muro da escola pública e da UFC muita poluição visual, muitos pixos, cartazes, trabalhos de arte colado, cartazes de banda de forró e etc. Caminho até a av. 13 de maio e fingindo pegar um ônibus olho os melhores ângulos para fotografar a paisagem das placas. Entro na rua Teresa Cristina que está bem vazia, onde se localiza as costas do shopping Benfica, resolvo dar a volta no quarteirão correndo, por medo, e chego novamente na rua Juvenal Galeno onde encontro também muitos pixos e placas de sinalização, resolvo aqui encerrar minha ida a campo retornando para av. da Universidade onde o carro está estacionado, são 10:40h.

APÊNDICE G - Diário de campo: 30 de agosto de 2014

Evento – “Limpeza Geral” no Benfica

Como esse ano é de eleições para presidente, senador e governador vemos uma mudança urbana na cidade, as ruas se enchem de papéis, faixas, bandeiras, pinturas e cartazes sobre candidatos a governo, principalmente no âmbito estadual. Diante disso o artista urbano Narcélio Grud tem a iniciativa de convocar a sociedade no geral a participar do evento Limpeza Geral, no dia 30 de agosto na Praça José Gentil com concentração marcada para às 9 horas.

A convocatória foi através das redes sociais, que dizia “Dia de apagar publicidade eleitoral das paredes da cidade de Fortaleza! Concentração na Praça da Gentilândia¹³², às 9:00h. Traga seu Pincel!”

Eu não podia perder um evento como esse, fui com minha mochila de praxe que carregava meus materiais de pesquisa: gravador, máquina fotográfica e diário de campo, mas hoje levei até meu pincel e uma lata de spray. Às 9h eu já estava por lá, ainda não havia uma concentração de pessoas, estava acontecendo uma feira alternativa de barraquinhas, algumas de venda de alimentos orgânicos, outras de produtos artesanais, ou de mel e, também, havia um casal que vendia bicicletas antigas que estavam ali expostas na sombra das mangueiras. Quando cheguei não consegui identificar onde estava o grupo Limpeza Geral, percebi que eu estava no horário, mas muitos integrantes chegaram depois, ficamos por ali sentados nos bancos, no aguardo do Grud que logo mais apareceu.

Por volta das 9:30h Grud reuniu os presentes, umas 35-40 pessoas, e explicou qual era a ideia do evento. Falou que já tinha tido trabalhos seus atropelados por esses estêncils políticos, que não havia respeito e que a ideia era intervir por cima dessas propagandas, apagá-las. Explicou que fez uns kit de tinta látex para cada um e que as pessoas ali se reunissem em grupos, que não precisava todos irem para o mesmo lugar, mas que os grupos seguissem em rotas diferentes porque haviam muitas propagandas ali pelo Benfica. “A ideia é dividir equipes e sair apagando geral, ocupando os espaços com cores”. Ele em particular iria para o viaduto da Aguanambi onde tinha um graffiti seu apagado pela propaganda política do candidato a governador Eunício. Depois da explicação geral ele pediu que aguardássemos mais um pouco por ali para ver se chegava mais gente, visto que no Facebook muitas pessoas, cerca de 100, confirmaram presença.

Então Grud sentou no mesmo banco que eu, nos cumprimentamos e ficamos ali conversando, uma repórter da Jangadeiro online (Tribuna do Ceará) se aproximou e pediu pra fazer algumas perguntas para Grud, então eu aproveitei esse momento para ligar meu gravador com a permissão dele e também participar da conversa, o artista Rafael Limaverde também se aproximou e comentou sobre a poluição visual na cidade.

¹³² Há um constante equívoco entre a identificação da Praça José Gentil e Praça da Feira da Gentilândia ou Praça da Gentilândia. Neste caso Grud se referiu a Praça da Gentilândia que dá para lateral do IFCE, porém o evento se concentrou na Praça José Gentil, entre as rua Waldery Uchôa e João Gentil.

Por volta das 10hs Grud chamou a turma, pois iria distribuir os kits de “dindin de tinta”, cada membro ali ganhou um sacola com uns 5 saquinhos de tinta de variadas cores. Depois os grupos foram se formando espontaneamente e eu resolvi seguir um grupo de 11 pessoas que eu não conhecia, mas fiquei com eles porque eles decidiram caminhar por dentro do Benfica, então estaria dentro do perímetro de minha pesquisa de campo.

Também peguei um kit de tinta, mas guardei em minha mochila, meu intuito ali era fazer registro em fotos da ação. Andamos pela avenida Treze de Maio alguns espirravam tinta nas paredes sem nenhuma inibição, outros chutavam cavaletes de propaganda política que estavam na calçada, achei a postura de alguns estranha, fiquei apreensiva e tentei andar um pouco afastada do grupo. Percorremos a av. da Universidade e entramos em ruas de menor movimento o que me deixou mais tranqüila, depois o grupo voltou para a mesma avenida e seguiu em direção à av. Domingos Olímpio, ao longo do trajeto muitos comércios, comitês de campanhas e esse grupo simplesmente espirrava tinta em tudo, sem nenhum receio, na frente das pessoas e no fluxo de pedestres e veículos.

Espirravam tinta nos estêncils, em adesivos de políticos nos muros, em pinturas de publicidade e até mesmo em carros estacionados que possuíam adesivo de campanha política. Isso foi me deixando mais tensa, eu não imaginava que a ação seria daquele jeito, eu não concordava com suas posturas. Me afastei do grupo e os observei de longe enquanto fazia fotos. Vi que logo após eles espicharem tintas nos muros, portões e etc. os comerciantes percebiam algo diferente e saiam para olhar, pensei “daqui à pouco vai acontecer um problema daqueles!”, mas até então não aconteceu nenhuma confusão pois o grupo caminhava rápido. Quando chegaram no final da av. da Universidade o grupo tomou o rumo da av. Domingos Olímpio e eu resolvi não mais acompanhá-los, voltei pela mesma avenida em direção ao carro que estava estacionado na praça José Gentil. Só os acompanhei por trinta minutos, pois vi que a situação ali não era tranqüila e poderia gerar muita confusão, saí até arrependida de não ter escolhido outro grupo, tomado outro rumo e quem sabe até ter feito uma intervenção também.

APÊNDICE H - Diário de campo: 25 de novembro de 2014

Evento – Caminhada pelo Benfica, 2º percurso.

Me programei, hoje, para retomar os percursos do meu campo de pesquisa no Benfica. Pensando sobre as sugestões da qualificação resolvi mapear o segundo percurso de meu mapa num dia da semana, portanto hoje terça-feira, em horário de grande fluxo de veículos e pedestres inicio minha caminhada no encontro da av. João Pessoa com av. da Universidade. Estaciono o carro na empresa de venda de veículos Saga, são 8 horas.

Caminho pela avenida da Universidade em sentido norte, sua paisagem é preenchida por comércios e alguns condomínios, vejo algumas pixações por ora diluídas em muros, noutras vezes concentradas em paredes e topos de prédios. Na calçada da escola de Ensino Fundamental uma caixa de energia com alguns estêncils coloridos. No muro lilás de um salão de beleza um xarpi azul feito com rolinho, uma exceção no frenético *modus operandi* dos xarpis. Esse xarpi também possui uma estética semelhante as pixações paulistas de tag reto, como não se assemelha com o xarpi cearense das letras emboladas, esse xarpi do tipo *letreiro* possibilita um melhor discernimento das letras de onde é possível ler “VAMPIRO”.

Afrente alguns quarteirões, do mesmo lado esquerdo, um sobrado que chama atenção pela manutenção da arquitetura da época, é o Recanto do Sagrado Coração uma instituição de irmãs vincentinas que abriga senhoras idosas, mas mesmo em bom estado e apresentando uma bonita pintura, seu topo apresenta inscrições de xarpi, lado a lado fechando a altura, o pixo também foi datado o que indica ter sido feito esse ano.

Na esquina com a rua Francisco Pinto o prédio do Conselho Regional de Contabilidade chama atenção por estar rodeado por pixos e mais ainda quando vemos em sua estrutura a seguinte mensagem pixada “Vem na trilha!” seguimos com os olhos sua altura e no topo encontramos xarpis prateados que recobrem a cerâmica marrom. Sigo caminhando pela rua Francisco Pinto por causa dos seus inúmeros pixos. Nessas ruas intermediárias o cenário muda de comercial à residencial, mas os pixos seguem em muros chapiscados, portões de ferro e muros de pedra. Entro à esquerda na rua Nossa Sra. Dos Remédios onde diminui o número de pixos, e depois na rua Paulino Nogueira onde decido fazer uma pausa na faculdade de Ciências Sociais da UFC para tomar água e usar o banheiro. Noutro momento em que fiz o primeiro registro de campo a rua Paulino Nogueira estava pixada, hoje esses muros da UFC estão pintados.

Sigo para av. Treze de Maio os muros da universidade aqui ainda não foram pintados, fotografo os pixos e caminho para as ruas que circulam o shopping Benfica, logo após o IBGE dois trabalhos de graffiti. Entro na rua Dom Jerônimo caracterizada por residências, alguns poucos pixos no caminho, ao final dessa rua que surpresa me deparar com um trabalho de graffiti que parece ser recente pela vivacidade das cores.

Chegando na av. Carapinima o muro dos fundos do MAUC/UFC ainda exibem antigos graffiti, alguns atropelados por pixos que seguem até o final do quarteirão. Do outro lado da Carapinima a estrutura de pedra que comporta o Hospital Psiquiátrico é território dos pixos que disputam espaço nesses muros *permanentes* como mesmo falam os pixadores. Sigo pela

Carapinima além do shopping Benfica para chegar a rua Senador Catunda que assim como a rua Dom Jerônimo limitam meu segundo percurso sobre o Benfica. São por volta de 10 horas quando paro no cruzamento da av. Carapinima com rua Juvenal Galeno em uma lanchonete para comer algo, aproveitando assim para rever minhas fotos na máquina, me informar sobre as ruas e me sentar para descansar e admirar a vida de uma das principais esquinas do bairro.

Após essa parada saio percorrendo as últimas ruas que restam para fechar meu percurso de campo, são elas rua Princesa Isabel, Tereza Cristina, Gil Amora, percebendo que percorri para além do mapa que tinha na dificuldade de achar a rua Senador Catunda. Em meio a residências resolvi pedir ajuda aos moradores que me informaram que eu estava na rua Luís de Miranda que é a mesma Senador Catunda e rua dos Pracinhas, pensei “estava explicado o meu estado confuso”.

Na então rua Senador Catunda com Padre Mororó um grande graffiti do coletivo paulista Alto Contraste. Caminho pela rua Dom Jerônimo novamente fazendo o percurso de volta ao carro que está estacionado no início da av. da Universidade. No retorno acabo circulando novamente por ruas intermediárias como a rua Adolfo Herbster e encontro um grande mural de pintura feito numa fachada antiga, não se trata de graffiti, mas uma pintura que mais parece uma ilustração infantil de algo relacionado a livros e música. São onze horas quando finalmente finalizo este percurso, sinto que foi mais agradável de fazer pois senti menos medo do que quando caminhei num domingo vazio, hoje me misturei entre as pessoas e seus percursos, apesar de não deixar de ser notada por pedestres e motoristas quando estou com a câmera em punho, me senti mais camuflada por entre essas ruas e avenidas, isso fez com que eu permanecesse mais tempo em campo, foi bem positivo!

APÊNDICE I - Diário de campo: 27 de novembro de 2014

Evento – Caminhada pelo Benfica, 3º percurso.

Devido a proximidade da data da próxima Mega Reunião de Pixadores que será dia 30 de novembro de 2014, resolvi ir novamente a campo para fechar o mapeamento do bairro Benfica com esse terceiro percurso. Como a última caminhada foi bem proveitosa no dia de semana, decido novamente ir em um dia útil.

Chego de carro por volta das 8hs e como estratégia cômoda e segura estaciono o carro na concessionária de carros Ceará Motor localizada na rua Barão do Rio Branco que não faz parte do meu percurso portanto caminho até a av. Domingos Olímpio para começar o mapeamento pela rua Senador Pompeu sentindo sul até chegar na av. Treze de Maio.

Hoje trouxe comigo mapas impressos a partir do programa Google Maps tendo como intuito marcar de caneta vermelha os pontos de pixos e de caneta azul os pontos de graffiti.

A rua Senador Pompeu possui um intenso fluxo de carros e ônibus e talvez por isso que apresenta muitos pixos, pois a escolha dos pixadores são por territórios com bastante visibilidade. Dois graffiti do tipo *wild style* diferenciam-se dentro os pixos na esquina com a rua Quintino Bocaiúva.

Diferente da av. da Universidade onde muitos pixos estão no alto das estruturas, aqui eles estão demarcando mais muros e portões talvez por uma ausência de sobrados. Apesar de haver alguns poucos condomínios nesse percurso não vejo pixos em seu topo. Do lado esquerdo da rua longos quarteirões compõe o Colégio Farias Brito que não possui nenhum de seus muros pixados isso se deve ao fato da vigilância de seguranças ao longo da calçada. Continuo a caminhada e em um muro de uma casa fechada um antigo graffiti do tipo *bomb* ainda pode ser visualizado.

Chegando na av. Treze de Maio caminho até chegar na rua Marechal Deodoro percorrendo-a até novamente chegar ao limite norte do meu mapa, na av. Domingos Olímpio. Essa rua possui menos fluxo de veículos mas médio fluxo de pedestres devido ali se concentrar um dos campus da UFC, cujo muro branco é um convite a xapis, pichações e cartazes.

Na interseção com a rua Juvenal Galeno ao lado direito a escola pública EEF Figueiredo Correia e o conhecido Bar Pitombeira, muitos pixos de ambos os lados. Do lado esquerdo o muro do campus de Humanidades 3 da UFC e residências também bastante pixado. Ao longo dos quarteirões na rua Marechal Deodoro muitas residências e os pixos percorrem essa paisagem mesmo em menor número.

Chegando novamente na av. Domingos Olímpio retorno pra “dentro” do bairro pela av. da Universidade até novamente encontrar a av. Treze de Maio, essa caminhada estilo ziguezague permite que eu percorra as principais avenidas que cortam o Benfica.

A av. da Universidade possui uma paisagem mesclada por arquiteturas antigas e novas, comércios e comitês políticos, pixos, estêncils, pichações de protesto, cartazes, faixas, stickers

políticos, placas de garagem, placas de sinalização, em resumo o universo das linguagens urbanas exceto pela ausência de graffiti. Mesmo o bonito prédio da FEAAC da UFC com sua arquitetura histórica não se livrou das inscrições de pixos.

Dobrei na rua Instituto do Ceará para chegar no último ponto do meu trajeto, a av. Carapinima, essa rua em particular foi bombardeada por pixos, estêncils, frases, poesias, lambe-lambes, fico curiosa em saber como tudo aconteceu. Sigo caminhando e chego na av. Carapinima sigo pela direita em sentido norte, pixos no alto do posto de gasolina, pixos nas casas e nas intermediações do ICA/UFC alguns graffiti em ambos os lados da avenida. Resolvo fazer uma parada rápida no ICA para tomar água e ir ao banheiro.

Já são 11:20hs e eu termino minha caminhada na av. Domingos Olímpio até retornar para o carro, porém no caminho encontro um senhor pintando um mural na rua Quintino Bocaiúva, local onde iniciei esse terceiro percurso e que mais cedo só haviam pixos. O muro da de frente a várias oficinas de carro, esse senhor, pintor de paredes, está iniciando uma pintura publicitária de mais de 3 metros de comprimento. Decido parar um pouco para tentar conversar com ele. Ele está um pouco desconfiado e pergunta se eu sou da Prefeitura. Faço algumas perguntas sobre a autorização do muro, sobre o que ele pensa do pixo e do graffiti, sobre sua atividade de pintor de rua. Ele me explica que financeiramente só vive dessa atividade, que iniciou em 1993. Citou alguns momentos em que teve problema pra pintar por causa de morador e com isso opinou dizendo que nosso país é covarde pois não ajuda quem quer trabalhar. Ele não pediu autorização, mas justifica que o muro estava pixado e que o pessoal das oficinas em frente foram legais com ele e disseram que não tinha problema. Ele estava fazendo a publicidade de uma Auto Escola e que já é cliente deles há vários anos, disse que recebe o pagamento depois que pinta, ele fotografa e volta no estabelecimento comercial para receber o dinheiro.

Tirei algumas fotos e esperei que ele demarcasse as linhas da pintura, técnica interessante que ele faz utilizando prego, cordão e pó xadrez vermelho. Para ele ficar mais seguro fui me apresentando dizendo que estava mapeando os pixos, graffiti e publicidade no bairro, mostrei meus mapas riscados. Falei também que pintava na rua, que tinha um grupo de arte urbana, elogiei sua técnica do cordão com pó xadrez. Já eram 12h20 e estava muito quente, resolvi me despedir e agradecê-lo, acho que no final da conversa estava mais seguro pois até me deu seu telefone e nome caso eu precisasse de seus serviços.

Encerro essa caminhada bem contente pois foi uma manhã proveitosa e sem maiores problemas, realmente fazer registros em dia da semana acompanhando a rotina das pessoas é melhor e mais seguro do que fazer essa caminhada por ruas desertas e comércios fechados nos dias de domingo.

APÊNDICE J - Diário de campo: 07 de dezembro de 2014

Evento – 7ª Master Reunião no José Walter

Devido a morte do pixador Master AC no último dia 29 de novembro, o 7º Encontro de Pixadores que reúne todas as siglas foi transferido para o dia de hoje sendo no mesmo local Lagoa do Oitavo, próximo do 8º Distrito Policial no José Walter, às 15hs.

Cheguei por volta das 16hs, dá para saber que se está chegando numa réu de pixadores quando se avista de longe dezenas de jovens. O local é numa das avenidas principais do bairro, de um lado comércio de outro a lagoa, um campo de futebol e um espaço ao redor da lagoa com um bar. Ao chegar percorri com os olhos todos aqueles jovens em sua maioria homens tentando identificar os pixadores que eu já conheço, de início vejo e cumprimento Saimo VDM que é um híbrido de pixador e grafiteiro, levo meu diário de campo onde anotei alguns nomes que eu gostaria de entrevistar, pergunto ao Saimo se alguns destes estão aqui e ele afirma negativamente que ainda não.

Do outro lado da avenida identifico os organizadores da reunião são eles: Victor Rocha (Smith TDE), Davi Favela, Galo EG, atravesso a rua e vou lá falar com eles. Converso um pouco com Davi inclusive mostrando minhas fotografias onde tem um graffiti seu na av. Carapinima atropelado por xarpis, sem gravar, ele me diz que não liga pra isso que seu foco agora é seu trabalho de graffiti com os presidiários do IPPO e seu trabalho na rádio universitária com o programa de hip hop “Se Liga”, o que faria inclusive que ele não ficasse muito tempo na reunião pois iria mais tarde gravar o programa na rádio. Eles depois amarraram no alambrado da quadra de futebol uma faixa da 7ª Master Reunião, que é uma homenagem ao finado pixador Master AC, a reunião antes se chamaria de 7ª Mega Reunião.

Fico por ali aguardando Vampyro AC chegar, pois já havíamos falado no Facebook e marcado pra conversarmos nessa reunião, me sento e ligo pra ele, ele diz que chegará em 30 minutos. Mostro minhas imagens ao Galo EG e outros pixadores se aproximam para ver também, eles comentam a cada foto, dizendo “olha aqui fulano”, “massa essa altura” e etc. fico atenta suas palavras e cada vez que eles identificam os xarpis eu peço para escrever atrás da foto a identificação e aproveito para perguntar se tal pixador se encontra na reunião. Foi desta maneira que se iniciou meu encontro com Brasa GDR, a primeira entrevista que fiz nessa reunião.

Nos sentamos próximo a parada de ônibus, afastados da multidão para melhor conversarmos. Foi uma conversa muito agradável, ao contar sua história na pixação enfatizou que não era vagabundo que tinha três empregos, inclusive que trabalha no R.U. “Restaurante Universitário” da UECE, e quando eu disse que morava próximo me convidou para almoçar lá, que quando eu fosse lá perguntasse pelo Edson. A entrevista foi interrompida porque avistamos na esquina uma viatura do Ronda e vimos os organizadores indo lá falar com os policiais, ficamos olhando para saber no que ia dar e ouvimos comentários de que a galera não era pra se concentrar ali que a reunião era dentro da quadra de futebol, o que acabou fazendo com que muitos jovens que estavam concentrados na esquina da avenida saíssem de lá e fossem para a quadra.

Brasa GDR me apresentou um antigo da GDR, é o Cromado GDR, e sentamos no mesmo banco para eu entrevistá-lo. Cromado tem 32 anos e iniciou na pixação em 1994.

Reencontrei o Faísca DG que inclusive foi meu convidado para ir na UFC participar do evento “Diálogos Juvenis”, perguntei sobre alguns nomes que eu gostaria de conversar, como o Surf SF muito presente nas fotos que fiz no Benfica e ele me explicou que Surf não viria, que não andava em reuniões, mas que amanhã ele iria passar no trabalho dele e falaria com ele sobre esse assunto. Então eu peguei o número do celular do Faísca e fiquei de ligar para ele amanhã às 15h30 para saber da possibilidade de encontrar Surf SF.

Já está de noite, consegui identificar de longe Pirado GDR, pixador antigo e muito presente no Facebook em seus comentários, Cromado me apresentou a ele e o mesmo topou conversar comigo. Tive que esperar um pouco pois haviam vários pixadores com agenda pedindo que Pirado assinasse. Sentamos no mesmo banco e conversamos por longos quarenta minutos que passaram muito rápido numa conversa agradável e esclarecedora diante de algumas questões minhas.

Já são umas 19:30h e ao nosso lado está o Saimo VDM que também aproveito para entrevistar já que ele além de pixador é grafiteiro de *bombs*. Estamos conversando principalmente sobre as questões que intercedem o pixo e o graffiti quando de repente alguns jovens começam a escalar o comércio de frente a avenida, o Saimo diz: “Filma Juliana!” e eu me dou conta que estou com a câmera na mochila, paro a gravação deixo todo meu material com ele e atravesso a avenida pra fotografar. Tem uns dois lá em cima, é uma altura de uns 12 metros, eles ficam na beira do prédio tórax e braços pra fora, pixando de ponta cabeça. Daqui a pouco vejo quatro, cada um pixando lado a lado, enquanto o amigo da calçada filma toda a ação e sinaliza onde tem os espaços vazios. Quando olho para esquina vejo que uns estão subindo pra pixar a outra ponta por um poste e, sendo mais iluminado, me desloco pra lá para fazer mais fotos, acompanho-os subindo e descendo, toda ação dura uns 5 minutos. Do outro lado da pista muitos da quadra observam o fato, consigo fazer alguns boas fotos e volto pra continuar conversando com Saimo.

A gente ainda conversa mais uns quinze minutos e ele se questiona como irá voltar pra casa, nesse horário de domingo a carência de ônibus é maior, ele pergunta se minha volta passa pelo terminal da Parangaba e, eu que moro próximo, confirmo que lhe darei uma carona. Já são umas 20h30h quando saímos do José Walter, durante o percurso do carro Saimo me conta das saídas pra pixar que foram tensas pois a eminência de levar um tiro quase aconteceu, no caminho ele aponta “olha ali o Vampyro!”, eu digo “não acredito, perguntei a reunião toda por ele”, “pois tá ali ele com a galera”, e um grupo seguia a pé pela av. Perimetral. Logo depois ele também vê Cipó GZP um pixador que eu também esperava encontrar na reunião para entrevistar, um *fera das alturas* como é chamado.

O campo se encerra quando deixo Saimo na farmácia próximo ao terminal da Parangaba, chego em casa e já são mais de 21hs, nunca passei tanto tempo numa reunião acho que já estou acostumada e sinto menos perigo de permanecer nela.

APÊNDICE K - Diário de campo: 14 de dezembro de 2014

Evento – Entrevista no 3º Encontro de Graffiti VAN Crew Nordeste

Ontem Qroz VDM me contou que estava acontecendo o “3º Encontro de Graffiti VAN Crew Nordeste” na Cidade 2000, fiquei então de ligar para ele hoje para saber se Edu RAM estaria por lá. Quando liguei às 10:30h Qroz ainda estava pintando seu graffiti e não soube me dizer se Edu estaria por lá, então pedi que se ele visse Edu me ligasse. Ele me ligou 12:30h e avisou que Edu tinha chegado, agradei e disse que ia por lá, confirmei o nome da escola, EEFM Arquiteto Rogério Fróes.

Almocei, me arrumei e fui ver no computador a localização dessa escola, Cidade 2000 bairro distante do meu, caminho complexo pela via expressa, mas pensei “não posso perder essa oportunidade”, sou “amiga” de Edu RAM no Facebook, já participamos do mesmo evento de graffiti, mas quando falei com ele sobre minha pesquisa e que queria conversar com ele não obtive resposta na rede social, então essa é a oportunidade de encontrar um narrador-chave para minha pesquisa pois minhas melhores imagens tratam do trabalho dele.

Saí de casa 13:30h muito tensa com um percurso desconhecido, mas indo na fé de que daria certo. A cidade está com alguns novos percursos de túneis e viadutos, um bloqueio na avenida fez com que eu desviasse meu trajeto, mas depois consegui retomar. Quando avistei muros pintados de graffiti e grafiteiros na rua percebi que havia chegado na escola onde estava acontecendo esse evento, estacionei o carro.

Muitos muros em execução, cumprimentei o grafiteiro Isleudo e perguntei por Qroz e Edu ele disse que estavam pintando do outro lado do muro, fui caminhando até encontrar outro grupo de uns oito grafiteiros alguns conversando e descansando na sombra, inclusive Qroz que já havia terminado sua pintura, e outros ainda no muro debaixo do sol das 14hs, como Edu.

Cumprimentei Qroz, conversamos um pouco, ele me mostrou seu trabalho e comecei a fotografar o longo muro de uns quarenta metros até chegar próximo a Edu que pintava na última ponta da direita. Um senhor morador também fotografava os trabalhos e ora elogiava. Edu ia e vinha, entre muro e sua mochila com sprays, seu trabalho já estava quase finalizado, numa parada mais longa dele o cumprimentei e perguntei se havia possibilidade dele conversar comigo sobre graffiti e pixação quando terminasse, ele logo foi dizendo “graffiti e pixação é complicado”, nesse momento achei que toda minha viagem fosse em vão e que ele não cederia uma entrevista. Eu falei “quando tu terminar, coisa rápida de trinta minutos”, ele disse “ixi, é muito conversa” e riu confirmando com a cabeça.

Daí fiquei tranqüila e voltei para sombra, me sentei próximo dos outros e preparei novas perguntas para Edu já que meu questionário era mais voltado para pixadores, o que aprontei para entrevistar Vampyro AC. Demorou bastante até que Edu viesse falar comigo, até pensei que ele não viria mais, que estava fazendo hora. Até que se aproximou e me chamou, nos afastamos do grupo, pedi permissão para gravar e iniciei minhas perguntas.

A conversa se desenrolou bem, minhas novas perguntas foram importantes para delinear os assuntos do meu interesse e não ficar vácuo durante a conversa, quando comecei a perguntar

sobre a relação graffiti e pixação mostrei as fotos de seus trabalhos e ele comentou-os. No final agradei sua disponibilidade e perguntei se ele gostaria de ver minhas outras fotos, de pronto ele disse que sim, pois “eu tinha fotos muito massa”, então eu mantive o gravador ligado o que foi bem bacana, pois ele fez leitura de outras imagens e teceu comentários interessantes.

Agradei novamente e desliguei o gravador, ele saiu. Pensei “poxa esqueci de pedir que assinasse meu caderninho, será que ele vai se importar?” me pus em dúvida se era adequado eu pegar sua assinatura já que ele é um grafiteiro do estilo realista e de personagens, mas tive coragem e fui atrás dele com uma caneta “Edu tu pode assinar pra mim?”, ele disse “Claro, ah e vou fazer de Posca” me devolvendo minha caneta. Alguns minutos atrás eles estavam comprando essas canetas Posca, específicas pra arte urbana, então Edu resolveu inaugurá-las no meu caderno. Fiquei por ali, arrumando minha mochila enquanto ele fazia um bomb da RAM, voltei pro muro para fotografar mais, retornei e vi que Edu ainda estava desenhando, usou duas cores, pensei “massa, ta colorindo, o único no meu caderno de assinaturas”, o fotografei desenhando até que ele finalizou, agradei novamente. “Pronto, missão cumprida” pensei.

Fiquei tranqüila e feliz com a entrevista, “agora tenho que saber voltar pra casa e antes que escureça”, peguei meus mapas de novo para ver caminhos de volta. Os grafiteiros também estavam indo embora e se despediam uns dos outros e de mim também. Segura do caminho cumprimentei de novo Qroz que ainda estava ali e me despedi.

Ao retornar para o carro meu cruzo com a grafiteira Vivi VTS, a cumprimento e pergunto pelo seu esposo. Nos outros muros mais grafiteiros por ali, somente um finalizando a pintura, o Isleudo. Cumprimento Mils VTS, esposo da Vivi, pergunto pelo Doug IAC e fico sabendo que ele já tinha ido embora.

Diante dos vários muros pintados penso como esse encontro foi realmente bom, ao redor da escola e do posto de saúde está tudo grafitado cerca de uns cinco muros, sendo dois deles de mais de quarenta metros, pego minha câmera e tento fotografar a maioria, faço fotos panorâmicas dentre outras, são quase 17hs quando vou embora.